

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
PUC-SP

Lívia Maria Coelho

“Caras Pintadas”: a juventude estudantil em 1992 e suas imagens em movimento

Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade

São Paulo
2021

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
PUC-SP

Lívia Maria Coelho

“Caras Pintadas”: a juventude estudantil em 1992 e suas imagens em movimento

Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção de MESTRE em Educação no PEPG-EHPS, sob orientação da Profa. Dr^a. Katya Mitsuko Zuquim Braghini.

Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade

São Paulo
2021

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 88887.314317/2019-00

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 88887.314317/2019-00

Fazer uma pesquisa de mestrado já não é a coisa mais fácil e simples do mundo. Fazer 85% da pesquisa durante uma pandemia, na qual todos os arquivos, acervos e bibliotecas estão fechados é mais complexo ainda, então esses agradecimentos se tornam duplamente mais importantes. Começo agradecendo às três mulheres mais importantes da minha vida, Claudia, Ivete e Semiramis. Sem vocês eu não seria quem sou, não teria desenvolvido tanta paixão e ímpeto por estudar, e jamais teria chegado até aqui.

Ao longo da vida tive muitas professoras que me inspiraram e exerceram um papel fundamental no meu desenvolvimento, mas tem duas, em específico, que precisam constar neste texto. Ana Paula Ferreira da Silva, obrigada por ter me apresentado ao mundo acadêmico, por ter me direcionado para este programa. Obrigada por não soltar minha mão desde o momento em que eu, no terceiro semestre da minha primeira graduação, decidi que você seria minha mentora neste percurso. Obrigada por continuar aqui, participando da minha banca. Toda contribuição que vem de você é gigante. Por fim, muito obrigada por ter me apresentado para Katya Braghini, a quem agradeço agora, por ter sido a melhor orientadora que eu poderia pedir durante um momento tão incerto quanto o que vivemos durante esta pesquisa. Obrigada por ter entendido e respeitado meus momentos, por ter sempre me orientado com clareza, gentileza e inteligência. Mas acima de qualquer outra coisa, obrigada por ter feito eu acreditar que seria capaz de escrever cada uma das páginas desta dissertação, quando eu achei que não conseguiria. Agradeço também a João do Prado, que, como banca deste trabalho, trouxe ideias e perspectivas necessárias, que contribuíram demais para o desenvolvimento desta dissertação.

Ao PEPG em Educação: História, Política, Sociedade, todos seus professores e à Betinha, agradeço por constituírem um programa humano, lógico, desafiador, pouco burocrático e sempre consciente. Ter feito mestrado no EHPS foi a melhor decisão que eu poderia tomar.

Agradeço também a cada um dos amigos mais próximos, vocês sabem quem são, que tiraram um pouco o peso desta jornada, a encheram de risadas e, mesmo que à distância, se mantiveram presentes na minha vida. Vocês são essenciais. Menciono por nome apenas Eduardo Dias Junior, espero que todo mestrando e doutorando tenha a sorte de ter um amigo como você, que garante que cada vírgula esteja no lugar correto. Finalizo agradecendo ao Daniel, meu namorado, por ter me apoiado nesse longo caminho e ter me confortado quando as coisas não iam tão bem, sua presença faz com que tudo fique mais fácil.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
CAPÍTULO 1 - O MOVIMENTO DOS CARAS PINTADAS EM 1992.....	32
Manifestações pró-impeachment e o movimento estudantil.....	36
Pautas estudantis do movimento estudantil	50
CAPÍTULO 2 - A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E AS REPRESENTAÇÕES DE JUVENTUDE E ESTUDANTE.....	58
.....	58
Os anos rebeldes e a geração Coca-Cola: diferentes gerações diante do espelho .	72
CAPÍTULO 3 - OS SÍMBOLOS INERENTES AO MOVIMENTO: IRREVERÊNCIA A BATALHA DE REFERÊNCIAS.....	95
Mercantilização do movimento dos caras-pintadas.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	119
ANEXO 1 – Juventude pela Mídia.....	122
ANEXO 2 – MÚSICA “ALEGRIA, ALEGRIA”	123

Lista de figuras

Figura 1 - Capa Anjos Rebeldes	53
Figura 2 - Faixas para manifestação	55
Figura 3 - Collor vs Collor	62
Figura 4 - Collorgate.....	62
Figura 5 - Logotipo final	63
Figura 6 - Placar do impeachment nominal	63
Figura 7 - Placar do Impeachment 1ª folha	64
Figura 8 - Tempestade no Palácio do Planalto	65
Figura 9 - Charge informativa	66
Figura 10 - Aniversariante e fantasmas.....	66
Figura 11 - Desnudando o governo.....	67
Figura 12 - Morcego Negro.....	67
Figura 13 - Turma da Mônica e o Impeachment	68
Figura 14 - Limpando o Brasil	69
Figura 15 - “Voltamos para Ficar”	70
Figura 16 - Collor argentino.....	71
Figura 17 - Ato Isolado	71
Figura 18 - Batalha das Cores	72
Figura 19 - Charge Collor x estudantes	73
Figura 20 - Mosaico tribos juvenis	81
Figura 21 - Fatias de poder na UNE	85
Figura 22 - Caras Pintadas na Xuxa.....	92
Figura 23 - “Fora”, Paz e Anarquia	96
Figura 24 - O preto no rosto	96
Figura 25 - Rostos em verde e amarelo.....	97
Figura 26 - Guerra das cores	97
Figura 27 - Enterro simbólico de Collor	98
Figura 28 - Colorindo a mídia	99
Figura 29 - Jovens retomam as cores nacionais	100
Figura 30 - “Brasil Sim/Collor Não”	101
Figura 31 - CoLLor.....	102
Figura 32 - Anos Rebeldes. Próximo capítulo:	103

Figura 33 - RAP do Fernandinho.....	105
Figura 34 - Irreverência nas manifestações.....	111
Figura 35 - Caras Pintadas nas propagandas	113

Lista de abreviaturas

ABI	Associação Brasileira de Imprensa
ANJ	Associação Nacional de Jornais
AMES	Associação Municipal de Estudantes Secundaristas
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CGT	Central Geral dos Trabalhadores
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNI	Confederação Nacional da Indústria
CP	Caras Pintadas
CPI	Comissão parlamentar de inquérito
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
CUT	Central Única dos Trabalhadores
EBAL	Editora Brasil-América Limitada
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
FSP	Folha de São Paulo
IVC	Instituto Verificador de Comunicação
JN	Jornal Nacional
LBA	Legião Brasileira de Assistência
MASP	Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
ME	Movimento Estudantil
MEP	Movimento Ética na Política
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
OESP	O Estado de S. Paulo
ONG	Organizações não governamentais
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PDS	Partido Democrático Social
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PFL	Partido da Frente Liberal
PM	Polícia Militar
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PNBE	Pensamento Nacional das Bases Empresariais
PRN	Partido da Reconstrução Nacional
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
SERTE	Serviços de Educação de Rádio e Televisão
SVP	São Vicente de Paulo
UBES	União Brasileira dos Estudantes Secundaristas
UEE	União Estadual dos Estudantes
UMES	União Municipal dos Estudantes Secundaristas
UNE	União Nacional dos Estudantes
USP	Universidade de São Paulo

Resumo

Este trabalho visa entender historicamente a atuação da juventude e do movimento estudantil organizado na construção e articulação dos atos historicamente conhecidos por “Caras Pintadas” (CP). Esse movimento político aparece nos trabalhos acadêmicos principalmente a partir de uma análise jornalística e/ou sendo considerado como um movimento social, ou então, em alguns casos, como um movimento estudantil estritamente universitário, organizado pela União Nacional dos Estudantes (UNE). Este trabalho pretende uma análise que reconheça o movimento dos Cara Pintadas como movimento estudantil, construído por membros do ensino secundário e universitário, que possui pautas próprias que o caracterizam como tal. Estuda a constituição do movimento em paralelo ao processo de Impeachment do então Presidente Fernando Collor, bem como as atividades estudantis ao longo dos manifestos, suas ações, simbolismos, e práticas inovadoras de contestação social. Parte da análise está centrada em como as grandes mídias retrataram o movimento e como estes veículos de comunicação tiveram um papel relevante na caracterização dos próprios caras-pintadas. Para tanto foram estudados diferentes documentos, tais como, revistas, jornais e reportagens televisivas do período de julho/1991 a julho/1993, além de documentários que abordaram o tema. Como resultado, sobre o próprio movimento, aponta o caráter inovador juvenil de musicalidade, paródia e gozo do processo político para a destituição de um Presidente da República.

Palavras-chave: caras-pintadas, movimento estudantil, movimento social, impeachment; Fernando Collor.

Abstract

This work intends to historically comprehend the youth action and the organized student's movement in the development and articulation of the events known as "Caras Pintadas" (CP). This political movement appears in academical papers mostly through journalistic points of view and/or being considered as a social movement, or even as a strictly university student's movement, organized by the União Nacional dos Estudantes (UNE). This dissertation intends an analysis that understand the Cara Pintada movement as a student's movement, built by high school students and college students, who possess their own agenda as such. Also, studies the movement constitution in parallel with the President Fernando Collor's impeachment investigation and the student's activities along the protests, their actions, symbols, and innovative ways of social contestation. Part of the analysis focus on how mass medias showed the movement and how these communication vehicles played a role in the characterization of caras-pintadas. To do so, different documents were utilized, as magazines, papers, and television news report between July/1991 and July/1993, as well as documentaries that mentioned the theme. The results about the movement points to the innovative youth aspect of musicality, parody, and enjoyment during the destitution process of the Brazilian President.

Palavras-chave: caras-pintadas, student's movement, social movement, impeachment; Fernando Collor.

1. INTRODUÇÃO

Como pesquisadora, os temas acerca da juventude sempre me intrigaram, em especial os que abordam formas de articulação política, mobilização social e a relação destes aspectos com o campo da educação. Como trabalho de conclusão de curso da licenciatura em Ciências Biológicas, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, desenvolvi uma pesquisa monográfica¹ acerca do movimento estudantil (ME) secundarista dos anos de 2015 e 2016, que se mobilizou contra a proposta de reorganização escolar do então Governador de São Paulo Geraldo Alckmin, visando compreender como se deu a mobilização dos estudantes, quais foram seus objetivos e interesses e, por fim, quais foram os atores que os influenciaram além de como esta influência se deu².

A partir desta pesquisa, compreendi o quão importante e significativa é a atuação dos estudantes do ensino secundário no campo dos movimentos sociais ao longo da história, tendo notado também que o tema é pouco discutido na literatura acadêmica, que geralmente tem como foco os movimentos estudantis universitários, causando uma escassez de trabalhos que possam servir como referencial teórico para este caso específico. Desta forma, o tema movimento estudantil, especialmente com recorte para o ensino secundário, me intriga, causando o interesse pelo desenvolvimento desta pesquisa.

Ao iniciar o mestrado e realizar um primeiro levantamento de dados sobre o histórico dos movimentos estudantis, me deparei com um documentário intitulado “História do Movimento Estudantil”, produzido em comemoração aos 70 anos da União Nacional dos Estudantes (UNE), no qual havia uma menção à participação de estudantes de ensino médio na articulação e organização das mobilizações que ficaram conhecidas como “Movimento dos Caras Pintadas”. Esta informação me surpreendeu pois, até então, eu só tinha conhecimento do envolvimento de estudantes universitários no movimento pró-impeachment de Fernando Affonso Collor de Mello em 1992. Esta nova informação me fez perceber as lacunas existentes na historiografia sobre o assunto, jogando luz a possibilidade de novos entendimentos do tema, em relação ao movimento estudantil e

¹ Trabalho orientado por Prof^o Cássio Másculo, com indispensável contribuição de Prof^a Ana Paula Ferreira da Silva.

² Em 2015 o então governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, aprovou uma proposta de reorganização das escolas estaduais do estado. Esta reorganização levaria ao fechamento de 91 escolas, acarretando a superlotação das remanescentes. Contra esta proposta, os estudantes secundaristas se organizaram para ocupar as escolas, até que a reorganização fosse cancelada. Ao todo mais de 200 escolas permaneceram ocupadas; manifestações e passeatas também foram organizadas até que Alckmin cedeu às mobilizações e cancelou a reorganização.

suas relações com o movimento político, permitindo, desta forma, que perguntas de pesquisa se formassem.

Tendo isto em vista, passei a pesquisar o movimento intitulado “Caras Pintadas” (CP), que aconteceu no ano de 1992, e visava o *impeachment* do então Presidente, que foi pouco estudado no âmbito histórico e sociológico. Grande parte das pesquisas encontradas nos principais bancos de dados, sob os descritores individuais e combinados “caras pintadas”, “fora Collor”, “Caras-Pintadas”, “Movimento estudantil”, “1992”, entre outros, são voltadas às análises que pretendem compreender o que a imprensa da época pensava sobre o evento, e a análise de discurso dos principais meios de comunicação e imprensa da época é tida como objeto de estudo.

O trabalho de Beltrame (2017) segue a linha desse tipo de análise focando o ponto de vista do jornalismo. Tal produção elabora um detalhado acompanhamento diário dos acontecimentos da época, divulgados pelos principais jornais e revistas em circulação em 1992. Essa obra visa a apresentação do contexto sobre a construção da mobilização social organizada, indicando aquilo que os jornais retratavam como ideia geral sobre o movimento na sua relação com a dinâmica política federal.

A dissertação de Pujol (2017) tece uma análise sobre o governo Collor pelo ponto de vista jurídico explicando o impeachment enquanto ferramenta judicial. Além disso, explicita o que são os crimes de responsabilidade pelos quais o então presidente estava sendo acusado, quais eram suas pautas de governo e como isso impactava a sociedade. Ademais, aborda a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) de Paulo César Farias, que ficou conhecida como “CPI do PC Farias”, e os aspectos e contextos jurídicos que embasaram a queda do presidente.

Barbosa (2002) analisa os movimentos sociais dos anos 1980 e 1990 a partir da comparação com os movimentos estudantis dos anos 1960 e 1970, buscando possíveis causas para a desarticulação do movimento estudantil (ME) como entidade nacional. A autora evidencia a “partidarização descontrolada” (BARBOSA, 2002, p. 5) do movimento, e aponta esta como uma das causas para a sua desestruturação, supondo que os partidos políticos assumiram a liderança das mobilizações, tomando decisões que cumpririam os interesses do próprio partido e não da classe estudantil.

Tal partidarização do ME e especificamente dos “Caras Pintadas” também é discutida por Mishe (2007), que dedica um capítulo de seu livro a analisar as relações entre os diferentes grupos sociais que participaram da construção e articulação da mobilização de 1992. A autora menciona a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB),

organizações religiosas, organizações não governamentais (ONG), e outras várias instituições/grupos que foram essenciais para o movimento, mas que não foram tão noticiadas quanto a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), enquanto liderança. Quanto aos partidos políticos afirma que estes, mesmo que de forma menos direta e explícita, foram responsáveis por vínculos importantíssimos para que os eventos tenham se sucedido da forma que aconteceram. A sociedade civil e a mídia³ da época se mostravam céticas a respeito da participação dos partidos políticos no CP. A autora, entretanto, afirma que o fato de as principais lideranças estudantis serem filiadas a partidos políticos fez com que as suas influências tenham sido mais sutis e mais relacionadas à construção de coalizões do que com a parte organizacional e de recrutamento. Além disso, pontua que a filiação a determinados partidos políticos fez com que alguns dos estudantes se tornassem líderes do movimento, enquanto outros permaneciam fora do holofote.

A heterogeneidade do público que participou dos CP era tão grande, que, segundo Mische (2007) a participação suprimida dos partidos políticos era essencial para que a estrutura do movimento se mantivesse, tendo em vista as diferenças ideológicas entre os múltiplos grupos que se manifestavam juntos pela “Ética na Política”, nome da coalisão constituída no início dos anos 1990 (GOHN, 2009) e para que os líderes das diversas organizações que participaram do planejamento do movimento conseguissem dialogar e chegar a conclusões acerca do destino das mobilizações. Desta forma, apesar da supressão dos partidos, a presença deles era vital pois,

Este tipo de ponte [estabelecida pelos partidos] pode ser importante para a construção de públicos, ou seja, relações momentaneamente equalizadas e sincronizadas entre atores divergentes ou rivais, permitindo uma elevada comunicação e ação conjunta (MISCHE, 1997, p. 136).⁴

O Movimento Ética na Política (MEP) era composto por cerca de 260 entidades, fora convocado pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), e tinha como principais entidades a Central Única dos Trabalhadores (CUT), a Central Geral dos Trabalhadores

³ O termo “mídia” é conceituado como “conjunto dos meios de comunicação existentes em uma área, ou disponíveis para uma determinada estratégia de comunicação [...] costuma-se classificar os veículos em duas categorias: mídia impressa (jornal, revista, folheto, etc.) e mídia eletrônica (TV, rádio, CD, vídeo, cinema, etc.), segundo o Dicionário de Comunicação escrito por Rabaça & Barbosa (2003, p. 490)

⁴ Tradução livre de: “This type of bridging can be important to the construction of publics, that is, momentarily equalized and synchronized relations among heterogeneous or contending actors, allowing for heightened communication and joint action” (MISCHE, 1997, p. 136).

(CGT), o Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) (MARTUSCELLI, 2016). Ainda segundo o autor,

o MEP era formado principalmente por sindicatos, entidades ligadas à Igreja Católica, várias seções da OAB e poucas entidades estudantis. Embora o MEP tenha tido influência no movimento “Fora Collor”, foram os estudantes secundaristas que constituíram a força motriz ou mobilizadora dos protestos (MARTUSCELLI, 2016, p.12).

A respeito do movimento CP, mais especificamente, mas ainda levando em consideração sua contextualização histórica, Mische (1997) analisa o movimento tendo como objetivo a compreensão de alguns conceitos como a definição de cidadania e identidade cívica dos manifestantes, buscando também uma diferenciação entre os Caras Pintadas e os movimentos estudantis dos anos 1960.

Mische (1997) não considera que este movimento possa ser definido como “movimento estudantil”, como afirmação de uma população jovem especificamente. Julga que o movimento era diverso, com a presença dos movimentos de trabalhadores e organizações religiosas, por exemplo, que apoiaram e participaram de forma ativa, tanto quanto o grupo estudantil nos atos. Portanto, tratava-se de uma manifestação geral, e não específica a um grupo, segundo a pesquisadora. A autora também faz algumas análises de discursos das reportagens da época, apontando como os diferentes veículos retratavam o movimento de formas opostas, ora frisando a ausência de posicionamento político, ora vinculando-os a partidos de esquerda, muitas vezes de maneira pejorativa.

Souza Santos (2018) também constrói uma análise do movimento em sua tese, entretanto observa os CP como um movimento estudantil, que tem vinculação direta com partidos políticos, e que foi construído tendo como lideranças a UNE e a UBES. A autora analisa o movimento a partir de uma “perspectiva marxista”, considerando que um dos principais motivadores das ações foi o rechaço ao plano de governo neoliberal que Fernando Collor propunha, o que levou a uma mobilização que tinha preocupações relacionadas à classe trabalhadora, em que a juventude estudantil se caracterizou como a principal fonte de luta contra o sistema capitalista.

Araújo (2007) também aborda a UNE e a UBES como sendo as principais instituições organizadoras do movimento, mencionando alguns partidos políticos, principalmente o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) como sendo os articuladores, em segundo plano, da mobilização propriamente juvenil e estudantil.

Tendo isso em vista, a falta de trabalhos que articulem a mobilização dos estudantes universitários e secundaristas com o movimento Caras Pintadas se fez notar. Por este motivo, este trabalho tem o objetivo de descrever e analisar historicamente a atuação da juventude e do movimento estudantil organizado na construção e articulação do movimento “Caras Pintadas”, procurando destacar o papel dos estudantes a partir da identificação e análise da constituição do movimento e seus atores, com base principalmente nas visões e representações que a imprensa veiculava sobre o movimento em relação aos atos de práticas de estudantes universitários e secundaristas que passaram a ser denominados “Cara Pintadas”.

Desta forma, as perguntas de pesquisa que direcionam este trabalho são: O que foi o movimento dos Caras Pintadas? Como a imprensa, principalmente as jornalísticas, apresentavam o movimento e a ação dos jovens estudantes? Como eram caracterizadas suas ações e práticas? Quais são os simbolismos juvenis construídos pelo movimento e que passaram à história pela observação da imprensa? Afinal qual era a relação entre mídia e as manifestações dos cara-pintadas durante o processo de deposição de Fernando Collor de Mello, em 1992?

Tem-se por hipótese a ideia de que o movimento que ficou conhecido como Caras Pintadas tinha como característica ser um movimento estudantil, com intensa participação de universitários e secundaristas, que se articulavam com outros grupos sociais, organizações, sindicatos, e com a sociedade em geral, e que em grande medida, o caráter juvenil do movimento passou a ser significativo para a adesão de outros segmentos sociais. Se supõe que a imprensa, tanto impressa quanto televisiva, tem papel fundamental para o fomento de tais ações dos estudantes, gerando um imaginário de jovialidade e irreverência que buscava qualificar a ação estudantil de modo a estabelecer uma imagem aceitável de movimento político.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A historiografia mostra algumas dubiedades no que tange o caráter atribuído ao movimento como sendo um movimento estudantil ou não, e, para melhor entendimento desta característica, é importante compreender o que é o movimento social e suas diferenças e similaridades com o ME. O termo “movimento estudantil” tem sido usado com muita frequência há muitas décadas referindo-se a uma variedade de mobilizações a quem nem sempre caberia o uso do termo; a confusão se estabelece por uma falta de compreensão acerca das diferenças entre movimento estudantil, ação coletiva e organização estudantil (BRINGEL, 2009; 2012)

[...] as lutas, reivindicações e ações coletivas dos estudantes, somente se traduzem em um movimento estudantil quando articulam uma série de elementos mínimos, que também estão presentes nos demais movimentos sociais: definição de reivindicações, demandas e objetivos coletivos; exposição dessa problemática a interlocutores políticos por meio de diferentes estratégias e repertórios de ações coletivas; mínima organização com certo grau de continuidade no tempo; caráter não institucional; trabalho comum que leva à construção de uma identidade coletiva, mesmo que incipiente (BRINGEL, 2009, p.102).

Tendo em vista todos estes aspectos similares entre ME e movimentos sociais, os movimentos estudantis se mostram realmente difíceis de caracterizar e conceituar; o autor afirma ainda que o movimento estudantil é um movimento social *sui generis*, que apresenta todas as características clássicas dos movimentos sociais, somado a particularidades próprias. Para sustentar sua perspectiva Feuer (1969 *apud* BRINGEL, 2009) afirma que o movimento estudantil, diferentemente dos outros movimentos sociais, está estruturado em um conflito geracional, que carrega consigo um aspecto próprio de temporalidade relacionado aos períodos escolares e universitários.

Como mencionado anteriormente, a caracterização de movimento estudantil enquanto tal é complexa e deve-se levar em consideração diversas características para que essa definição possa ser efetivada. Movimentos estudantis possuem uma forte delimitação temporal, tendo em vista que estão intrinsecamente relacionados ao período em que se desenvolve o processo educativo, seja ele básico, em nível de graduação ou pós-graduação. Desta forma, cada movimento estudantil tem uma identidade específica, cunhada a partir da realidade de cada momento histórico em que esteve inserido, levando em conta elementos que geram uma identificação pelo estatuto civil, e que estão em idade escolar. Devemos levar em conta que o caráter essencial de que o movimento seja qualificado como “estudantil” é o fato de haver o estatuto civil “estudante” e que,

portanto, diz respeito aos interesses de caráter educacional, o que não os impede de agremiação em outras pautas sociais e políticas, já que são uma força social em potencial.

No caso dos Caras Pintadas, tratava-se da geração estudantil de 1992, tanto os que cumpriam o ensino secundário quanto os que cursavam a graduação; os CP possuíam características próprias, como a irreverência na forma de se manifestar, o caráter leve e até cômico das palavras de ordem e músicas, conforme foram marcados nos registros documentais. Além disso, a forte comparação da juventude de 1992 com a de 1968, feita não somente pela mídia, mas também pelos próprios jovens, também caracterizava o movimento, que teve atribuído a si o peso de restabelecer a participação ativa e política da juventude estudantil brasileira.

A isso se relaciona o trabalho de Mannheim (1982), que tem como objeto de análise a conceituação do termo “geração” e o que significa estar em “situação geracional”. Para o autor, o conceito de geração não é estático e delimitado por fragmentos temporais, e, portanto, tece uma crítica à tentativa de classificação e organização arbitrárias em blocos biológicos e cronológicos do que na verdade são comportamentos sociais. Por exemplo, podemos ver isso historicamente, a geração jovem e estudantil de 1992 era inteiramente classificada como alienada, desinteressada, rotulada como “geração *coca-cola*” ou “geração *shopping mall*”, em contrapartida à geração estudantil de 1968, que era classificada como revolucionária, militante, e extremamente vinculada à política. Isso é, “uma geração” não é apenas um bloco social homogêneo que luta em embates com gerações diferenciadas. Blocos geracionais convivem em um mesmo tempo, e o que se vê é o contato entre diferentes blocos etários e diferentes representações sociais em relacionamento com a passagem de tempo. Portanto, uma geração jovem convive tanto com suas próprias ações, como juventude, e ao mesmo tempo, com as representações e embates sobre ela mesma, postuladas por outras frações sociais, como os mais velhos, idosos e crianças.

Esta pesquisa parte de uma perspectiva de análise histórica. Veyne (1998) define a história como sendo uma narrativa de eventos e, como tal, não tem a pretensão de ser completa. Trata-se sempre de uma narração, da compreensão de uma perspectiva que tem por objetivo selecionar, organizar e simplificar os eventos que são narrados acerca de um acontecimento pela história, de forma que tais acontecimentos sejam apreendidos de maneira incompleta e lateral, por documentos ou testemunhos. As perspectivas sobre um mesmo evento são múltiplas e todas partícipes da construção histórica.

O campo da pesquisa histórica tem como uma de suas funções e objetivos, segundo Chartier (1988), a compreensão do modo como “em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. O autor acrescenta ainda que “as lutas de representação têm tanta importância como as lutas econômicas, para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus” (CHARTIER, 1988, p.16-17). As representações coletivas são as que verdadeiramente têm peso na pesquisa histórica, pois são elas que exercem função de coesão social, que geram comportamentos e demarcam, desta forma, o campo social (CAMPOS, 2007). Portanto, a possibilidade de compreensão da atividade do movimento estudantil diz respeito tanto ao estudo de suas próprias ações, quanto ao que é constituído como forma de concebê-lo como tal, por meio do estudo documental. Neste caso, a pesquisa pondera o papel de diferentes mídias, mas principalmente da imprensa, sobre a construção de representações sobre estudantes e juventude durante o movimento denominado “caras-pintadas”, pensando as diferentes modelagens dadas às formas de compreender a juventude estudantil enquanto atua em um movimento político.

Sendo uma pesquisa de caráter histórico, está amparada em estudo de documentação veiculada à época. Como documentos históricos compreende-se tudo aquilo que deixa registro de um determinado período. Documentos são transformados em fontes históricas quando há perguntas que deles retiram informações de pesquisas. O documento é um registro radical, pois diz respeito aos registros históricos que são resultados de seu local de produção. Podem ser documentos históricos, registros escritos, orais, objetos, roupas, fotografias, entre outros (JANOTTI, 2005).

A análise dos documentos que compõem este trabalho deve ser feita com fundamentação e cautela, tendo em vista que são documentos jornalísticos, televisivos, impressos, fotográficos e iconográficos. Levando em consideração a variedade de documentos, segue uma análise sobre os estudos históricos específicos a cada tipo de documentação.

Desta forma, suas narrativas são construídas a partir de uma intenção específica de cada veículo, permeadas por conteúdos ideológicos, e pautadas em crenças de seus produtores. Traquina (2005) apresenta o jornalismo como “Quarto Poder”, tendo em vista que é socialmente legitimado, tem poder de controle social e é um dos principais construtores de crenças e hábitos, sendo distribuidor de formas de ser ao conjunto social. Este autor discute, também, a dificuldade que alguns setores sociais têm de serem

retratados na mídia, citando em específico os movimentos sociais. O pesquisador afirma que estes precisam adaptar-se aos formatos organizacionais do jornalismo para que sejam transformados em pauta, transformando-se em atrativos para jornalistas e passíveis de publicitação (TRAQUINA, 2011, p. 198). Isto é, reportagens de jornal são analisadas pensando-as como mensagens de interesse do grupo que as produz e a associação de interesses que as compõe, levando em consideração que jornais, normalmente, são entidades privadas com interesses vinculados ao seu público majoritário.

No caso do uso de reportagens televisivas e documentários como fontes é importante perceber que as cenas são estruturadas e filmadas, portanto, se apresentam como narrativas de quem olha e evidencia a imagem. Os momentos escolhidos para gravação, os ângulos e os planos de filmagem podem afetar a forma como a realidade é transmitida, podendo chegar ao extremo de alterá-la completamente. Por isso a necessidade de articular a imagem apresentada, seus aspectos visuais e estéticos com o conteúdo narrativo embutido naquele produto (NAPOLITANO, 2005). Inclusive não se pode deixar de compreender que mensagens televisivas são editadas, e por isso, carregam consigo forma de ver o mundo e de fazer ver o mundo, trazendo em suas materialidades composições morais e estéticas que se fazem valer como verdadeiras mediante a sua relação com o público. Por isso, há importância na utilização de múltiplas fontes de informação para o estudo de um mesmo evento.

Esse autor também discute o fato de que algumas fontes de informação tradicionais são consideradas pela população como sendo absolutamente fiéis e imparciais, reflexos diretos da realidade, o que torna importante reforçar o cuidado para não submeter o trabalho a este tipo de falácia, principalmente considerando o atual momento histórico em que as “*fake news*”, notícias falsas criadas geralmente para difamar algo ou alguém, são propagadas às vezes como verdades, mas às vezes, simplesmente como demarcadoras de narrativas não comprovadas, mas absorvidas durante a sua circulação na sociedade.

Thompson (2011) afirma que, a partir do momento em que surgem os diversos meios de comunicação, a interação entre os indivíduos se desloca do ambiente físico, tendo em vista que a presença face a face não é mais necessária. Este deslocamento cria também novas possibilidades de “ação a distância”, fazendo com que indivíduos consigam responder a ações em longas distâncias, estabelecendo vínculos mais amplos. O autor estabelece três tipos diferentes de interação criados pelo uso dos meios de comunicação, sendo estes a “interação face a face”, “interação mediada” e “quase-interação mediada”. A primeira, como o nome sugere, é estabelecida em um contexto

presencial em espaço e tempo e pressupõe possibilidade de diálogo acompanhado do uso de simbologias transpostas pelas expressões faciais, tato, olfato, etc.; a interação mediada abrange um meio técnico, podendo ser o papel no caso das cartas, o telefone, entre outros. Neste caso, como as possibilidades de deixas simbólicas são reduzidas (expressões faciais e entonação da voz, por exemplo), os diálogos requerem maior clareza para compreensão. Já o terceiro tipo de interação, que possui maior relevância para este trabalho, é aquele estabelecido pela mídia, chamado de “quase-interação mediada”, também se dissemina, como o anterior, ao longo do espaço e do tempo; diferentemente dos dois tipos anteriores, este não possui um limite de receptores e é do tipo monológica, tendo em vista que o receptor não tem possibilidade de resposta e é, portanto, uma “quase-interação”.

A televisão possui uma característica específica de quase-interação mediada, pois tem a capacidade de deslocar o telespectador para um outro espaço-tempo, fazendo com que ele se sinta presente no momento que está sendo retratado. Para além disso, esta relação cria nos receptores da informação, na população, a sensação de que conhecem os produtores, os repórteres, gerando antipatias ou simpatias, construindo sensação de confiança na informação passada ou desconfiança; os telejornais, reportagens, entre outros, causam, também, o que Thompson (2011) chama *de formas conjuntas de ação responsiva*, caracterizadas pela reação semelhante que diversas pessoas tem ao assistir a uma mesma mensagem veiculada pela televisão, mesmo sem ter havido comunicação entre estes indivíduos. Podemos relacionar estes conceitos do autor com três situações referentes aos CP; a adesão da população às manifestações, conforme foram sendo temas de reportagens; a influência que a minissérie “Anos Rebeldes”⁵ teve nos estudantes, que se inspiraram, em algum nível, a mobilizar-se e a reação social coletiva de sair às ruas de preto em resposta à solicitação do presidente para que as pessoas saíssem vestindo as cores da bandeira do país, em apoio a seu governo e a sua pessoa.

Ainda sobre o poder que a mídia tem, Abramo (2003, p.58) faz uma análise sobre a manipulação que a imprensa brasileira realiza ao escrever sobre a realidade, comparando-a à distorção que um espelho deformado causa no objeto refletido. O reflexo tem algo a ver com o objeto, em algum aspecto se assemelha a ele, porém trata-se, na verdade, da “imagem de outro objeto que não corresponde ao objeto real”; dessa forma a

⁵ Anos Rebeldes foi uma minissérie de 20 capítulos, televisionada pela Rede Globo e criada por Gilberto Braga. O primeiro capítulo foi ao ar em 14 de julho de 1992 e o episódio final em 14 de agosto do mesmo ano. O enredo acompanha um grupo de colegas de um colégio tradicional do Rio de Janeiro desde o ano de 1964, em que a ditadura militar é instaurada, até 1985. Foi considerada a continuação de “Anos Dourados”, minissérie exibida em 1986 e que retratava os anos 50.

sociedade acaba tendo acesso, por meio dos jornais, revistas, telejornais, entre outros, a uma realidade artificial. O autor chega à conclusão de que a “manipulação pela distorção da realidade pela manipulação da informação é *deliberada, tem um significado e um propósito*” e observa quatro padrões de manipulação da realidade pela imprensa, e mais um específico para o telejornalismo, sendo eles: padrão de ocultação, padrão de fragmentação, padrão de inversão, padrão da indução e o padrão global (dividido em três momentos), que é específico para o jornalismo de televisão e rádio.

O primeiro, padrão de ocultação, refere-se aos “fatos jornalísticos” e aos “fatos não jornalísticos” que são denominações criadas pela imprensa como justificativa para a inclusão ou não de acontecimentos nas pautas. O que define o que é assunto a ser publicado e debatido e o que deve ser ignorado não são características intrínsecas ao fato, mas sim a forma como determinado veículo da imprensa interpreta o real e com ele dialoga (ou escolhe não dialogar). Aquilo que não é considerado “fato jornalístico” passa então a não ser considerado real, tendo em vista que o leitor consumidor daquele canal de informações não vai entrar em contato com a existência do fato por meio da imprensa, configurando-se, portanto, em uma forma de manipulação (ABRAMO, 2003, p.40).

O padrão de fragmentação, como o nome sugere, se relaciona, segundo o autor, com o processo no qual determinado fato é fragmentado, apresentado ao público de forma isolada de suas causas, consequências, de seus vínculos; duas etapas são necessárias para a construção deste tipo de manipulação, a *seleção de aspectos do fato* e a *descontextualização*. O primeiro processo envolve o fracionamento do fato em múltiplos aspectos que serão ou não validados como aptos para publicação. A descontextualização é consequência do processo anterior, tendo em vista que ao decompor um fato, isolando-o em seus vários aspectos, seu significado e a informação a si intrínseca se perde, restando apenas o quebra cabeça montado de forma arbitrária pela imprensa (ABRAMO, 2003, p. 41).

O terceiro padrão de manipulação utilizado pela imprensa é o de inversão, que tem como função “organizar o quebra cabeça” a partir dos diversos fragmentos restantes do que anteriormente era um fato, de acordo com o que cada veículo considera relevante e qual cenário deseja apresentar a seu público. Esta inversão pode ocorrer de diversas formas, entre elas a relevância de cada aspecto pode ser alterada, atribuindo maior peso ao detalhe do que ao essencial, ou a inversão da forma pelo conteúdo, em que o “como se diz” tem mais valor do que aquilo que foi dito; a versão dada pelo fato, na qual a versão recebida ou criada pela imprensa torna-se o real; e por fim, a inversão da opinião pela

informação, consequência da utilização de todos os padrões anteriores, em que o que antes era um acontecimento, uma realidade, se transforma na opinião de quem constitui a reportagem, por exemplo (ABRAMO, 2003, p.43).

O padrão da indução é caracterizado pelo autor como sendo a submissão “ora mais, ora menos, mas sistemática e constantemente, aos demais padrões de manipulação, *o leitor é induzido a ver o mundo como ele não é, mas sim como querem que ele o veja*” (ABRAMO, 2003, p. 49).

O quinto e último padrão definido pelo autor e o único específico ao jornalismo televisivo e à rádio, é constituído por três momentos chave, que juntos configuram o “ciclo total”, “global”, a que se refere seu nome. O primeiro momento é o da Exposição do Fato, na qual o jornal, por exemplo, mostra ao público o fato sob seus aspectos mais sensacionalistas, apelando para o emocional; em seguida abre-se espaço para que a sociedade dê seu depoimento sobre o que se passou, servindo como testemunhas, por fim, a voz de uma autoridade é posta em cena para que a mensagem de ordem e a solução da questão seja apresentada (ABRAMO, 2003, p. 51).

Uma das ferramentas utilizadas pela mídia para legitimar o que inculca na população é a fotografia. Kossoy (2002) discute em seu trabalho o uso da fotografia dirigida, para este fim; segundo o autor, a fotografia tem a si atribuída um elevado status de credibilidade e é utilizada como “prova definitiva, “testemunho da verdade” do fato” (KOSSOY, 2002, p. 19). Apesar de ser um fragmento eternizado da realidade, a fotografia carrega em si, também, muito da construção feita através da lente, pelo fotógrafo, da realidade que ele escolheu eternizar. Trata-se justamente de um fragmento, que não pode ser tomado como absoluto. Kossoy (2002) afirma que a fotografia possui uma segunda realidade, realidade esta própria do documento, que foi construída, codificada, intencionada. Soulages (2005) reforça a concepção de Boris Kossoy, rechaçando a crença de que a fotografia é uma representação exata do “objeto-mundo”. O autor a considera uma produção de imagens interpretativas de fenômenos visíveis, que são inerentes a um período e espaço determinados. Quando utilizada pela mídia, constituindo o que é denominado “fotojornalismo”, esse caráter dirigido da fotografia deve ser levado ainda mais em consideração,

Fazer fotojornalismo não consiste (quase) nunca em mostrar o real, mas sim recortar do real o que corresponde à ideologia da revista que te paga, a imagem que dela se faz. Também é simplificá-lo até que seja imediatamente legível,

perceptível, ou seja, reduzido a sua mais simples expressão, asséptico, pré-cozido (BETSCH apud SOULAGES, 2005, p.42).⁶

Kossoy (2002) afirma que o uso da fotografia como documento histórico é sim de grande importância, e que seus significados são potencialmente atingíveis se seus fragmentos forem contextualizados na trama histórica, levando em consideração todos os seus aspectos sociais, políticos, econômicos, artísticos, religiosos, culturais etc. (KOSSOY, 2002, p.22).

Para compreender ainda melhor o quanto os veículos de comunicação estão relacionados à vida cotidiana e à forma como o povo se relaciona com eles, Hohlfeldt (1997) menciona em seu trabalho o caso envolvendo Fernando Collor de Mello ao explicar a *hipótese de agendamento*, que segundo o autor foi desenvolvida por Maxwell E. McCombs e Donald L. Shaw e consiste em esclarecer como a mídia detém o poder de influenciar o pensamento da população sobre algum determinado tema de seu interesse, a partir do *agendamento* do mesmo no cotidiano; apesar de não ser definidora direta de formas de pensar, ao retratar diariamente um assunto, mantendo o fluxo de informações constante, acaba por incluir no dia a dia da população determinado assunto.

O público passa então a incorporar as notícias e, desta forma, interessa-se por aquilo que os meios de comunicação desejavam inculcar, mantendo em suas preocupações temas que de outra forma não chegariam a seu conhecimento. O agendamento realizado pelos meios de comunicação não surte, portanto, efeitos imediatos, a curto prazo, e sim a médio e longo, considerando que existe a necessidade de manter o assunto em alta por algum tempo. Ao usar Collor como exemplo o autor indica que o processo de impeachment, o envolvimento da população e principalmente dos estudantes se deu, em grande parte, pois a mídia exerceu papel significativo “agendando” este assunto nos noticiários, jornais, revistas e nas rádios.

Durante as mobilizações dos CP a imprensa realizou extensa cobertura jornalística, noticiando não apenas os desencadeamentos jurídicos que assolavam o país durante o processo de impeachment, mas também toda a mobilização que o acompanhou, reforçando a hipótese de que houve *agendamento* do tema pela mídia. Esta ampla cobertura fez com que fosse necessário um processo de triagem e análise dos documentos, tendo em vista que muito do que aparecia a partir dos descritores de pesquisa no período

⁶ Tradução livre de: “Hacer fotoperiodismo no consiste (casi) nunca em mostrar lo real, sino em recortar de lo real do que corresponde a la ideología de la revista que te paga, a la imagen que de ella se hace. También es simplificarlo hasta que sea inmediatamente legible, perceptible, o se, reducido a su más simples expresión, aseptizado, precocido.”

de levantamento de documentação para desenvolvimento deste trabalho estava relacionado ao processo oficial e jurídico do impeachment, isto é, o detalhamento de todas as denúncias apresentadas acompanha a evolução dos acontecimentos de rua.

Tendo em vista que se tratava da emissora de maior audiência na época, a *Rede Globo de Televisão* foi escolhida como principal fonte de pesquisa no que diz respeito a reportagens televisivas, o que cabe uma discussão mais aprofundada sobre a participação dessa emissora na história do movimento político em si. No portal “*Memória Globo*”, da emissora, foram encontradas 11 reportagens sobre o tema, utilizando os descritores individuais e associados “*Caras Pintadas*”, “*Impeachment Collor*” e “*Fora Collor*”. Destas 11, 10 foram reportagens do “*Jornal Nacional*” (JN) e uma do “*Fantástico*”.

O *Grupo Globo* é o maior conglomerado de mídia do Brasil; tem a maior audiência em TV aberta com a *TV Globo* e suas filiadas, no sistema radiofônico com as rádios *Globo* e *CBN*, e nas mídias digitais com o portal G1. A *Rede Globo* tem um alcance que chega a praticamente 100% do território nacional. Propriedade da família Marinho, a *TV Globo* estreou no dia 26 de abril de 1965; em 1º de setembro de 1969 estreia o *Jornal Nacional*, primeiro programa brasileiro transmitido regularmente, ao vivo, para várias regiões do país e cujas reportagens serviram de fonte para este trabalho.

A *Rede Globo* apoiou o golpe de 1964 e, apesar de ter sofrido censura em algumas de suas produções e em seu jornalismo, teve no período ditatorial seus anos de consolidação e consagração como sendo a maior emissora brasileira⁷. O explícito posicionamento pró ditadura rendeu os jargões “O povo não é bobo, abaixo à *Rede Globo*” e “A verdade é dura, a *Rede Globo* apoiou a ditadura”, que são até os dias atuais muito entoados nas manifestações.

A outra rede de televisão utilizada nesta pesquisa foi a *TV Cultura*, inaugurada originalmente em 20 de setembro de 1960 pelos Diários Associados, conglomerado de mídia do Brasil, em São Paulo. Uma parceria com o Governo do Estado de São Paulo e com o Serviços de Educação de Rádio e Televisão (SERTE) foi estabelecida em 1963, dando origem à história da emissora com programas educativos. Em 1967, o então governador de São Paulo, Roberto Costa de Abreu Sodré, cria a Fundação Padre Anchieta (Centro Paulista de Rádio e TV Educativa), que, ao comprar a *TV Cultura* a torna a segunda emissora de TV educativa do Brasil.

⁷ Informações disponíveis no site: www.robertomarinho.globo.com/empresas/consolidação-rede-globo/

A emissora foi então reinaugurada no dia 15 de junho de 1969, e tinha em sua programação documentários, aulas de diversos temas e boletins meteorológicos. A programação da TV Cultura se mantém prioritariamente educativa, mas conta também com alguns programas jornalísticos, como o *Jornal da Cultura*, o *Repórter Eco* e o *Roda Viva*, programa de entrevistas mais antigo da televisão brasileira e por onde já passaram diversas personalidades como Fidel Castro, Paulo Freire, Ruth Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva, entre outros.

No site da emissora TV Cultura foram encontrados dois programas completos dedicados ao tema desta pesquisa. O primeiro, foi o programa *Roda-Viva Especial*, que não contava com entrevistado, apenas com a bancada de entrevistadores que debatiam o impeachment e outro programa *Roda-Viva* em que o entrevistado era Pedro Collor de Mello, após suas denúncias contra o irmão Fernando Affonso Collor de Mello, que na época da gravação da entrevista já havia sido afastado do cargo.

No documentário “Memória do Movimento Estudantil”, que faz parte do projeto homônimo, o movimento Caras Pintadas é retratado como movimento estudantil, fruto da liderança da UNE e com a participação da UBES. Nele, ex-presidentes, antigos vice-presidentes e membros da União Nacional dos Estudantes comentam como foram os acontecimentos que desencadearam toda a mobilização.

As revistas escolhidas como fonte de pesquisa são as de maior circulação na época das mobilizações e as que realizaram as maiores coberturas dos CP, tendo sido levados em consideração exemplares publicados entre julho de 1991 e junho de 1993, sendo elas a revista *Veja* e a *IstoÉ*. Além das referências explícitas ao CP, reportagens que estabelecessem um perfil dos jovens e estudantes da época foram selecionadas por serem considerados pertinentes à construção do entendimento de quem eram os jovens daquele período. Os exemplares foram localizados na hemeroteca da Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

A Editora Abril, que edita a *Veja*, surgiu em 1950, fundada por Victor Civita, que se inspirou nos moldes norte-americanos e enxergou no crescimento substancial na oferta de bens materiais daquela década uma oportunidade da ampliação do uso de meios de comunicação para publicidade. Antes da criação da Editora Abril, o mercado editorial brasileiro de revistas contava principalmente com três empresas, Diários Associados, Editora Brasil-América (EBAL) e a Rio Gráfica Editora, todas estruturadas no Rio de Janeiro (LUCA; MARTINS, 2008).

A revista *Veja* tem sua publicação inaugural no dia 8 de setembro de 1968, auge da ditadura civil militar, seu nome completo era *Veja e leia*, final que foi suprimido no início dos anos 70. Era até então o maior empreendimento da Editora Abril, que tinha como inspiração a norte-americana Times; *Veja* surgiu a partir do início do esvaziamento de sua precursora *Realidade*, de tiragem mensal, dirigida por Roberto Civita e que havia sido a primeira que tinha como objetivo alcançar o público geral, sem demarcações de gênero ou idade e abordava temas abrangentes. Mino Carta, que já havia sido diretor da *Quatro Rodas*, foi convidado para chefiar a direção de redação da revista e só aceitou o cargo após acordo com os proprietários da editora em que ficava determinado que a família Civita seria apenas leitora da publicação, deixando todas as decisões de pauta à equipe (PEREIRA, 2017).

Segundo Luca e Martins (2008), a *Veja* teve a campanha de propaganda mais cara feita para uma revista no Brasil; contou com divulgação nos cinemas, jornais, entre outros veículos. Na contracapa da edição nº 30, de setembro de 1968 da *Realidade*, um anúncio de página dupla caracteriza a *Veja* como a revista que explicaria os motivos por trás do “mundo estar explodindo”, para ilustrar, uma foto de uma manifestação estudantil em Paris, seguida por outras imagens polêmicas com figuras como Che Guevara, Martin Luther King, entre outros (PEREIRA, 2017).

Ainda segundo o autor, as editorias de maior peso da revista eram política Brasil e internacional e economia, contando com mais da metade do número de páginas das reportagens; uma média de 70% das reportagens de capa correspondiam a essas editorias, com exceção do ano de 1977, em que as capas eram 86% relacionadas a estes temas. Pereira (2017) diz, ainda, que as capas e reportagens escolhidas para compor a revista eram profundamente relacionadas com as vinculações políticas da presidência e, desta forma, as capas privilegiavam ações do governo, defendiam a iniciativa privada, criticavam o tamanho do estado, entre outros tópicos.

A revista *Veja*, no dia 27/05/1996 publica em primeira mão a capa de título “Pedro Collor conta tudo”, que daria início ao processo que acarretaria a renúncia e impeachment do então Presidente Fernando Affonso Collor de Mello; na reportagem, Pedro Collor de Mello, cede entrevista na qual denuncia o irmão e Paulo César Farias por corrupção. Pedro Collor chegou a abrir um processo para evitar que a publicação da edição fosse efetivada por medo de que suas denúncias levassem a sua prisão, mas após ser convencido de que esta atitude lhe desmoralizaria, retirou a ação. Esta foi a primeira de uma série de capas que abordaram o processo de impeachment de Fernando Collor.

Segundo Pereira (2017), Mino Carta, que havia sido diretor da *Quatro Rodas* e da *Veja*, quebra seu vínculo com a Editora Abril por desavenças político ideológicas com a presidência da editora e, em parceria com alguns outros jornalistas que também haviam colaborado para a revista, fundam a *IstoÉ* em maio de 1976, projeto que inicialmente tinha tiragem mensal e passou a ser semanal a partir de março de 1977; a revista da Editora Três também foi chamada de *ISTOÉ Senhor* entre o período de 1988 e 1992, ano na qual volta a ser nomeada apenas “*IstoÉ*”. A nova revista tinha como objetivo, segundo os idealizadores, produzir um jornalismo mais reflexivo e analítico; as publicações contavam com reportagens longas, assinadas por pessoas como Eduardo Suplicy, por exemplo, na época professor de economia da Fundação Getúlio Vargas e colunas assinadas por Luís Fernando Veríssimo. Esta era uma característica da revista que se diferenciava da concorrente *Veja*, na *IstoÉ*, todas as reportagens eram assinadas pois não tinha como pretensão manter um perfil ideológico estático e único, permitindo a pluralidade de pensamento entre seus colaboradores. Ainda segundo o autor, a partir da transformação da tiragem mensal para semanal, as publicações da *IstoÉ* passaram a ter como principais discussões as questões políticas as quais eram destinadas as capas de praticamente todas as edições.

No período de 1977 a 1980, os movimentos sociais e estudantis marcam forte presença nas páginas do periódico; durante toda fase de reabertura e redemocratização, a *IstoÉ* abriu espaço em suas edições para que sociólogos, historiadores, filósofos que criticavam a ditadura e, desta forma, a revista passou a ter mais credibilidade com os setores mais alinhados à esquerda. Pereira (2017) deixa claro, entretanto, que a revista mantinha, até então, seu posicionamento de se manter aberta às diferentes posições e pensamentos, publicando ocasionalmente pensadores com diferentes opiniões.

Em 1980, Fernando Moreira Salles associa-se à *IstoÉ* e, em maio de 1981, Mino Carta, criador da revista e até então diretor de edição, sai do projeto por diferenças políticas com Salles, tendo em vista que Mino possuía um posicionamento declaradamente de esquerda e Salles, era liberal. A partir daí, a revista muda sua configuração, afastando-se do campo político e aumentando a vinculação com publicidades, direcionando as reportagens de capa para atrizes, jogadores de futebol, eventos, entre outros. A *IstoÉ* também fez, assim como a *Veja*, uma série de reportagens acompanhando os desenrolares do processo de impeachment do então presidente Fernando Collor, retratando também as manifestações. A revista publicou no dia 8 de

julho de 1992 uma capa com entrevista exclusiva com o motorista Eriberto França que revelava informações importantes para o desencadear da CPI do PC Farias.

Os jornais utilizados para levantamento de documentação são os de maior circulação na época das mobilizações e que acompanharam o desenrolar do processo de impeachment. Foram utilizados dois jornais cujas sedes são em São Paulo e um no Rio de Janeiro, sendo estes a *Folha de S. Paulo (FSP)*, *O Estado de S. Paulo (OESP)* e *O Globo*. Atualmente esses jornais se mantêm como os três maiores em circulação e assinaturas no Brasil, segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ) e o Instituto Verificador de Comunicação (IVC). Os jornais foram consultados na hemeroteca da Biblioteca Municipal Mário de Andrade e por seus respectivos acervos digitais, disponíveis online.

O jornal *Folha de S. Paulo* foi fundado em 19 de fevereiro de 1921 tendo sido nomeado, a princípio, como o jornal “*Folha da Noite*”; em decorrência do sucesso de vendas, em julho de 1925 foi lançado o matutino *Folha da Manhã*. Mota e Capelato (1981) afirmam que a *FSP* não apresentava posicionamento político-partidário claro expresso em seu projeto editorial, ao contrário, classificaram-na como sendo oportunista, tendo em vista que procurava atender diversos interesses, dos mais burgueses aos da classe operária. A partir de 1931 a *FSP* assume uma postura editorial que tendia para a defesa de um Estado liberal. Em 1949 é fundado o *Folha da Tarde* e, com estas mudanças, é retomada a defesa dos interesses das classes médias, levando em consideração premissas como a imparcialidade, objetividade e neutralidade (Taschner, 1992). Em 1960 se torna a *Folha de São Paulo* após fusão dos três jornais, o *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*. A partir de 1980, tornou-se torna o diário de maior influência e circulação no Brasil.

A *FSP* se manteve vinculada ao Estado, tendo em vista que, além de apoiar o Golpe de 1964, tinha nele um de seus grandes anunciantes, além de ter recebido empréstimos públicos para quitar dívidas; desta forma, mantinha-se atrelada ao regime. Taschner (1992) afirma que a *FSP* foi pouco censurada. Ainda segundo a autora, a partir de 1975, o jornal tende a um posicionamento mais liberal, democrático, realizando a cobertura completa das manifestações pelas “Diretas Já”.

No início da década de 90 a *FSP* investe em novos produtos dentro do jornal, como o *Folhateen*, voltado para o público jovem e que realizou uma série de reportagens sobre o movimento CP. Em 1992, o jornal se consolida como o jornal com maior circulação paga aos domingos, superando o concorrente *O Estado de S. Paulo*.

O *Estado de S. Paulo* nasce em 4 de janeiro de 1875 com o nome de *A Província de São Paulo*, fundado por um grupo de republicanos que visava o combate a monarquia e a escravidão, o jornal clama manter o lema "fazer da sua independência o apanágio de sua força" e teve seu nome alterado para o definitivo em 1º de janeiro de 1980 (PARIS, 1980).

O jornal fez oposição aos governos Vargas (1951-1954), e Jango (1961-1964), demonstrando apoio às manifestações contra este último, como a intitulada "Marcha com Deus pela família e pela liberdade" e apoiou, assim como os outros, o golpe militar de 1964. Após retomar seu posicionamento democrático, e após a redemocratização, o jornal atualmente mantém um posicionamento liberal ou conservador e mantém uma tendência de centro-direita (AZEVEDO, 2018).

Por fim, o terceiro jornal utilizado como fonte foi o "*O Globo*"; lançado em 29 de julho de 1925, o periódico surgiu a partir do desejo do jornalista Irineu Marinho de criar um jornal que se identificasse com o Rio de Janeiro. Circulou como vespertino até 1962, quando passou a ser matutino. Em 1931 Roberto Marinho, filho do fundador, assume como diretor-redator-chefe, mantendo-se no cargo até sua morte, em 2006. Entre os anos de 1930 e 1980, o veículo se tornou o diário de maior circulação do Brasil, e até os dias atuais reveza nesta posição com a *Folha de S. Paulo*. Segundo Azevedo (2018), *O Globo* assume um posicionamento economicamente liberal e, no plano político, liberal-conservador.

Também apoiador do golpe de 1964, o periódico publicou um editorial que levava o título de "Ressurge a Democracia"⁸ em apoio ao governo militar. Atualmente, assume que seu posicionamento em determinados momentos não esteve "do lado correto da história", mas justifica seus posicionamentos como sendo necessário para apoiar a democracia em perigo pela "ameaça comunista". *O Globo*, depois da redemocratização, apoiou a eleição de Fernando Collor e, posteriormente, Fernando Henrique Cardoso.

O texto desta dissertação apresenta o capítulo 1, intitulado "O movimento dos caras pintadas em 1992" e diz sobre o surgimento e as ações do grupo, mediante o processo de impeachment de Fernando Collor. O capítulo 2, "Construção do movimento pelos meios de comunicação e as representações de juventude e estudante", apresenta e analisa a forma com a qual as mídias televisivas e impressas noticiaram o movimento, além de como a juventude e os estudantes eram por estes veículos retratados, com foco

⁸ O Globo, 2/04/1964, p. 3.

na comparação estabelecida entre os CP e a geração estudantil de 1968. O último capítulo, “Os símbolos inerentes ao movimento: irreverência a batalha de referências”, tem como objeto de estudo os símbolos atribuídos e adotados pelos estudantes, que caracterizaram o movimento Caras Pintadas como tal; por fim, é analisada a mercantilização do movimento pelas mídias, principalmente no papel das propagandas publicitárias que citavam a mobilização em busca de lucro.

CAPÍTULO 1 - O MOVIMENTO DOS CARAS PINTADAS EM 1992

Este capítulo mostra em sequência de eventos os motivos e os envolvimento estudantis ao crescendo das manifestações, associando esses atos às ações políticas ligadas ao processo de impeachment. Trata-se de uma história analítica da sucessão de eventos que faz o volume das diferentes ações políticas representativas, ao longo do processo de retirada do presidente da República que faz surgir o movimento denominado “Caras Pintadas”.

Para melhor compreender os movimentos anti-Collor, é necessário entender, ainda que sumariamente, o processo de investigação e julgamento do então presidente. Para tal, mencionar como se deu a eleição de Fernando Collor e qual cenário foi construído durante seus três anos de governo se faz necessário. Fernando Collor foi eleito no segundo turno das eleições contra Luiz Inácio Lula da Silva com o equivalente a 42,75% dos votos, contra 37,86% de seu opositor; 14,4% abstenções foram computadas e cerca de 5% de votos brancos ou nulos. Segundo Pujol (2017), Collor tinha um posicionamento ideológico de cunho liberal⁹, foi eleito com base em uma campanha que tinha como principal pauta a aniquilação da inflação descontrolada que assolava o país e se comprometeu a reduzir as desigualdades sociais com incentivo à iniciativa privada e a chamada “desburocratização do Estado brasileiro” (PUJOL, 2017, p. 87).

Para atingir seus objetivos, Collor realizou diversos cortes em cargos de confiança, demitiu funcionários públicos, realizou leilões e vendeu imóveis e buscou privatizar grande parte dos serviços e empresas estatais. Para aumentar a arrecadação pública, anunciou um “*tarifaço*” que aumentou os preços dos combustíveis, serviços postais, energia elétrica, telefone, etanol e açúcar. Reduziu as taxas de importação, tendo como objetivo aumentar a concorrência entre produtos nacionais e importados, o que desagradou a classe de industriais (Villa, 2016). Um dos pilares de seu governo era a implementação do plano denominado “Brasil Novo”, que ficou conhecido como “Plano Collor”; tal plano consistia na aprovação de 17 medidas provisórias que reorganizariam grande parte da estrutura de funcionamento da economia brasileira. Para além da definição do Cruzeiro como moeda nacional, foram extinguidas “mais de duas dezenas de autarquias, fundações, empresas públicas e sociedades de economia mistas” (PUJOL, 2017, p.90), o que levou à destituição de mais de 15 mil funcionários públicos. A medida mais conhecida e mais polêmica foi o bloqueio das contas-correntes e das poupanças da

⁹ Para melhor compreensão vide Pujol (2017), p.77-89.

população por um período de 18 meses, após os quais os valores bloqueados seriam devolvidos com correção monetária mais juros, e um concomitante congelamento dos preços. Objetivava-se, com esta medida, retirar de circulação grande parte da moeda para que os preços fossem adequados a esta nova realidade construída, com pouco dinheiro em movimentação. A medida, entretanto, repercutiu de forma caótica; houve casos de pessoas se acorrentando às agências bancárias, múltiplos suicídios, depredação do patrimônio público, entre outros.

Segundo Pujol (2017), o congelamento de preços fez surgir o primeiro conflito entre Collor e o Poder Judiciário, tendo em vista que juristas consideravam inconstitucional atentar contra os princípios da livre concorrência; a partir daí, os embates entre os dois poderes continuaram, ocasionados por eventuais inconstitucionalidades nas medidas provisórias e suas edições, tendo ocorrido também tentativas, por parte de Collor, enquanto representante do Poder Executivo, de invasão das atribuições do Poder Judiciário. Segundo os autores Villa (2016) e Pujol (2017), até o final de 1990 Collor já havia entrado em embates jurídicos com a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), portuários, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Caixa Econômica Federal, CUT e Petrobrás.

Com o fracasso do plano Brasil Novo, em dezembro de 1990 foi anunciado o Plano Collor 2, que, de forma geral, aprofundou os cortes de gastos públicos, as privatizações e manteve o congelamento de salários e preços. Como consequência, a oposição ao governo se tornou mais veemente, tendo como principais opositores a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e os setores da mídia, principalmente os periódicos *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Neste momento, o governo tinha alienado apoiadores também no Parlamento, como os partidos Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Ainda de acordo com PUJOL (2017), desde 1990 e 1991 já surgiam denúncias nas mídias de corrupção por parte de pessoas ligadas ao governo de Collor e a ele próprio, principalmente em casos compra de cestas básicas sem licitação, superfaturamento em contratos, entre outros.

Levando em consideração o panorama descrito acima, o processo de denúncia e investigação que levou ao impeachment de Collor estava embrenhado em um cenário de impopularidade do governo, alta inflação e crescente oposição tanto dos setores industriais, das mídias, da população, quanto dos outros Poderes do país.

A partir das entrevistas de Pedro Collor começa o desenrolar das investigações cujas descobertas levaram à constituição do movimento CP. No dia 13 de maio a *Veja* tece uma reportagem que tem como principal documentação, as declarações de imposto de renda de PC Farias, que indicaria sinais de corrupção do grupo que estava no poder. Até então, entretanto, Pedro Collor ainda não tinha vinculado diretamente seu irmão Fernando no esquema de corrupção e tráfico de influências no governo. Em 27/05/1992, na edição 1236 a revista *Veja* publicou uma entrevista com Pedro Collor de Mello, tendo ele mesmo na capa. Neste momento o irmão do Presidente já havia sido afastado da direção da empresa da família sob alegação de que lhe faltavam faculdades mentais; já se discutia a abertura da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) que investigaria o caso e Fernando Collor já havia sido envolvido, de forma direta, nas investigações acerca dos esquemas de corrupção.

Segundo Pujol (2017), antes da instauração da CPMI, houve hesitação em relação a como proceder perante as denúncias,

A base aliada de Fernando Collor e os partidos que formavam o espectro de centro (PMDB-PSDB-PDT-PPS) defenderam que as acusações fossem apuradas por órgãos oficiais, tais como polícia federal, receita federal e Ministério Público (PUJOL, 201, p.129).

A hesitação, segundo o autor, se dava pela grave crise econômica instalada no país, que levou ao temor de que, com a investigação, uma crise institucional insolúvel se instalasse. Havia temor, também, de que Collor utilizasse as forças armadas para reprimir os levantes sociais. Sobre o grupo que compunha o espectro de esquerda, o autor afirma que se posicionaram de forma contrária a Collor e a favor da instauração da CPMI, e que essa envolvesse não só PC Farias, mas também o então presidente. Em 26 de maio de 1992, entretanto, o PSDB, PMDB e o PDT se uniram ao grupo opositor, apoiando a criação da CPMI.

Ainda segundo o autor, a CPMI teve sua primeira sessão em 1 de junho de 1992 e, de modo geral, era composta por congressistas, senadores e deputados de diversos Estados, aliados a Collor. Os partidos que a compunham eram PMDB, Partido da Frente Liberal (PFL), Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido da Reconstrução Nacional (PRN), Partido Democrático Social (PDS) e Partido dos Trabalhadores (PT), em ordem de maior representatividade para menor. A CPMI tinha como objetivo coletar

provas, depoimentos e indícios para produção de um parecer que poderia ser utilizado, posteriormente, para um julgamento no Tribunal competente.

Em 4 de junho Pedro Collor faz seu primeiro depoimento na CPMI, seguido por PC Farias, que depôs em 9 de junho. Pedro Collor havia dado esperança ao governo quando, em seu depoimento, recuou das afirmações que havia feito à *Veja*. PC Farias, no entanto, não justificou de forma satisfatória seu patrimônio incompatível com a renda declarada e não conseguiu desvincular Collor de seus negócios pessoais. Os próximos depoentes, Renan Calheiros, adversário político de Collor em Alagoas e Luiz Veiga, então presidente da Petrobras, também deram depoimentos que comprometiam o governo.

Ainda neste mês o motorista de Collor, Eriberto França, detalhou à *IstoÉ* como PC Farias fazia o repasse ilegal de dinheiro para Collor, por intermédio da secretaria pessoal do presidente, Ana Acioli. A CPMI foi encerrada em 24 de agosto, quando o Senador Amir Lando apresentou o relatório final, em que Fernando Collor era responsabilizado por crime de responsabilidade, improbidade administrativa e quebra de decoro do cargo que ocupava, além de crime penal comum. PC Farias foi responsabilizado por prática de crimes contra a ordem tributária e contra o sistema financeiro, além de ter tentado de forma fraudulenta justificar os repasses financeiros para a conta de Ana Acioli, por fim, foi considerado culpado por crime de tráfico de influência e financiamento irregular de campanha (PUJOL, 2017 p.147).

Após a apresentação do relatório final da CPMI, a Ordem de Advogados do Brasil (OAB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) entraram com o pedido de impeachment de Collor. Em 20 de setembro foi votada a abertura do processo de impeachment na Câmara dos Deputados, que votou pela cassação com 441 votos a favor, 23 abstenções e 38 votos contrários. A partir daí, o processo foi encaminhado para o Senado Federal, onde a decisão da Câmara foi reafirmada e Collor foi afastado do cargo por um período de 180 dias. Por fim, a votação de aprovação definitiva do impeachment de Fernando Affonso Collor de Mello se deu por 73 votos a favor da cassação, 3 contra e 5 abstenções.

Tendo em vista a forma como o processo jurídico se desenvolveu, é possível compreender a construção da mobilização estudantil em relação a cada uma das etapas deste processo, desde o panorama que precedia as denúncias, em que Collor já estava com a popularidade abalada, até a última votação em 30 de dezembro de 1992, que afastou definitivamente Fernando Collor da presidência.

Manifestações pró-impeachment e o movimento estudantil

O movimento dos Caras Pintadas foi um movimento estudantil que tinha como principal objetivo o impeachment do então presidente Fernando Affonso Collor de Mello. Segundo a coluna “Carta ao Leitor” da edição 1236, de 27/05/92 da *Veja*, Pedro Collor entrou em contato com um jornalista da revista em 05/05/1992 para contar sobre o que ficou conhecido como “Dossiê Pedro Collor contra PC Farias”, que estava construindo desde o ano anterior. No dia 07/05, já com parte dos documentos em mãos, o jornalista realizou a primeira entrevista com o irmão de Fernando Collor e, no dia seguinte, com PC Farias, que se defenderia de todas as acusações.

Na seção “Cartas” da *Veja* do dia 3 de junho, os leitores da revista ainda se mostram divididos quanto às denúncias veiculadas na semana anterior. Enquanto alguns enalteciam a revista pelo trabalho em divulgar um possível escândalo no governo de Collor, outros a criticavam por potencialmente abalar as estruturas das recém democráticas instituições brasileiras.

A partir das denúncias de Pedro Collor desdobrou-se uma investigação que ficou conhecida como “CPI do PC Farias” ou “CPI do Collorgate”, em referência ao caso Watergate¹⁰. A apuração das denúncias tomou forma no início de agosto do mesmo ano e, a partir desta data, começaram a surgir, de forma mais intensa e constante, manifestações públicas em prol das investigações, em repúdio à corrupção e ao presidente, que só cessaram após o impeachment de Collor, em dezembro de 1992.

Na coluna intitulada “Panorama Político”¹¹ do jornal *O Globo*, Tereza Cruvinel, autora da coluna, afirma que por conta do espaço de tempo entre o encerramento da “CPI do PC Farias” e da divulgação do relatório final, que seria de em torno de duas semanas, a oposição de Collor deveria agitar-se e ir às ruas atrás de mobilização popular para que o caso não caísse no esquecimento. Entretanto, nem a coluna, nem o jornal em questão citam nenhum tipo de mobilização feita até então. Nesta mesma data o jornal *Folha de S. Paulo* noticia pela primeira vez uma manifestação em apoio à CPI e em repúdio ao

¹⁰ O termo Collorgate faz referência ao conhecido “escândalo de Watergate” caso político que ocorreu nos Estados Unidos nos anos 1970, e que terminou com a renúncia do Presidente Richard Nixon em 9 de agosto de 1974. O escândalo diz respeito a um roubo e a tentativa de espionagem acontecidos na sede do Comitê Nacional do Partido Democrático dos Estados Unidos, partido opositor ao então presidente, cujos escritórios eram instalados no edifício Watergate em Washington DC. Nixon foi associado aos invasores e tentou acobertá-los fazendo obstrução à investigação. Muito sobre a investigação deste evento, diz respeito ao trabalho investigativo do jornal *The Washington Post*, por meio das reportagens de Bob Woodward e Carl Bernstein. Essa história foi tornada filme, chamado “Todos os homens do Presidente” dirigido por Ala J. Pakula.

¹¹ *O Globo*, 09/08/1992, p. 2.

presidente, afirmando que ao menos 10.000 pessoas se reuniram na Praça da Sé em “Ato pela Ética na Política”¹². Na ocasião, o jornal identifica os manifestantes como sendo representantes da Central Única dos Trabalhadores (CUT), da União Nacional dos Estudantes (UNE), da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), entre outras instituições. O mesmo ato é tema de nota no *Estado de S. Paulo*, que cita Oded Grajew, coordenador do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), que diz “atos de protesto como este, pedindo o impeachment do presidente, vão se multiplicar, pois o relatório da CPI vai ter muitos dados contundentes” e completa dizendo que “É fundamental que a sociedade brasileira mantenha a capacidade de indignação”¹³.

Na mesma semana a *FSP* volta a abordar as manifestações em São Paulo; nesta ocasião, chamando os manifestantes de “estudantes”¹⁴, e atribuindo a convocação do ato à UNE e à União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). O jornal estabelece um paralelo entre esses manifestantes e a minissérie *Anos Rebeldes*, tecendo uma comparação entre as manifestações retratadas na minissérie fictícia e as que estavam ocorrendo,

no lugar dos uniformes militares e das barbas de outros tempos, os estudantes adotaram novos símbolos, como o rosto pintado para a “guerra” [...] ao longo do percurso, o carro de som da passeata, que difundia os acordes de “Alegria, Alegria”, repetia que os “anos rebeldes” não haviam acabado (*Folha de S. Paulo*, 12/08/92, p.6).

Apesar da menção acerca dos rostos pintados “para a guerra”, neste momento os manifestantes ainda usavam roupas convencionais e pintavam os rostos de preto. A nomenclatura que os caracterizaria, “Caras Pintadas”, ainda não havia surgido.

No dia 13/08/1992 Collor realizou um discurso não previsto durante uma solenidade no Palácio do Planalto que reunia cerca de 2 mil motoristas de táxi. Essa fora a primeira vez que o então presidente se manifestava publicamente e de forma oficial acerca das mobilizações que surgiam, de forma ainda incipiente, mas que depois, tornaram-se exponenciais. Durante seu discurso, transcrito de forma integral na edição do *O Globo*¹⁵, Collor se defende de todas as acusações; desmoraliza aqueles que o acusam de qualquer tipo de corrupção; afirma que existe um “sindicato do golpe” que seria filiado à “central única dos conspiradores”, fazendo referência à CUT. Em sua fala, pede que no

¹² *Folha de S. Paulo*, 09/08/1992, p. 13.

¹³ *O Estado de S. Paulo*, 09/08/1992, p.6

¹⁴ *Folha de S. Paulo*, 12/08/1992, p.6.

¹⁵ *O Globo*, 14/08/1992, p.4.

domingo seguinte, dia 16/08, a todos que o apoiam, e dão suporte a seu governo, saiam de casa vestidos com as cores da bandeira nacional, e que pendurem bandeiras e tecidos nas janelas, carros e vitrines, para mostrar que a grande maioria do povo brasileiro estava a seu lado; ainda nesse sentido, Collor afirma que “a minoria atrapalha e a maioria trabalha” (*O Globo*, 14/08/1992, p.4).

A repercussão do discurso do presidente foi ampla e discutida também na *FSP* no dia 14/08, em que afirmam que até as 23h do dia anterior já haviam recebido ao menos 10 telefonemas de leitores propondo o uso do preto no dia 16/08, em repúdio à solicitação de Collor (*Folha de S. Paulo*, 14/08/1992, p.6). A movimentação dos leitores por telefonemas à redação continuou tendo em vista que na edição da *FSP* do dia seguinte, mencionam 86 telefonemas de leitores manifestando a intenção de aderir à cor negra no domingo seguinte (*Folha de S. Paulo*, 15/08/1992, p.8). No dia da mobilização, a *FSP* publicou uma tarja com “Use preto em protesto” grafado, na capa do periódico, como incentivo à mobilização do domingo negro.¹⁶

Ainda nesta edição e página, a *Folha de S. Paulo* dá destaque para a maior manifestação no Rio de Janeiro, até então, que reuniu 10 mil pessoas segundo a Polícia Militar (PM) e entre 25 a 50 mil, segundo os organizadores. A manifestação, que ocorreu no dia 14/08, foi tema de reportagens também no “Jornal Nacional”, da *Globo*. Segundo a reportagem, milhares de pessoas foram às ruas protestar contra a corrupção e o desenrolar da mobilização foi pacífico e sem ocorrências policiais. Segundo a *FSP* do dia 15, o governo fez uso de dinheiro público para “tentar impedir o fracasso da operação verde-amarelo”. A Caixa Econômica Federal determinou que as agências fossem enfeitadas e que os clientes recebessem brindes com as cores nacionais¹⁷. Apesar da maior parte da mídia estar noticiando o boicote da população à solicitação do presidente, *O Globo* do dia 15/08 aborda a mobilização dos apoiadores do governo que buscavam se juntar para mostrar o apoio ao “verde amarelo” que foi solicitado. Dentre os apoiadores estariam políticos, empresários e amigos próximos de Collor; para unir àqueles que apoiavam o presidente, foram preparados diversos ônibus que levariam os manifestantes à Casa da Dinda, residência oficial de Collor.

Na véspera da que ficou conhecida como “Batalha das Cores”, o *Estado de S. Paulo* publicou uma nota intitulada “Exército na rua assusta São Paulo”, segundo o periódico, o exército saiu às ruas na manhã do dia 15/08, 4 mil homens vestidos com

¹⁶ *Folha de S. Paulo*, 16/08/1992, p.1.

¹⁷ *Folha de S. Paulo*, 15/08/1992, p. 5.

uniformes de batalha camuflados, exibindo blindados, metralhadoras, fuzis e pistolas semiautomáticas, espalharam-se por 16 pontos da capital paulista e outros 5 pontos da Grande São Paulo em uma operação que tinha como objetivo, segundo o comandante, testar um novo equipamento de rádio que estava sendo implementado. Em decorrência da situação política do país, naquele momento, a exibição de força bruta assustou a população; ainda segundo a nota, algumas pessoas entrevistadas lembraram a novela *Anos Rebeldes* e expressavam sua opinião quanto à operação,

No Viaduto da Avenida Vereador José Diniz, na Zona Sul, a exibição das tropas dividiu opiniões. O aposentado Ronaldo Silva defendia a saída dos soldados do quartel para pôr fim ao governo Collor. “Estava na hora do Exército acabar com essa pouca vergonha que está acontecendo no País”, disse. Já o bancário Vicente Marques aproveitava para ironizar a demonstração militar. “O Collor está colocando nas ruas o único pessoal que vai usar verde neste fim-de-semana”, brincou.

Revoltada ficou a aposentada Maria Henriquetta. Aos 92 anos, ela afirmou que já assistiu ao longo de sua vida a várias cenas como a de ontem. Ela viveu na Itália de Mussolini, chegou ao Brasil durante o Estado Novo de Getúlio Vargas e assistiu à Revolução de 1964. Para ela, a volta das tropas às ruas era um sinal de que o presidente Collor perdeu o controle da situação. Disse que não pretendia participar da “batalha das cores”, mas depois de ver o Exército na cidade mudou de ideia. “Não queria usar preto porque é a cor do fascismo, mas agora decidi tirar do armário as roupas da minha viuvez”, disse. [...] “Estamos vivendo em estado de sítio?”, perguntava a estudante Sueli Garcia, que passeava na Avenida Paulista com uma camiseta preta usando um broche em que se lia “Fora Collor” (*O Estado de S. Paulo*, 16/08/1992, p. 4).

Ainda a este respeito, quando questionado, Coronel Obara, responsável pela operação, afirmou que se tratava apenas de um teste pois “Temos de estar preparados para qualquer evento ou eventualidade. Precisávamos testar o material de comunicação em região urbana”, afirmando ainda que este tipo de teste era comum dentro dos quartéis, mas admitindo que fora a primeira vez que uma operação como esta havia sido realizada pelo Comando Militar do Sudeste,

Questionado se a operação teria relação com a “batalha das cores”, o capitão Brandão, que comandava o pelotão instalado no marco zero da Rodovia Castelo Branco, respondeu com outra pergunta. “Você está vendo alguém vestido de verde e amarelo?”.

Em resposta à solicitação do presidente, no domingo, que ficou conhecido como “Domingo Negro”, dia 16/08, uma onda de manifestações assolou as principais capitais do país. Segundo *O Globo*, Brasília contou com uma carreata que cobriu 20km de ruas e avenidas; na cidade de Belo Horizonte, milhares de manifestantes finalizaram as passeatas negras com um abraço simbólico na Praça da Liberdade. No Rio de Janeiro, 150 mil pessoas, segundo os organizadores da mobilização, se reuniram contra Collor na

orla da cidade¹⁸. Em São Paulo, segundo a *FSP*, houve um enterro simbólico de Collor, em manifestação na escadaria do Teatro Municipal. As principais manifestações na cidade ocorreram na Av. Paulista e no parque do Ibirapuera e os protestos ali duraram cerca de 7 horas (*Folha de S. Paulo*, 17/08/1992, p. 6-7).

Já as manifestações a favor do presidente foram mais tímidas. Segundo o jornal *O Globo* houve apenas uma manifestação favorável a Collor, que reuniu cerca de 500 pessoas em frente à Casa da Dinda¹⁹. Ainda segundo o jornal, os poucos indivíduos que optaram por usar verde e amarelo na cidade do Rio de Janeiro foram duramente vaiados e repreendidos pelas multidões que vestiam negro. No programa “Fantástico” que foi ao ar na *Rede Globo* no domingo das mobilizações, um coral de uma igreja evangélica de Curitiba que tomou a decisão de realizar a apresentação vestindo as cores nacionais durante o culto foi apresentado como apoiador de Fernando Collor.

Na edição de 26/08/1992 da *Veja*, na Carta ao Leitor que leva o título de “Show de maturidade dos brasileiros”, as várias manifestações do domingo negro ainda repercutiam. No texto, exaltava-se o fato de que mesmo tendo sido constituído por centenas de milhares de manifestantes espalhados pelo Brasil, não houve violência, tumultos e danos ao patrimônio público. Segundo a coluna, as manifestações do dia 16 se inspiraram em duas passeatas de secundaristas e não foram organizadas de forma direta por partidos políticos ou sindicatos. Apesar da reportagem não especificar a quais passeatas se refere, supõem-se que tenham sido as passeatas dos dias 11/08 e 14/08; a primeira, composta unicamente por estudantes e a segunda com a participação minoritária de outros grupos.

Ainda nesta semana, a *FSP* continuou a reportar diversas mobilizações espalhadas pelo Brasil²⁰; mencionando a participação de estudantes filiados à União Metropolitana de Estudantes Secundaristas (UMES) em Vitória, artistas e intelectuais em São Paulo e no Rio de Janeiro, e um novo enterro simbólico de Fernando Collor, desta vez na Bahia. O periódico, além de relatar as manifestações ocorridas nos dias anteriores a sua publicação, divulgava as que ainda ocorreriam em um quadro intitulado “Calendário das manifestações”²¹.

¹⁸ *O Globo*, 17/08/1992, p. 1

¹⁹ *O Globo*, 17/08/1992, p. 5

²⁰ *Folha de S. Paulo*, 20/08/1992, p. 6

²¹ Vide exemplares da *FSP* dos dias 12/08/1992, p. 6; 15/08/92, p. 5; 18/08/1992, p. 6; 24/08/1992, p. 6; 26/08/1992, p. 12, entre outros.

O calendário no jornal era uma das formas de divulgar as manifestações de forma antecipada, entretanto, um dos artifícios mais utilizados, principalmente para agregar os estudantes que ainda cursavam o ensino básico, era o comparecimento das organizações estudantis que passavam de escola em escola com caminhões de som, no que ficou conhecido como “arrastão” convocando os estudantes para as mobilizações que aconteceriam a partir daquele momento.

Segundo relatos na revista *IstoÉ* do dia 2 de setembro de 1992, era necessário pouco convencimento para que os secundaristas saíssem das escolas e se unissem ao coro das passeatas, tendo em vista tamanho descontentamento e o apoio dos professores ao movimento, como diz o estudante Antônio Parente, 23 anos, coordenador da UBES,

Nós fomos de escola em escola, distribuímos panfletos, chamamos todo mundo. Até que não foi tão difícil. O descontentamento é tanto que bastava a gente parar o carro de som na frente de um colégio e gritar “Fora Collor” que vinha todo mundo atrás (*IstoÉ*, 2/09/1992, p. 34).

No dia 22/08/1992 as manifestações estudantis voltaram a ocupar as manchetes dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*; estudantes cariocas mobilizaram-se novamente contra o então presidente no que fora a maior manifestação pró-impeachment até então; segundo a *FSP*, a estimativa da PM era de 25 mil participantes, enquanto dos organizadores chegava a 100 mil²². Segundo o jornal *O Globo* esta manifestação fora, como as outras até então, pacífica. O periódico afirma que a Polícia Militar (PM) e os estudantes mantiveram uma relação cordial, o comércio permaneceu aberto e os vendedores ambulantes esgotaram seus estoques de comidas, bebidas, camisetas e adereços para as manifestações²³.

Ainda segundo o mesmo jornal, a organização da passeata foi feita por entidades estudantis e os estudantes utilizaram diversas formas de transporte para se aglomerarem na Avenida Rio Branco. A esse respeito, houve arrastões pelas escolas para convocar alunos e, além de três barcas trazendo alunos de outras regiões da cidade, viagens de metrô e bicicletas foram os meios de transporte escolhidos por aqueles que compareceram à mobilização. Além da manifestação carioca, o jornal ainda mencionou passeatas gaúchas e mineiras, as maiores até então em suas respectivas localidades; estas, no entanto, eram organizadas principalmente por partidos políticos e consideradas pequenas, perto das estudantis do estado do Rio de Janeiro.

²² *Folha de S. Paulo*, 22/08/1992, p.1.

²³ *O Globo*, 22/08/1992, p. 8.

Intervenções artísticas, passeatas e manifestações continuaram a ocorrer de forma rotineira, espalhadas pelo Brasil com a participação de entidades civis, estudantis, partidos políticos e sindicatos. No dia 24/08, como já mencionado, o relatório da CPMI sobre Paulo César Farias foi lido na sessão do Congresso e neste documento, o então presidente Fernando Collor teve seu nome associado aos crimes de corrupção passiva e prevaricação²⁴, além de ter sido citado por crime de responsabilidade, o que o tornaria passível de impeachment.

No dia seguinte à leitura do relatório, a *Folha de S. Paulo* repercute a discussão do dia anterior, no qual Collor fica vulnerável a pedidos de impeachment. O periódico divulga também nesta data a mobilização articulada pela União Nacional dos Estudantes (UNE), União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) e a União Municipal dos Estudantes Secundaristas (UMES) que aconteceria naquele dia entre a Paulista e a Praça da Sé, em São Paulo. O movimento “Ética na Política” também organizara um comício no Anhangabaú (*Folha de S. Paulo*, 25/08/1992, p. 1, 17).

Tais entidades estudantis agiam como representantes dos estudantes, tanto do ensino básico quanto do universitário. A UNE estava presente nas universidades por meio dos centros acadêmicos e diretórios acadêmicos; já as entidades secundaristas se faziam presentes nas escolas por meio dos grêmios escolares. Cada um destes grupos dentro das universidades e escolas mandava representantes para a entidade estudantil que, a partir de um processo de eleição interno, definia suas lideranças. As reuniões que articulariam as manifestações ocorriam, muitas vezes, dentro das universidades e escolas, em diálogo com os estudantes.

O ME neste período já se articulava, como será discutido à frente, por pautas especificamente estudantis, como a tentativa de barrar a privatização do ensino público, a demanda por mais verbas e investimentos na pasta, entre outros. Quando as denúncias contra Collor surgiram, os estudantes (na figura das entidades), que já estavam mobilizados contra a agenda do governo para a educação, articularam-se para pedir a saída do presidente. Conforme as investigações foram sendo desenvolvidas e seus resultados tornados públicos pelas mídias, mais estudantes se inconformavam e recorriam à UNE, Ubes e Umes enquanto representantes organizados da “categoria estudante”.

²⁴ Prevaricação (Artigo 319 do Código Penal): “Retardar ou deixar de praticar, indevidamente, ato de ofício, ou praticá-lo contra disposição expressa de ei, para satisfazer interesse ou sentimento pessoal.” (*O Globo*, 24/08/1992, p.3)

No dia 26/08 os maiores veículos da imprensa estampavam a maior mobilização em prol do impeachment de Fernando Collor realizada até então. De acordo com a manchete da *FSP*, centenas de milhares de pessoas saíram pelas ruas do país para enaltecer os resultados do relatório da CPI do Collorgate, buscando o afastamento do presidente da república. Segundo a UNE e a UBES, 350 mil estudantes compunham a passeata que foi da Paulista à praça da Sé e, a partir de lá, foram até o Anhangabaú, onde o Movimento Ética na Política organizava outro ato público “para os mais velhos”, ainda de acordo com o jornal (*Folha de S. Paulo*, 26/08/1992, p.1).

A *FSP* trazia uma foto de 16 de abril de 1984 do Vale do Anhangabaú, completamente tomado por manifestantes no Diretas Já e ao lado uma foto, em ângulo similar, da praça igualmente lotada pelos Caras Pintadas e pelo Movimento Ética na Política²⁵. Outra reportagem do periódico afirmava que, segundo os organizadores, 555 mil pessoas, em 31 cidades brasileiras, participaram do dia de manifestações²⁶.

A edição do *O Globo* da mesma data afirma que estudantes e trabalhadores alagoanos organizarem uma manifestação de peso na cidade natal de Collor e incluíram a TV Gazeta, empresa da Organização Arnon de Mello, propriedade da família de Collor no itinerário da passeata (*O Globo*, 26/08/1992, p.9). Segundo o jornal, estudantes iniciaram no dia 25/08 uma vigília para acompanhar a votação do relatório da CPMI, que estava marcada para o dia seguinte. Ainda de acordo com o periódico, no Rio as catracas dos metrô, trens e as barcas estavam gratuitos para os estudantes, movimento contrário ao que se estabeleceu no estado vizinho (*O Globo*, 26/08/1992, p.9); em SP, estudantes encontraram muita dificuldade em conseguir gratuidade no transporte, tendo sido efetuada uma detenção de uma jovem que tentou pular a catraca do metrô, na estação Paraíso (*O Globo*, 26/08/1992, p.8).

De acordo com os periódicos *FSP* e *O Globo*, ao menos as cidades de Recife, Belo Horizonte, Curitiba e São Paulo tiveram duas manifestações marcadas para o mesmo dia, em diferentes horários: uma organizada pelo movimento estudantil e outra por entidades civis como OAB, Movimento Ética na Política, Movimento Pró-Brasil, CUT, entre outros. Nestas cidades, segundo os cálculos da polícia militar de cada região, os atos estudantis superaram de forma expressiva os demais grupos, em quantidade de participantes (*O Globo*, 26/08/1992, p.9).

²⁵ A foto não foi inserida neste texto em decorrência da baixa qualidade com a qual está disponível no acervo online da *FSP*. Para o trabalho final objetivava-se incluí-la.

²⁶ *Folha de S. Paulo*, 26/08/1992, p. 15.

As mobilizações perderam frequência após a grande mobilização noticiada em 26/08. Atoes espaçados e em menor número ainda ocorriam, a maioria organizada por entidades civis, partidos políticos e sindicatos. Apenas no dia 16/09 a *FSP* e o *O Globo* voltaram a noticiar grandes manifestações estudantis; no periódico carioca, a manchete “Os estudantes voltam às ruas contra Collor” introduzia a reportagem. Conforme o jornal, 10 mil estudantes, de acordo com a polícia militar e 100 mil estudantes segundo a UNE, ocuparam a avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, pedindo o impeachment de Collor (*O Globo*, 16/09/1992, p.8).

O jornal noticiou também manifestações que haviam ocorrido na mesma data em Curitiba e Maceió. Segundo a *FSP*, o ato paranaense foi o maior da história da cidade, com 60 mil pessoas, superando o comício das Diretas-Já e os comícios à sucessão presidencial; o ato fora organizado por entidades estudantis do estado e nacionais (*Folha de S. Paulo*, 16/09/1992, p. 7). *O Globo* discutiu, também, a discrepância entre as estimativas apresentadas pela polícia militar e pelos organizadores do ato no Rio de Janeiro, que variavam entre si em 90 mil pessoas; segundo o jornal, uma estimativa mais aproximada seria a de 50 mil pessoas, que fora o primeiro número dado pelo comandante do 5º batalhão da polícia militar, mas que voltou atrás e reduziu a quantidade de manifestantes (*O Globo*, 16/09/1992, p.8). Ambos os periódicos divulgaram o ato seguinte, que estava sendo organizado para o dia 18 de setembro.

No dia 18/09 a *FSP* incluiu em suas pautas os detalhes da organização para a manifestação daquele dia em São Paulo. Segundo o jornal, prefeitos de outras capitais e seus governadores compareceriam à que seria a maior manifestação até então. A convocação para o ato já acontecia há uma semana por chamadas em rádios, distribuição de panfletos e fixação de cartazes pela cidade, além de incentivos de sindicatos como o Sindicato Nacional da Indústria de Máquinas e Equipamentos, que sugeria que os funcionários das empresas e seus filiados fossem dispensados para participar das manifestações.

Cerca de 20 carros de som percorriam a cidade anunciando a manifestação e cerca de 5 destes passariam pelas escolas paulistanas realizando os chamados “arrastões” de alunos, como já dito acima, em que as entidades estudantis passavam de escola em escola com carros de som ou megafones, convocando os alunos a saírem das aulas para somarem às manifestações. O periódico também sugeriu rotas alternativas para quem quisesse escapar do trânsito provocado pelas manifestações, assim como apresentou caminhos para chegar aos locais de concentração para o ato (*Folha de S. Paulo*, 18/09/1992, p. 12).

A repercussão das manifestações do dia 18 foi diferente entre os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. A primeira reportagem sobre o tema na *FSP*, intitulada “Mais agressivos, estudantes voltam às ruas”²⁷, fala sobre a passeata em São Paulo. Segundo o periódico, essa passeata passou pela avenida Paulista até o Vale do Anhangabaú, e foi menor do que era esperado pelos organizadores, tendo sido composta por cerca de 45 mil pessoas, segundo a PM, perdendo em número de manifestantes para a manifestação do dia 25 de agosto que contou com 200 mil estudantes.

Ainda de acordo com o periódico, os dirigentes da UBES atribuíram o baixo comparecimento à greve dos professores estaduais, tendo em vista que as escolas estavam sem aulas há algum tempo. Já Lindbergh Farias, então presidente da UNE, afirmou à *FSP* que o número menor de pessoas se relacionaram à etapa em que as investigações e o processo jurídico se encontravam, “o primeiro período das manifestações foi até o dia 26, quando a CPI votou o relatório [...] agora estamos em uma fase intermediária, que só vai ter um novo pique lá pelo dia 30.” (*Folha de S. Paulo*, 19/09/1992, p. 10).

Segundo a liderança, na manifestação que ocorreria dali 15 dias o público tornaria a crescer. Para além disso, em nota o jornal afirma que algumas escolas dificultaram a saída de seus alunos para a manifestação, trancando os portões e marcando atividades avaliativas para o mesmo dia e horário da mobilização, o que também causaria um consequente menor comparecimento, “trancaram as portas, mas nós pulamos o muro e viemos”, diz um bilhete de alunos do Colégio Dante Alighieri enviado ao carro de som da UNE.

Este Colégio, segundo o periódico, não respondeu às tentativas de contato para explicar seu posicionamento. Em declaração à *FSP*, que entrou em contato com algumas outras escolas para falar sobre o assunto, o posicionamento variava entre apoiar o movimento e proibir a saída dos alunos. A diretora do Centro Educacional Júlio Pereira Lopes afirmou que o colégio conversou com os alunos antes da data marcada para os atos e ficou acordado que apenas aqueles que possuíssem autorização dos pais poderiam sair. O Colégio São Luiz flexibilizou o horário da saída do período da tarde e adiantou as provas do período matutino para que os alunos ficassem livres para atender às manifestações; já o Colégio Bandeirantes não teve o mesmo posicionamento e, quando carros de som passaram pela escola para chamar os alunos para a passeata, foram

²⁷ *Folha de S. Paulo*, 19/09/1992, p.10

convidados a entrar e ver os alunos realizando as provas (*Folha de S. Paulo*, 19/09/1992, p. 10)

Adiante, a reportagem que tem como manchete “São Paulo faz manifestação anti-Collor”²⁸, afirma que a manifestação no Vale do Anhangabaú organizada pelo Movimento Ética na Política reuniu, entre as 17h e as 17h30, 70 mil pessoas, de acordo com o levantamento do Datafolha. A polícia militar, no entanto, calculava 650 mil pessoas presentes, enquanto os organizadores levavam esse número para a casa do milhão.

No local haviam sido montados palanques para que os muitos políticos presentes pudessem fazer discursos, o que causou uma guerra de aplausos e vaias por parte dos manifestantes, tendo em vista que o público tinha posicionamentos políticos extremamente variados. Ainda segundo a *Folha de S. Paulo*, bandeiras de todos os partidos políticos tremulavam entre a multidão, com exceção do Partido Democrático Trabalhista (PDT). Em nota, a *FSP* ainda mencionou as manifestações em outras capitais brasileiras, como João Pessoa, Rio Branco, Natal e Porto Velho (*Folha de S. Paulo*, 19/09/1992 p.12).

Segundo *O Globo*, entretanto, a manifestação do dia 18 fora a maior da história de São Paulo, apresentando uma estimativa de um milhão de pessoas presentes, segundo a polícia militar (para a *Folha de S. Paulo*, havia estimado 650 mil pessoas presentes). Ainda segundo o periódico carioca, a manifestação foi precedida pela passeata estudantil que saiu da Paulista em direção ao centro da cidade, que também fora mencionada pela *FSP*, porém como sendo “menor do que o esperado”.

No *O Globo*, a passeata estudantil foi classificada como “gigantesca” e contou com 30 mil pessoas, segundo a polícia militar (contrastando com os 45 mil noticiados pela *FSP*) e 200 mil, pelas estimativas da UNE. Em relação a manifestações em outros estados, *O Globo* só mencionou a passeata mineira, em Belo Horizonte, que reuniu cerca de 8 mil estudantes que marcharam para onde aconteceria uma manifestação organizada pela CUT algumas horas depois, em movimento similar ao que ocorreu em São Paulo (*O Globo*, 19/09/1992, p.12).

A discrepância entre a abordagem dos dois jornais em relação ao mesmo fato é notória; não apenas os números relativos ao comparecimento nas manifestações são diferentes (mesmo tendo sido apresentados dados das mesmas instituições), mas a

²⁸ *Folha de S. Paulo*, 19/09/1992, p.14

interpretação deste dado também o é. Para a *FSP*, a passeata com 45 mil estudantes foi menor do que o previsto, considerada decepcionante. Já para o *O Globo*, que apresentou um dado de 30 mil estudantes na mesma passeata, tratou-se de uma mobilização “gigantesca”. Após as manifestações do dia 18 a frequência das mobilizações tornou a cair, e, como sugeriu Lindbergh Farias em entrevista para a *FSP* no dia 19/09, voltaram a ser mais frequentes ao fim daquele mês.

Como já mencionado anteriormente, durante o processo de investigação de Fernando Collor houve uma mudança na base aliada ao governo em que vários partidos se aliaram à oposição, fazendo pressão para o impeachment do presidente. Sobre isso, é importante considerar que o movimento anti-Collor mobilizou uma massa muito grande de pessoas em todo Brasil e tinha não só muita visibilidade, mas também apoio das mídias, e que em 1992 ocorreriam eleições municipais no país.

Segundo a *FSP*, os candidatos às prefeituras evitavam ao máximo se vincular ao presidente, e aqueles que era de partidos aliados ao governo enfrentavam dificuldades em suas campanhas, perdendo intenções de voto²⁹. Os partidos que compunham a base de oposição ao governo utilizavam as manifestações e a pauta anti-Collor, que estava em alta, para fazer campanha; conforme o processo avançava, mais políticos viam nos jovens que compunham as mobilizações um público importante que ajudaria a definir as eleições municipais.

No dia 29/09 foi votada a aceitação do pedido de impeachment de Fernando Collor, que levaria ao afastamento do presidente do cargo para o qual foi eleito. Segundo a *Folha de S. Paulo*, estavam programadas várias manifestações nas capitais brasileiras para acompanhar a votação. A principal manifestação dos CP seria uma passeata da Avenida Paulista até o Vale do Anhangabaú; em caso de aprovação do impeachment, os estudantes regressariam à Paulista para comemorar. Segundo nota da *FSP* na mesma data, estudantes secundaristas estavam acampados desde o dia 25/09 no MASP, em São Paulo, para acompanhar o desenrolar do processo jurídico e da votação que seria realizada e se juntariam aos demais quando o pedido de impeachment fosse aprovado (*Folha de S. Paulo*, 29/09, p.12).

Em votação na Câmara, o pedido de impeachment foi aprovado com 441 votos a favor e 38 contra, o que acarretou o afastamento de Collor do cargo no dia 30/09. Itamar

²⁹ Folha de S. Paulo, 16/08/1992, p.12.

Franco³⁰ até então vice-presidente assumiria na mesma data como presidente interino por um período de, ao menos, 6 meses. O processo de impeachment seguiria, então, para o Senado, sob acusação de crime de responsabilidade.

Segundo a *FSP*, 17 cidades contaram com manifestações que somaram 500 mil pessoas que acompanharam juntas os votos dados na Câmara (Quadro 1). Também segundo a *FSP* do dia 30/09 o clima nas principais cidades do país era de feriado, com shows comemorativos, queima de fogos e trios elétricos. Ainda segundo o periódico havia um temor de que o impeachment não fosse aprovado e que isso levasse a uma comoção popular tão grande que a festa planejada se transformaria em depredação do patrimônio público em uma espécie de “guerra civil”; por isso, 13.500 homens da polícia militar acompanhavam as aglomerações que acabaram sem incidentes (*Folha de S. Paulo*, 30/09/1992, p. A18).

Quadro 1. Número de manifestantes por cidade em 29/09/92.

Cidade	Nº de manifestantes (organizadores)	Nº de manifestantes (PM)
São Paulo (SP)	300.000	120.000
Brasília (DF)	190.000	100.000
Rio de Janeiro (RJ)	-	8.000
Belo Horizonte (MG)	70.000	25.000
Vitória (ES)	7.000	-
Florianópolis (SC)	5.000	-
Campinas (SP)	600	-
Fortaleza (CE)	50.000	30.000
Manaus (AM)	2.000	-
Boa Vista (RR)	5.000	-
Teresina (PI)	5.000	-
Salvador (BA)	30.000	15.000
Campo Grande (MS)	3.000	-
Rio Branco (AC)	3.000	-
João Pessoa (PB)	20.000	-
Belém (PA)	15.000	-
Maceió (AL)	2.000	-

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 30/09/1992, p. A18.

Levando em consideração o hiato no processo jurídico para o impeachment de Collor que se estabeleceu entre a aprovação do pedido na Câmara e a avaliação e decisão do Senado, que levou a uma queda praticamente total nas mobilizações, o movimento

³⁰ Itamar Augusto Cautiero Franco, nasceu em 28/06/1930, engenheiro, militar e político brasileiro. A maior parte de sua carreira política se deu no estado de Minas Gerais, tendo sido prefeito de Juiz de Fora, e senador. Entre 1989 e 1992 esteve filiado ao Partido da Reconstrução Nacional, (PRN), mas filiou-se, ainda em 1992, ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), no qual se manteve até 2009.

estudantil foi mencionado novamente, na *Folha de S. Paulo*, apenas no dia 21/10, em nota que informava uma manifestação da UNE, outras entidades estudantis e a CUT contra a privatização da Acesita, siderúrgica brasileira que seria leiloada. A manifestação ocorreu em frente à Bolsa de Valores do Rio de Janeiro e, segundo a *FSP*, a UNE e a CUT pressionavam para que fosse instaurada uma CPI para examinar as privatizações já realizadas até aquele momento³¹. Esta mobilização, no entanto, não tinha relação direta com o movimento aqui analisado.

Após esta data, a próxima menção na *FSP* à uma mobilização estudantil dos CP foi no dia 30/12 em reportagem intitulada “Grupo improvisa caras pintadas com batom”. Na reportagem, que repercutia a decisão final, pelo Senado, do impeachment de Fernando Collor, é relatado que um grupo de cerca de 30 estudantes da UNE e da UBES pintavam o rosto de quem passasse pelo salão azul do Senado. Como a mobilização não havia sido planejada, o último recurso para pintar os rostos foi utilizar os batons de quem estava ali³².

Em relação ao processo jurídico do impeachment, após aprovação na Câmara, Collor utilizou diversas táticas para postergar ao máximo a decisão do Senado, tendo conseguido alterar a data do julgamento, trocar o advogado atribuído ao seu caso, e, por fim, tentou evitar o impeachment renunciando algumas horas depois que o julgamento havia começado. Falhou em sua última tentativa e foi afastado de qualquer cargo político por um período de oito anos. Apesar das tentativas de atrasar o julgamento de seu impeachment, não houve nenhuma publicação, nem na *FSP*, nem no *O Globo*, que indicasse que houve grandes mobilizações estudantis para pressionar ou comemorar o resultado no Senado. As únicas menções aos CP e ao movimento estudantil entre este período foi no caderno *Folhateen*, que, voltado para o público jovem, discutia as repercussões das mobilizações.

Em 26/10/92, uma coluna especial assinada por Marcelo Rubens Paiva para a *Folhateen*, critica o ME, em específico a UNE, pela decisão de se mobilizar contra a privatização da Acesita, mencionada anteriormente. Segundo o colunista, a pauta não afligiu os estudantes, que não aderiram em massa à manifestação convocada pela entidade,

³¹ *Folha de S. Paulo*, 21/10/1992, p.7.

³² *Folha de S. Paulo*, 30/12/1992, p.17.

A entidade planeja retomar os planos de alfabetização e de reconstrução do CPC (*centros de cultura popular*³³ que atuavam na década de 60 levando, para ser curto e grosso, cultura às massas). Estávamos todos ansiosos para conhecer o passo seguinte ao impeachment. Tantas idéias... mas não: Acesita! (*Folha de S. Paulo*, 26/10/92, Folhateen, p.3).

Para Paiva, a UNE deveria passar por um novo processo eletivo, para definição de uma diretoria que representasse o movimento que havia ressurgido e contava com mais participantes, tendo em vista que considerava que a entidade não representava as massas, como afirma o título da coluna “Lideranças estudantis estão longe das massas”.

Já em 30/11 a Folhateen faz uma reportagem sobre a primeira reunião da UMES com as novas lideranças que aconteceria no domingo seguinte; dois terços dos representantes haviam sido eleitos após as manifestações e, segundo relatos, sem a unanimidade da pauta anti-Collor, muitos conflitos estavam sendo registrados. O principal desacordo era no que tangia a partidarização da entidade; alguns defendiam que a UMES era suprapartidária, outros que havia uma tendência clara a um partido (*Folha de S. Paulo*, 30/11/1992, Folhateen, p.1).

O movimento CP, em específico, era apenas mencionado como fonte de inspiração em reportagens publicitárias de novos programas de rádio³⁴, como ponto de partida para uma maior participação política que foi refletida nas urnas na eleição de Paulo Maluf para prefeitura de São Paulo, após ter mobilizado muitos jovens para trabalharem em sua campanha³⁵ ou até como único ponto em comum entre dois adolescentes, um menino do Movimento dos Meninos de Rua e uma menina “patricinha” que foram postos para conversar sobre suas respectivas realidades; ambos haviam frequentado todas as passeatas dos CP³⁶.

Pautas estudantis do movimento estudantil

Como já mencionado, as pesquisas acadêmicas indicam uma divergência em relação ao que teria sido o movimento dos CP. Uma parte dos estudos apontam para a ideia de um movimento espontâneo que foi ganhando vulto a partir da mobilização da população em geral, com destaque aos estudantes, mas caracterizando-a como uma mobilização social geral, que abarca diversos grupos sociais (MISHE, 1997). Essa

³³ Citação literal da publicação. A sigla correta, no entanto, seria Centro Popular de Cultura.

³⁴ *Folha de S. Paulo*, 16/11/1992, Folhateen, p.3

³⁵ *Folha de S. Paulo*, 23/11/1992, Folhateen, p.1

³⁶ *Folha de S. Paulo*, 07/12/1992, Folhateen, p.4

hipótese procura dar clareza ao movimento geral de pessoas que foram às manifestações, sejam elas de rua, ou feitas por outros caminhos, fosse por articulação política, fosse por meio atuações domiciliadas (panos pretos nas janelas, utilização de símbolos dos manifestos, cores verde-amarelo etc.).

De certa maneira, as manifestações populares foram amplas, e por isso, necessitam de uma observação mais acurada sobre as diferentes classes, frações de classe, grupos, coletivos e partidos que ali estiveram presentes. Mas, este trabalho acompanha a ideia de que, se há um movimento “cara-pintada”, produzido ao longo dos manifestos e captados pela imprensa como um fenômeno social passível de registro, isso aconteceu pela mão dos estudantes presentes. Cabe entender qual tipo de jovem estudante é destacado pela mídia e quais são os estudantes que realmente estiveram presentes ao longo dos manifestos. Mas, não se pode duvidar que o termo estava apegado aos estudantes, mesmo que haja agrupamentos diversos sendo apresentados pela imprensa.

Por outro lado, há quem aponte a mobilização dos CP como sendo eminentemente estudantil e que foi ganhando aderência com os demais segmentos da sociedade, principalmente os partidos políticos e diferentes categorias de trabalhadores. Indo ao encontro desta segunda hipótese, o levantamento realizado por Beltrame (2017) nos meses de agosto e setembro aponta que as pessoas que participaram dos CP eram classificadas como “estudantes” e suas variáveis em 49% das vezes no *O Globo* e 40% das vezes na *FSP*, como indicado nos quadros abaixo,

O Quadro 2 indica que no jornal *O Globo* as pessoas que participavam das passeatas e manifestações eram mais comumente definidas como “estudantes, alunos ou universitários”, com 88 menções, quase o dobro do termo “manifestantes”, termo pelo qual as pessoas foram chamadas em 46 oportunidades. Os termos “jovens ou adolescentes” foi menos frequentemente utilizado como definidor, encontrado em apenas 10 ocasiões.

Quadro 2. Palavras que definem as pessoas no acontecimento em O Globo (1992)

Palavras que definem as pessoas – <i>O Globo</i>	Caras-pintadas
<i>Estudantes, alunos ou universitários</i>	88
Manifestantes	46
Massa ou multidão	23
Categorias profissionais (professores, bancários, etc.)	11
Jovens ou adolescentes	10

Fonte: Beltrame (2017, p.155)

Já na *Folha de S. Paulo*, como exposto no Quadro 3, a denominação “estudantes, alunos ou universitários” aparece 83 vezes, 6 vezes mais do que o termo “manifestantes”, que é a segunda palavra mais utilizada, com 77 aparições. A definição de “jovens ou adolescentes” foi atribuída às pessoas que compareceram nas mobilizações apenas 8 vezes, tendo sido a menos utilizada.

Quadro 3 – Palavras que definem as pessoas no acontecimento na Folha de S. Paulo (1992)

Palavras que definem as pessoas – <i>Folha de S. Paulo</i>	Caras-pintadas
<i>Estudantes, alunos ou universitários</i>	83
Manifestantes	77
Massa ou multidão	20
Categorias profissionais (professores, bancários, etc.)	18
Jovens ou adolescentes	08

Fonte: Beltrame (2017, p.155)

Em ambos os periódicos as definições escolhidas para descrever os participantes das mobilizações foram similares; “estudantes, alunos ou universitários” foi a categoria mais frequente, com uma diferença de 5 menções a mais presentes no *O Globo*, em relação à *FSP*. A maior discrepância entre os periódicos foi em relação a utilização do termo “manifestantes”, que apareceu 77 vezes nas edições da *Folha de S. Paulo* e 46 no *O Globo*, uma diferença de 31 menções.

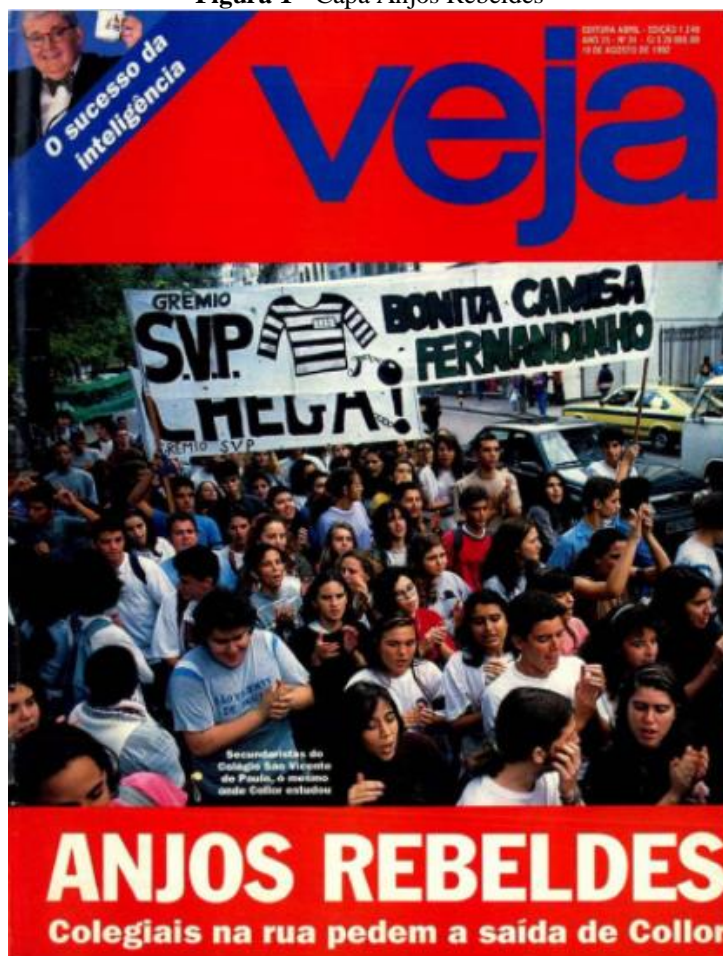
Em relação às outras categorias, a diferença entre o uso de “massa ou multidão” foi de três citações, sete na categoria “categorias profissionais” e apenas duas na menos frequente “jovens ou adolescentes”. Tendo em vista estes dados, é possível perceber que tanto *O Globo* quanto a *Folha de S. Paulo* escolhiam atribuir às pessoas presentes nas mobilizações um caráter estudantil na maior parte das vezes em que abordavam o tema.

Os termos “jovens ou adolescentes”, entretanto, não estavam necessariamente vinculados à caracterização destas pessoas, já que foi o menos utilizado por ambos os jornais; levando a crer que a vinculação daqueles indivíduos a um grupo geracional específico era menos frequente do que a atribuição da característica estudantil. Tendo isso em vista, é possível concluir que as pessoas que frequentavam as manifestações, segundo análise dos periódicos, estavam em sua maioria vinculados a instituições estudantis,

fossem elas escolas e universidades autônomas ou vinculadas às entidades representativas dos estudantes, como a UNE e UBES, por exemplo.

Reforçando o caráter de movimento estudantil dos Caras Pintadas, a revista *Veja* trouxe como única reportagem de capa especificamente sobre as mobilizações contra Collor, no dia 19/08/1992, a seguinte manchete “Anjos Rebeldes: colegiais na rua pedem saída de Collor” (Figura 1). A foto de capa retrata um grupo de jovens secundaristas do Colégio São Vicente de Paulo na rua, em uma manifestação. Neste colégio frequentado pela elite carioca liberal, segundo a reportagem da *Veja*, estudou Fernando Collor, anos antes. Em destaque na imagem da capa está uma faixa carregada pelos secundaristas em que se leem os dizeres “bonita camisa Fernandinho” ao lado de um desenho de uma blusa listrada preto e branco e uma espécie de algema, em alusão ao uniforme que presidiários utilizariam durante o cárcere.

Figura 1 - Capa Anjos Rebeldes



Fonte: *Veja*, 19/08/1992

Há também uma faixa secundária, em que se lê “chega”, em letras expandidas. Em ambas as faixas está indicado o grêmio São Vicente de Paulo (SVP), grupo de representação estudantil do colégio e que organizou a manifestação. No fundo da imagem é possível visualizar uma terceira faixa, mas não é possível identificar os dizeres nela contidos. Os estudantes são no geral brancos, em número similar entre meninos e meninas e alguns usam uniformes; naquela ocasião ainda não haviam começado a pintar os rostos.

Na imagem central da reportagem (*Veja*, 19/08/1992, p.19), que retrata um aglomerado de estudantes concentrados no vão livre do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), em São Paulo, é possível identificar no canto superior direito, uma faixa em que se lê “nenhum estudante fora da escola abaixo à lei [...] mensalidades do governo”, o que indica que, para além da pauta “Ética na Política” e contra corrupção, os estudantes possuíam pautas próprias para apresentar contra o governo.

A faixa diz respeito às Leis 8.170 e 8.178 sancionadas em 1991, que alteravam a forma com a qual escolas e universidades reajustariam as mensalidades cobradas dos alunos, determinando que a cada início de ano letivo as escolas fixariam livremente suas mensalidades, anunciando seus novos valores com 45 dias de antecedência do início das matrículas. Além disso, 70% do aumento salarial dos professores seria também repassado às mensalidades. Esta alteração permitiu o aumento discrepante do valor pago pelos estudantes em algumas instituições. Houve, além destas, outras pautas estudantis, relacionadas ao investimento no setor educacional. No primeiro ano do mandato de Collor, reduziu-se em 26,4% o investimento em educação e foi obtido o menor gasto da década com o setor, tendo sido finalizado o ano em apenas 2,4% do orçamento da União utilizado (*Folha de S. Paulo*, 12/08/1992, p.6)

Na edição do dia 15/08, uma reportagem intitulada “Bolso ressuscita movimento estudantil” relata diversas mobilizações estudantis contra a política de reajuste das mensalidades das universidades e das escolas particulares. Estudantes da Faculdade Cásper Líbero ocuparam os corredores da universidade e prometeram acampar até que uma solução fosse apresentada. Nas Faculdades de Santo Amaro alunos e diretores da UNE arrombaram os portões acompanhados de carros de som, e discentes mantiveram uma ala da Faculdade de Engenharia e Cultura do ABC ocupada por 10 dias. Outra universidade que enfrentou a ocupação de seus corredores por alunos foi a Pontifícia

Universidade Católica do Paraná, que já estava ocupada a 9 dias, na data de publicação da nota na *FSP*³⁷.

Por se tratar de uma mobilização contra o aumento das mensalidades, nota-se que todas as universidades mencionadas são particulares, tendo sido, assim, afetadas pelo reajuste do governo. Tendo isso em vista é possível supor, assim como faz a reportagem citada, que já havia sido despertado nos estudantes, por causa das medidas governamentais, uma “faísca” de mobilização política organizada, que culminou na enorme participação de estudantes da rede particular de escolas e universidades nas manifestações dos CP.

Na edição da *Folha de S. Paulo* do dia 25/08, a foto (Figura 2) que estampa a reportagem retrata estudantes da UNE, UMES e UBES segurando faixas que seriam levadas à Av. Paulista; nestas também podem ser lidas mensagens em que pautas especificamente estudantis são anunciadas; das seis faixas que aparecem na imagem apenas quatro podem ser compreendidas e, destas, duas tem as seguintes escritas: “Mais verbas para a educação” e “Não a privatização das estatais”. Nas outras duas, lê-se “Ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil” e “Fora Collor/ Impeachment nelle” (*Folha de S. Paulo*, 25/08/1992, p. 17). As faixas produzidas pelos estudantes representam o descontentamento do grupo estudantil com as práticas governamentais, para além apenas da pauta contra corrupção.

Figura 2 - Faixas para manifestação



Na sede da UNE, estudantes preparam faixas para a passeata de hoje na avenida Paulista

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 25/08/1992, p.17.

³⁷ *Folha de S. Paulo*, 15/08/1992, Cotidiano, p.1

Como Collor tinha uma política liberal, já discutida anteriormente, uma das medidas que foram pautadas foi a privatização de instituições estatais. Uma das faixas dos estudantes se refere a esta questão; à época, a tendência da privatização já flertava com o campo da educação e, com o incentivo governamental, esta ameaça se intensificava. A falta de verbas para a educação também é tópico para os estudantes, que demandam, pelas faixas, um maior investimento na área, tendo em vista que este havia sido reduzido em 26,4%, como já mencionado anteriormente. Um dos símbolos utilizados pelos estudantes com maior frequência era o uso dos dois “L” nas palavras escritas para fazer referência ao presidente, cujos nomes “Collor” e “Mello” tem grafia com “ll”. Muito frequentemente, para além desta forma de grafia, os estudantes coloriam de verde e amarelo cada um dos L, em referência às cores nacionais.

Lindberg Farias lista algumas das pautas estudantis do movimento em uma nota na *OESP*, em que diz,

Mas ela [a crise política] tem outras facetas, ainda mais graves, que são consequências da tentativa de aplicação do projeto neoliberal no Brasil. Para o povo, a tradução desse projeto significa recessão, desemprego e miséria. Para os jovens, os reflexos desse projeto se fazem sentir com mais ênfase. A falta de perspectivas de um futuro mais feliz não combina com a garra da juventude, e por isso ela vai à luta. Porque não concorda que a educação seja tratada como mercadoria, que a liberação dos preços das mensalidades escolares obrigue muitos estudantes a deixarem as universidades. Só este ano, a evasão escolar das escolas de terceiro grau foi de 300 mil alunos. O corte de verbas destinadas à pesquisa científica é outro exemplo de que este projeto não está de acordo com as necessidades de um Brasil soberano (*O Estado de S. Paulo*, 25/08/1992, p.2).

Segundo quadro cronológico elaborado pelo *O Globo* do dia 27 de agosto³⁸, as manifestações estudantis contra Collor já haviam começado antes mesmo das pautas contra corrupção. Primeiro, no dia 14 de abril, universitários da PUC protestaram contra o aumento de 47,62% nas mensalidades e nos dias 7, 12 e 14 de agosto secundaristas do Rio de Janeiro e de São Paulo se organizaram e promoveram passeatas contra o reajuste das mensalidades escolares.

Em 1992, além das mobilizações estudantis, ocorreram também articulações da classe docente; segundo o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APOESP), depois de sete anos o sindicato conseguiu a realização de concursos públicos para duas categorias docentes, além de aumento na quantidade de vagas e concurso para remoção para outra escola. Somado a isso, após atos de protesto, foi evitado

³⁸ *O Globo*, 27/08/1992, Segundo Caderno, p.4

o reagrupamento das classes escolares que acarretariam a demissão de mais de 10 mil professores e a superlotação das salas de aula. Houve ainda uma greve que durou quatro semanas, durante o mês de setembro, na qual os professores demandavam reajuste salarial, que foi concedido no valor de 30%.

CAPÍTULO 2 - A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E AS REPRESENTAÇÕES DE JUVENTUDE E ESTUDANTE

O movimento Caras-Pintadas teve sua trajetória imbricada com as mídias desde o momento inicial, levando em consideração que o próprio processo de denúncia e investigação de Paulo César Farias e Fernando Collor de Mello, que deu início a toda a mobilização, dependeu de reportagens na *Veja* e na *IstoÉ*, principalmente, para acontecer. Foi para a revista *Veja* que Pedro Collor de Mello deu sua primeira entrevista na qual denunciava o PC Farias e, a partir daí, é que foram iniciadas as investigações; já a revista *IstoÉ* veiculou a entrevista do motorista de Fernando Collor, Eriberto França, testemunha-chave que permitiu identificar o envolvimento de Collor com o esquema corrupto de PC e demonstrou que o então presidente tinha conhecimento de todo esquema construído por seu tesoureiro de campanha.

Como abordado previamente, a forma com a qual as mídias noticiavam os desdobramentos das investigações, o tom que davam às acusações, o que escolhiam noticiar e os temas que agendavam em suas pautas tinha poder de alimentar ou não a reação social (HOHLFELDT 1997). No caso de toda crise política que envolveu Fernando Collor de Mello, cada passo do processo era amplamente noticiado e repercutido; jornais, revistas e programas de televisão analisavam e veiculavam todo desdobramento, diariamente. Por conta disso, também, o movimento anti-Collor se manteve inflamado até que o presidente fosse afastado e posteriormente sofresse o impeachment.

Na *FSP* eram publicadas ocasionalmente notas que faziam uma análise ou comentário acerca de qual conteúdo e de como esse conteúdo fora construído nos telejornais; a partir deste quadro, pode-se compreender um pouco melhor como era a relação da mídia televisiva com o processo de impeachment e o movimento caras pintadas.

O primeiro quadro deste tipo que abordava as mobilizações foi em 12/08/1992 e a reportagem afirmava que apenas os telejornais locais deram as informações acerca das mobilizações,

O “Jornal Nacional” e o “TJ Brasil” deram o novo depoimento de PC Farias. Mas para saber da insuspeitada passeata dos estudantes, ontem, era preciso ver “SP Já” ou “Aqui Agora”. A cobertura dos dois maiores telejornais do país seguiu o de sempre. Os locais é que deram a notícia. [...] Estava tudo na televisão. O “SP Já”, da Globo, fez uma longa cobertura na edição da tarde. Deu uma avaliação do número de manifestantes, seis mil, e o que mais foi preciso. À noite, perdeu a coragem. Escondeu a passeata no “resumo do dia” (Folha de S. Paulo, 12/08/1992, p.6).

No quadro seguinte, três dias depois, a reportagem afirmava que o “Jornal Nacional” havia noticiado de forma satisfatória, na opinião do autor Nelson de Sá, os desdobramentos da investigação e as manifestações,

[...] Mas é muito raro – quase inédito – o “Jornal Nacional” fazer a coisa certa. Ontem foi dessas noites raras. O “Jornal Nacional” de ontem foi isento, distante, digno. [...] Mais que tudo, o “Jornal Nacional” de ontem mostrou – com o texto mais comedido possível, com todas as reservas imagináveis – a nova manifestação pró-impeachment, dos estudantes do Rio. A Globo deu as faixas pedindo “Fora Collor”, citou as palavras de ordem pela “ética na administração pública”, apresentou imagens dos jovens todos sorrindo [...]” (Folha de S. Paulo, 15/08/1992, p.8)

Um dia após o domingo negro, com reportagem intitulada “Globo tropeça no ‘Fantástico’”, o quadro retoma o noticiado no dia 15/08 para fazer uma crítica ao programa dominical “Fantástico”,

Não dá para confiar na Globo. O “Jornal Nacional” de sexta deu um banho de dignidade. O “Fantástico” de ontem foi indigno. Não que tenha escondido as notícias. Mas, a exemplo do que ocorreu no início de sua aceitação das diretas-já, a maior televisão do país tenta criar um equilíbrio artificial de noticiário. Há oito anos, a Globo tentava encontrar um falso equilíbrio – entre a resistência do autoritarismo e a emergência da democracia. Demorou demais para escolher a segunda. Agora, a Globo tenta encontrar outro falso equilíbrio – entre o desespero de um governo apodrecido e uma onda crescente de moralização política. O “Fantástico” deixou tudo bem claro, ao falsear as manifestações de São Paulo. Editou apenas as imagens em que apareciam inúmeras bandeiras verde-amarelas de um mesmo tipo. Ninguém ficou sabendo que nessas bandeiras estava escrito “Brasil sim, Collor não”. Para todos os efeitos, a Globo mostrou manifestações colloridas (Folha de S. Paulo, 17/08/1992, p.8)

Já em 21/08, a reportagem toma outro tom. Ainda criticando o posicionamento de algumas emissoras, e mencionando a diferença entre a forma de noticiar o assunto, Nelson de Sá comenta uma mudança na pauta dos principais telejornais. O aumento significativo da menção ao processo de impeachment fica, segundo ele, inegável

[...] Para investigar ou para esconder, a televisão brasileira agora só fala do escândalo Collor. Para o bem ou para o mal, o assunto geral é o impeachment. A televisão, como o país todo, deixou-se arrebater. No “Jornal Nacional” de ontem, foram três manchetes para o escândalo Collor: eram as três primeiras. No “TJ Brasil”, foram quatro manchetes para o escândalo: eram as únicas do noticiário. No “Jornal da Manchete”, foram cinco, ou metade do total. O quadro se manteve no “Jornal da Bandeirantes”, no “Jornal da Record” e no “Jornal da OM”. São esses os seis noticiários que entram em rede nacional. O teor da cobertura difere aqui e ali. Difere sempre mais na Globo. Mas o resultado acaba sendo o mesmo: o de deixar claro que, em todos os cantos do país, ninguém tem

outro assunto. Não se pensa em outra coisa (*Folha de S. Paulo*, 21/08/1992, p. 9).

Em 26/08, no auge das mobilizações, uma reportagem de Luís Antônio Giron para a *Folha de S. Paulo* aborda esta questão; intitulada “Multidão invade os tubos”, o repórter discute a repercussão das manifestações na mídia

Juntar-se à revolta da multidão ou retratá-la com distanciamento? Essas questões (sic) deve ter passado pela cabeça dos repórteres de TV ontem, na cobertura das manifestações pelo impeachment. Quase todos resolveram-na, aderindo. Só faltaram pintar a cara. Exceto o “Jornal Nacional”, os telejornais noturnos corresponderam ao entusiasmo do reportariado e optaram pelo diapasão messiânico, tipo “o povo liberta e limpa tudo” (*Folha de S. Paulo*, 26/08/1992, p. 14)

A reportagem segue tecendo comentários específicos sobre algumas das coberturas das diferentes emissoras. Citando as emissoras SBT, Bandeirantes e CNN³⁹, a ressalva em relação à forma escolhida para abordar o caso na TV Globo é novamente enfatizada,

A Globo, desta vez, não se escancarou aos fatos. Imprimiu frieza na razão inversa à temperatura das ruas. Graziela Azevedo, durante o “SP Já”, acompanhou carnavalescamente a passeata dos estudantes. Mas os repórteres foram se calando e os panos quentes dominaram a cobertura do “JN” [...] Somente a quinta manchete foi para o protesto: “Passeatas em várias capitais. Milhares de pessoas protestam contra o presidente Collor no centro de São Paulo”. Cenas rápidas, sem reportagem. “O clima foi de festa nos protestos”, disse Cid Moreira, como uma geleira. Os protestos perderam até para o furacão de Miami, com boa cobertura do casal William Bonner e Fátima Bernardes (*Folha de S. Paulo*, 26/08/1992, p.14)

Sobre o posicionamento dos meios de comunicação em relação a Collor, foram poucas as colocações oficiais a favor do presidente. Na edição de 14/08, uma coluna escrita por Luiz Alberto Bahia⁴⁰ para a *Folha de S. Paulo* intitulada “Linchamento ou julgamento?” discute a forma com a qual a mídia estava veiculando o caso, afirmando que “levar-se o povo às ruas em nome da moralidade política [...] convida à convulsão política”, alegando que havia riscos a serem tomados tanto no caso da continuidade do mandato presidencial quanto no caso de afastamento do então presidente. O autor, entretanto, posicionava-se cauteloso quanto ao afastamento, pois os riscos na

³⁹ CNN Internacional, na voz da correspondente no Brasil Marina Mirabella.

⁴⁰ Membro do Conselho Editorial da *Folha de S. Paulo*, membro associado do Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Cambridge (Reino Unido) e conselheiro do Tribunal de Contas do Município do Rio de Janeiro (p.3, *Folha de S. Paulo*, 14/08/1992).

permanência de Collor no cargo eram previsíveis, enquanto os riscos da deposição não o eram.

Já na edição do dia seguinte do jornal, 15/08, no editorial intitulado “LUTO”, na primeira página do periódico, Collor é fortemente criticado; na ocasião, o então presidente havia pedido que os que apoiassem o governo saíssem no dia 16/08 vestindo as cores nacionais. Segundo o jornal, a situação do governo Collor estava insustentável, afirmando que a gestão contava com uma “administração falida, de tolerância com o atraso, a impunidade e a mentira que se instalaram no núcleo do Poder Executivo”, a nota editorial ainda afirma que Collor não tinha mais condições políticas para governar e que a crise política só se encerraria com a renúncia do então presidente. Para além disso, afirmava que “o governo está em frangalhos, suas mazelas estão expostas, sua respeitabilidade não existe mais. Lança-se ao delírio, à histeria, à provocação.”

A *Folha de S. Paulo* publicou uma nota⁴¹ que abordava a censura exercida pela Polícia Civil de Minas Gerais ao jornal “Planeta Diário” e à revista “Casseta Popular”. Segundo o periódico, 500 exemplares das publicações foram apreendidos, sem mandado judicial, que, segundo o comandante da operação, delegado de Assuntos Especiais, “não era necessário, pois utilizamos o poder da polícia”. A apreensão visava apenas a edição de agosto de 1991, da revista “Casseta Popular”, que estampava na capa uma bandeira brasileira pintada nas nádegas de uma mulher, mas a maioria das revistas apreendidas era da edição nº84 do “Planeta Diário”, de 1992, em que Fernando Collor aparece com chifres ao lado de Rosane Collor.

Com o desenrolar da investigação das denúncias, a *FSP* passou a publicar com frequência quadros que abordassem o tema; uma imagem sempre acompanhava as reportagens sobre o processo, tal imagem se repetia várias vezes na mesma edição, levando em conta as várias reportagens sobre o processo de impeachment diariamente veiculadas. Além disso, alguns quadros se tornaram, senão fixos, extremamente frequentes no periódico, como é o caso dos “Perguntas que ainda não foram respondidas”, “Placar do impeachment” e “Calendário das manifestações”.

A primeira imagem que acompanhava as reportagens sobre as denúncias e investigações sobre o então Presidente fazia referência aos irmãos Collor e seu desentendimento. Dois desenhos de corpos masculinos produziam um X com suas sombras; dois dos lados do X estampavam o nome “Collor” (Figura 3). A primeira

⁴¹ Folha de S. Paulo, 22/08/1992, p.9

publicação da imagem, em 27/05/1992, acompanha reportagem intitulada “Governo vai enfrentar CPI na inauguração da Eco-92”.

Figura 3 - Collor vs Collor



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 27/05/1992, p.4

A primeira vez que o termo “Collorgate” apareceu substituindo a logo que acompanhava as reportagens sobre Collor foi em 11/06/1992, em reportagem intitulada “Depoimentos levam a CPI a chegar mais perto de Collor”. A “logo” do Collorgate inicialmente era uma edição de duas fotos separadas. Metade do rosto de Collor e metade do rosto de PC Farias foram editados para compor a imagem (Imagem 4). Pedro Collor de Mello não fora mais referenciado, a partir de então, na logo das reportagens. Sua participação no processo havia se encerrado no âmbito das denúncias e a partir deste momento PC Farias se mostrava essencial para o desenrolar das investigações.

Figura 4 - Collorgate



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 11/6/1992, p. 4

Já em 02/07/1992, a logo sofreu nova alteração, passando a ser uma fotografia frontal do presidente e seu tesoureiro de campanha, desta vez com os rostos fundidos como se tratasse de uma só pessoa (Figura 5). A “logo” do Collorgate tinha como objetivo chamar a atenção do leitor, indicando o tema que seria tratado na coluna.

Em 27/08/1992 o quadro foi publicado pela primeira vez na capa do jornal, em lugar de destaque, contando também com um gráfico que ilustra a evolução dos votos a favor do impeachment na câmara. A publicação em lugar de destaque se repetiu praticamente todos os dias até 11/09/1992, em que foi substituído pelo “calendário do impeachment”. Em 22/09/1992 o “placar do impeachment” voltou para a capa do jornal e lá se manteve todos os dias⁴³ até 27/09/1992, em que foi iniciada uma contagem regressiva para a votação na câmara que foi realizada em 29/09/1992 (Figura 7).

Figura 7 - Placar do Impeachment 1ª folha



Fonte: Folha de S. Paulo, 27/08/1992, p. 1; Folha de S. Paulo, 29/09/1992, p.1

Outro quadro que se tornou recorrente no periódico era intitulado “Calendário das manifestações”. Neste quadro eram divulgadas as manifestações, debates, carreatas e intervenções artísticas, entre outras formas de mobilização contra Collor, que aconteceriam no dia da publicação e nos dias seguintes, especificando o local, o horário, sugestão de vestimentas, entidade organizadora e principais pautas gerais e específicas.

. O primeiro a ser publicado, dia 12/08/1992, quarta-feira, noticiava três eventos que aconteceriam naquele dia, sendo eles um debate na Universidade Federal da Bahia, um ato em São Paulo e um no Rio de Janeiro e uma passeata que aconteceria na sexta-feira seguinte, no Rio de Janeiro, em que estava explicitada, também a rota que tomaria a manifestação⁴⁴. O próximo, três dias depois, relatava dois atos no interior de São Paulo

⁴³ Com exceção do dia 23/09/1992, em que o “Calendário do impeachment” retornou à capa no lugar do “placar do impeachment”.

⁴⁴ Folha de S. Paulo, 12/08/1992, p. 6.

marcados para a própria data e outros oito eventos, que ocorreriam entre São Paulo, Rio de Janeiro, Maceió e Recife⁴⁵. O quadro era publicado praticamente todos os dias, com algumas poucas exceções; em 19/08/1992 eram divulgados 14 eventos que ocorreriam entre São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, Uberlândia, Gramado, Lorena, Belo Horizonte e Uberaba.⁴⁶

Para além de apenas pautar toda a crise política, a *Folha de S. Paulo* chegou a instalar no Vale do Anhangabaú uma “vídeo-wall”, para que os manifestantes pudessem acompanhar ao vivo a votação pelo aceite do impeachment de Collor na Câmara.

Era frequente a publicação, no jornal *Estado de S. Paulo*, de charges que acompanhavam as reportagens. Muitas foram as charges a respeito do processo de investigação de Collor, e, apesar de não serem todas especificamente sobre as mobilizações do Caras Pintadas, o posicionamento do jornal perante a CPI e a mobilização pelo afastamento do presidente é relevante.

Assim como a *Folha de S. Paulo*, o *OESP* também publicava uma imagem junto com toda reportagem a respeito de Collor (Figura 8), a logo representa o Palácio do Planalto sendo atingido por raios, associando a turbulência da investigação com a de uma tempestade e figurava o cabeçalho do caderno de Política do periódico, acompanhada de um resumo dos conteúdos daquela página.



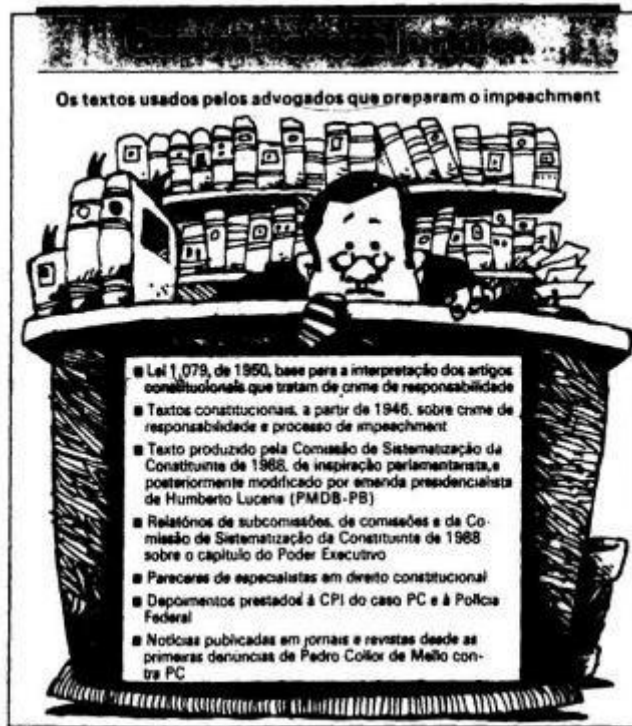
Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 26/08/1992, p.5

As charges eram utilizadas, no geral, como ponto tentativa de satirizar a situação do país, mas também cumpriam a função de informar, de forma mais descontraída, os desdobramentos da CPI, como na imagem 9, que ilustra um juiz aparentemente acanhado, se escondendo atrás de sua mesa, cercado de livros-texto. Um quadro lista quais foram os textos usados pelos advogados da acusação, ao elaborarem o pedido de impeachment de Collor.

⁴⁵ *Folha de S. Paulo*, 15/08/1992, p.5.

⁴⁶ *Folha de S. Paulo*, 19/08/1992, p.6.

Figura 9 - Charge informativa



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 13/08/1992, p.7

No dia do aniversário de Fernando Collor, *OESP* publicou uma charge (Figura 10), do Presidente cercado de fantasmas que cantavam a música “Parabéns para você”, em referência aos cheques fantasmas que foram descobertos, compondo a lista de provas contra Collor e PC Farias, que também é representado como um dos fantasmas, sendo identificado pelo bigode e os óculos.

Figura 10 - Aniversariante e fantasmas



Fonte: *Estado de S. Paulo*, 12/08/1992, p.6

PC Farias é ilustrado em outra charge, junto com Fernando Collor, em que os dois aparecem nus, tendo sido descobertos por um homem, que puxava a bandeira do Brasil que os cobria. No período em que a charge foi publicada, mais evidências haviam surgido, os incriminando, além disso, Collor já havia convocado a “Guerra das Cores”, que

aconteceria no dia seguinte à publicação, clamando pela proteção dos símbolos nacionais (Figura 11).

Figura 11 - Desnudando o governo



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 15/08/1992, p.6

Dois dias após o “Domingo Negro”, em que Collor perdeu a batalha das cores e não conseguiu o apoio popular que havia previsto, o ESP publicou outra charge protagonizadas pelo então presidente e seu tesoureiro de campanha (Figura 12). Na ilustração, Collor dizia a Paulo Cesar “Pô PC! Eu peço verde e amarelo e até você me vem com esse Morcego Negro!”

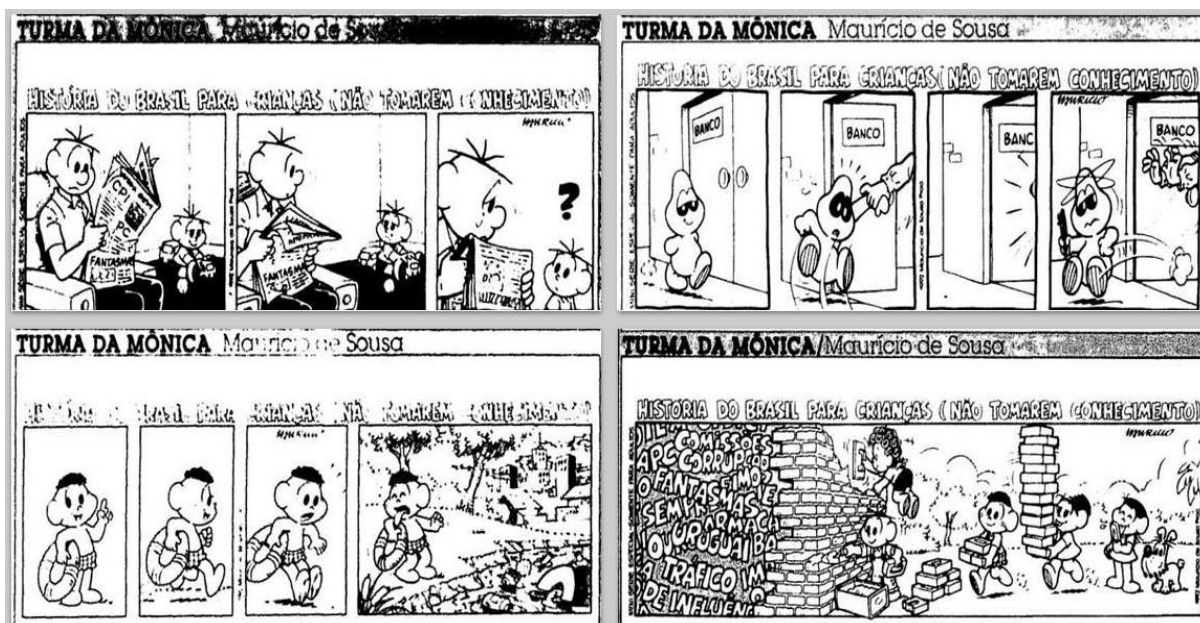
Figura 12 - Morcego Negro



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 18/08/1992, p.6

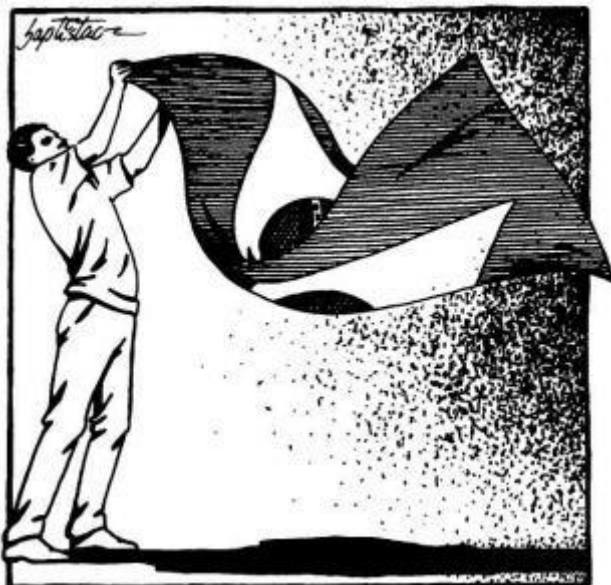
Maurício de Souza, criador da Turma da Mônica, criou uma série de tirinhas, publicadas no *OESP*, que levava como título: “História do Brasil, para crianças (não tomarem conhecimento)” (Figura 13). Três destas tirinhas tinham como tema algum aspecto do processo de impeachment. Na primeira delas, o pai do personagem “Cebolinha”, lê o jornal, que estampa a CPI e os fantasmas de Collor, e se emociona ao olhar para o filho, que brincava ao lado. A segunda tirinha publicada, o personagem “Penadinho”, que é um fantasma, é puxado para dentro de um banco e depois expulso de lá, zozzo e segurando uma caneta na mão, em alusão aos vários fantasmas que assinaram cheques que compunham as provas contra Collor. A terceira tirinha não abordava diretamente a questão política do momento, tendo como tema a poluição de rios. Na quarta tirinha apareciam vários dos personagens de Maurício de Souza, construindo juntos um muro, atrás do qual aparecem várias palavras como "comissões, corrupção, fantasma, armação, tráfico de influência”.

Figura 13 - Turma da Mônica e o Impeachment



Fonte: *O Estado de São Paulo*, 14/08/1992, p.39; *O Estado de São Paulo*, 16/08/1992, p.40; *O Estado de São Paulo*, 18/08/1992, p.39; *O Estado de São Paulo*, 20/08/1992, p.42.

As charges ou ilustrações que mencionavam o movimento, direta ou indiretamente, começaram a ser mais comuns a partir de agosto, quando o volume e frequência das manifestações se intensificou. A primeira charge a este respeito (Imagem 14), retratava um jovem batendo a bandeira brasileira e dela saindo poeira,

Figura 14 - Limpando o Brasil

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 23/08/1992, p.2

A imagem seguinte (Figura 15), publicada dois dias depois, ilustrava uma nota de Lindberg Farias, intitulada “Voltamos para Ficar”, na qual dizia que o movimento estudantil havia retornado, reconquistado sua força e que combateria os projetos da política neoliberal de Fernando Collor. A imagem ilustra Collor vestido com um paletó, no qual foi feita a sobreposição de imagens de uma passeata, com muitas faixas contra o presidente e seu mandato.

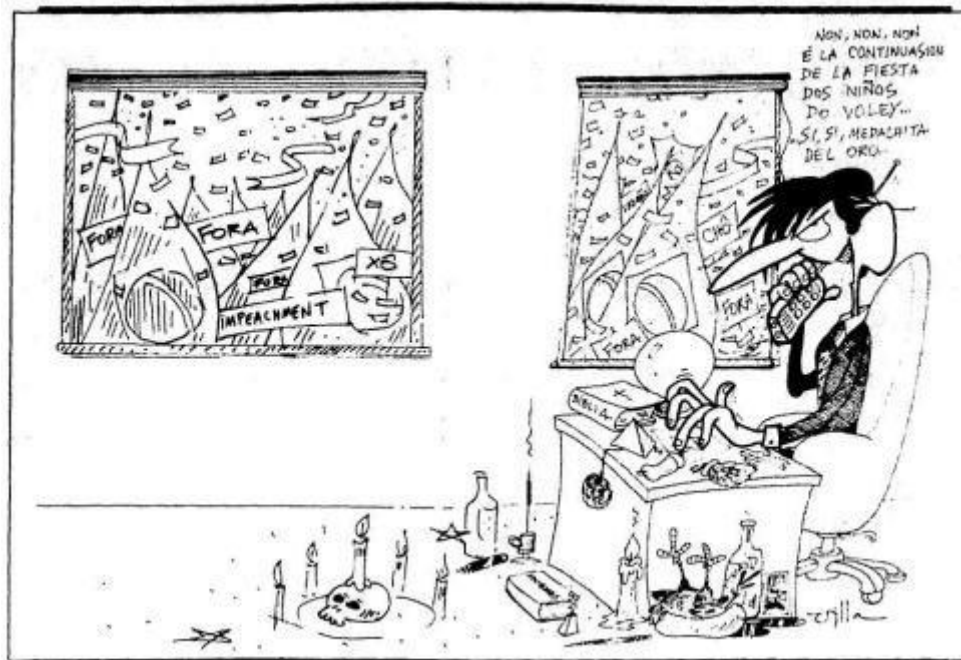
Figura 15 - “Voltamos para Ficar”



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 25/08/1992, p.2

A última charge que fazia referência ao movimento Caras Pintadas abordava, também, uma entrevista que Collor havia dado para um veículo argentino, em que o presidente justificava as manifestações, afirmando que se tratavam, na verdade, de mobilizações por conta das eleições estaduais e comemorações pela vitória da equipe de vôlei brasileira. Na charge, é possível ver Collor em uma sala, falando ao telefone e dizendo, em espanhol: “Non, non, non! É la continuasion de la fiesta dos niños do voley... Si, si, medalhista del oro...”; pelas janelas da sala é possível ver as bandeiras de uma manifestação pedindo impeachment. Na sala, junto com o então presidente, é possível identificar velas queimando, uma bíblia e oferendas religiosas (Figura 16).

Figura 16 - Collor argentino



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 28/08/1992, p.6

A respeito do posicionamento do presidente em relação às manifestações, a *FSP* também publicou uma charge, ironizando a declaração de Fernando Collor de que seria apenas passeatas isoladas, ilustrando o Palácio do Planalto ao fundo da imagem e, no primeiro plano, uma multidão de pessoas segurando faixas, carros de som, etc.

Figura 17 - Ato Isolado



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 26/08/1992, p.2

Além das charges, o *OESP* também publicava a rota das principais manifestações e, após o dia 16/08/1992, que ficou conhecido como Domingo Negro, passou a publicar

um quadro intitulado “Batalha das Cores” (Figura 18), no qual estavam descritos todos os atos, mobilizações, passeatas, carreatas e ações contra Collor.

Figura 18 - Batalha das Cores

BATALHA DAS CORES

■ Os metalúrgicos do ABC fazem hoje manifestação contra o governo Collor no Paço Municipal, em São Bernardo do Campo, a partir das 18 horas. A partir das 14 horas, deverá haver passeatas por toda a cidade.

■ Funcionários da Prefeitura de Santo André prometem enrolar uma faixa negra de 220 metros de comprimento no prédio. Dallí, às 16 horas, uma passeata organizada por trabalhadores.

■ Cerca de 4 mil pessoas, de acordo com os organizadores, participaram de uma passeata ontem à tarde pelas ruas de Florianópolis, pedindo o impeachment do presidente Collor. Convocados pela OAB, CUT, igrejas luterana, metodista, batista e presbiteriana, além de outras 30 entidades, os manifestantes se concentraram em frente ao Palácio do Governo, partindo depois em direção à Praça 15.

■ A Câmara Municipal de Fortaleza promoveu ontem uma sessão especial para defender o impeachment do presidente. Atrás da mesa diretora, foi fixada uma bandeira preta entre as bandeiras do Brasil e de Fortaleza. Participaram do ato o prefeito Jurael Magalhães, os presidentes regionais do PT, PC do B e PSB e representantes de diversas entidades.

■ Uma carreata do Movimento pela Ética na Política (OAB, CNBB, CUT, DCE e mais 26 entidades) percorreu ontem as ruas de Manaus convocando a população para ato público hoje, a partir das 16h, no terminal da Igreja Matriz.

■ Cinco passeatas de estudantes, que percorreram 40 escolas e a Universidade Federal de Mato Grosso, encontraram-se ontem no início da noite na Praça da República, em Cuiabá, em ato pelo impeachment de Collor.

■ Em Macapá, uma passeata pediu a saída de Collor da Presidência. Na Praça da Bandeira, em frente ao Palácio do Governo, foi feito um enterro simbólico do presidente.

■ Cerca de 5 mil pessoas, segundo os organizadores, e 1.500, segundo a PM, participaram no final da tarde de ontem de ato público contra o presidente Collor no Guarujá (SP).

■ Vestidos de preto, alunos do Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam) de Presidente Venceslau (SP) interditaram ontem no final da tarde a Avenida D. Pedro II, a principal da cidade, numa manifestação pelo impeachment.

■ Em Dracena (SP), ato público pró-impeachment reuniu, segundo a PM, cerca de mil pessoas. O grupo Com Licença, Vou à Luta teatralizou a luta dos estudantes pela moralização do País.

■ Animados por uma banda de rock e vestidos de preto, 5 mil estudantes universitários e secundaristas (cálculo da PM) tomaram no fim da tarde de ontem a praça central de Campinas, em manifestação pela saída de Collor da Presidência.

■ Em Assis (SP), houve ato público diante da Câmara dos Vereadores, depois de passeata de duas horas pela Av. Rui Barbosa.

■ Estão programadas para hoje, a partir das 17h, manifestações pelo impeachment nas quatro principais cidades do Vale do Aço (MG) — Ipatinga, João Monlevade, Timóteo e Coronel Fabriciano.

■ O Conselho Interindustrial de Presidente Prudente (SP) programa passeata pró-impeachment para sexta-feira, a partir da Praça 9 de Julho, às 17h.

■ Em Ribeirão Preto (SP), a União dos Estudantes (UERPE) e a União da Juventude Socialista (UJS), entidades secundaristas ligadas ao PC do B, realizaram ontem à tarde uma passeata pró-impeachment, ao som das músicas Alegria, Alegria, de Caetano, e Comida, do grupo Titãs.

■ Em Mogi Mirim (SP), a principal manifestação pela saída de Collor aconteceu a partir das 19h, na Praça Rui Barbosa, organizada por sindicatos de trabalhadores com apoio de professores, estudantes e políticos.

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 28/08/1992, p.6

Tendo em vista os documentos analisados, é possível perceber que os dois jornais utilizaram mantiveram uma postura de rejeição a Fernando Collor de Mello pela maior parte do processo de investigação, desde as denúncias. Além disso, ambos pautaram as manifestações estudantis, mesmo que de formas diferentes.

Os anos rebeldes e a geração Coca-Cola: diferentes gerações diante do espelho

A mídia de forma geral compreendia o movimento Caras Pintadas como sendo um movimento estudantil. As menções a “estudantes”, como já mencionado anteriormente, era maior do que qualquer outro tipo de caracterização aos manifestantes presentes nas mobilizações.

Em 22/08 a *Folha de S. Paulo* frisa a ausência de lideranças políticas nacionais na que fora a maior manifestação até então (e que foi superada pouco tempo depois), e diz que representantes de partidos e candidatos foram recebidos com frieza, citando a fala de

uma estudante que diz “este movimento não é de político, nem tem partido” (*Folha de S. Paulo*, 22/08/1992, p.8).

Uma charge (Figura 19) publicada no *O Globo* na mesma data, retrata uma caricatura de Fernando Collor sorrindo, segurando uma meia bandeira do Brasil, caminhando “para trás” por entre cinco crianças sorrindo que caminham “para frente”, em uma passeata. As crianças alcançam apenas o joelho do presidente e carregam seis placas e faixas em que se leem “Basta de corrupção”, “basta”, “impeachment”, “ética na política”. Uma das crianças segura a calça de Collor e diz “Ei, o senhor está indo na contra-mão!”. A charge representava as diversas manifestações estudantis, que eram compostas por estudantes muitas vezes menores de idade, que cobravam Collor por uma postura menos retrógrada e mais ética.

Figura 19 - Charge Collor x estudantes



Fonte: *O Globo*, 22/08/1992, p.6.

Levando em consideração o que foi dito, é possível perceber que durante o ano de 1992 dois movimentos de características bem definidas e diferentes foram constituídos, ambos em prol do impeachment de Fernando Collor. O primeiro deles, foi o movimento estudantil Caras-Pintadas, composto por estudantes secundaristas e universitários, filiados ou não a instituições como a UNE, UBES, UMES, pertencentes ou não a grêmios e centros acadêmicos.

O segundo movimento, de característica não estudantil, era organizado por entidades como a OAB, o Movimento Ética na Política, Movimento Pró-Brasil, partidos políticos, sindicatos, entre outros. Os dois movimentos ocorreram de forma simultânea, tinham de forma geral o mesmo objetivo, mas se distinguiam para além da composição de seus grupos, por sua forma de se organizar, de se portar nos atos, e por seus objetivos

secundários. Em diversos momentos os dois movimentos manifestavam-se juntos, mas não eram raras as manifestações unicamente estudantis ou as “dos adultos”, como eram chamadas pelas mídias ao abordarem as manifestações civis.

Em 15/08/1992 a *FSP* publicou em seu caderno “opinião” três diferentes pontos de vista a respeito do “ressurgimento” do movimento estudantil. O primeiro, de Leôncio Martins Rodrigues⁴⁷ que nega o renascimento do ME, afirmando que os movimentos do passado estavam em muito vinculados a estímulos recebidos de outros países que fomentavam a participação política dos jovens estudantes, somado a questões políticas internas. Segundo o analista, em 1992 as instituições democráticas encarregadas de discutir as questões políticas estavam funcionando, assim como a livre expressão da imprensa e, desta forma, os estudantes não precisariam cumprir o papel de movimento organizado (*Folha de S. Paulo*, 15/08/1992, p.3).

De forma oposta, Lindberg Farias, presidente da UNE, posicionava-se de forma a defender que o ME havia sim retornado e que estava apenas no começo de suas mobilizações unificadas. Segundo o líder, o movimento estudantil nunca havia morrido, estava apenas diminuto em pautas específicas de cada escola e universidade, em cada região; com o surgimento de uma pauta nacional, houve a chance de unificar o que antes estava fragmentado. Muller (2016) discute a trajetória do movimento estudantil em seu retorno à cena pública no período dos pós ditadura e, ainda que em outro momento histórico, o discurso empregado na época é comparável com o feito em 1992, em relação ao ressurgimento do ME enquanto movimento nacional organizado; o movimento estudantil, segundo ela, nunca deixou de existir durante a ditadura militar estava apenas fragmentado e reprimido. Há um trecho que, ainda que tenha sido escrito em referência ao ME que enfrentou o regime militar, pode também fazer referência aos CP, tendo em vista uma descrição similar à que poderia ser feita para o movimento de 1992,

o ressurgimento das movimentações de massa ocorreu em novos moldes e em situação bem diversa da que caracterizou aquelas de 1968: não havia grandes líderes, não houve enfrentamentos nem uso de armas, e a plataforma de luta era bem ampla, ou seja, não restrita às reivindicações do ME (Muller, 2016, p.134).

Retomando a publicação da *FSP*, José Dirceu⁴⁸, ao contrário de Leôncio e Lindberg, se posicionava pelo meio termo; segundo ele o movimento estudantil poderia sim se reestruturar a partir do CP, mas não da forma como havia sido em 1968, nos Anos

⁴⁷ Leôncio Martins Rodrigues, professor titular de ciências políticas da Unicamp e da USP e membro do Cedec (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea).

⁴⁸ José Dirceu em 1992 era deputado federal pelo PT-SP e, em 1968, era presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE) de São Paulo.

Rebeldes. De acordo com o então político e antigo líder estudantil da geração de 1968, a geração do passado havia sido “um mito, um modelo de rebeldia, idealismo e participação política juvenil” (*Folha de S. Paulo*, 15/08/1992, p.3) e, para chegar ao menos perto de um dia fora, os jovens de 1992 precisariam repensar toda organização do movimento, alterando as estruturas de suas instituições.

Em um discurso durante a manifestação de 25/08, segundo *O Globo* do dia seguinte, Lindbergh Farias afirma que “estamos [os estudantes] fazendo história. Agora mostramos que os estudantes acordaram e querem tirar Fernando Collor da presidência”.

Enquanto ME, os Caras-Pintadas eram constantemente comparados a outro movimento estudantil; a geração dos “anos rebeldes”, que em 1968 contra a repressão, era frequentemente utilizada como base comparativa para analisar a forma de organização, os tipos de palavras de ordem e o comportamento dos jovens caras pintadas.

Muitos eram os motivos para que se estabelecesse este paralelo. O CP foi o primeiro movimento estudantil organizado que conseguiu mobilizar tantas pessoas quanto as mobilizações contra a repressão em 1968, e surpreendeu os que os julgavam a “geração coca-cola” como alienada em contrapartida aos politizados jovens dos anos da ditadura.

A comparação entre os movimentos feita na *Folha de S. Paulo* por Renato Janine Ribeiro⁴⁹, a principal diferença entre o movimento estudantil de 1968 e o de 1992 era o momento histórico em que cada um deles estava inserido e o que isso representava em relação ao apoio que os estudantes receberiam da sociedade. Em 1968, os estudantes estavam imersos em um “ideal da revolução de esquerda”, pauta que em 1992 havia perdido o impacto. A consequência disso foi que em 1968 “centenas de jovens”, segundo Janine Ribeiro, se juntaram à luta armada, coisa que, ainda segundo o autor, seria inconcebível para os jovens da década de 1990, que não cogitavam renunciar à vida pessoal e das realizações individuais em prol da militância política (*Folha de S. Paulo*, 16/08/1992, p.3).

Essa opinião corrobora o que foi anteriormente detectado de que uma parcela dos estudantes mobilizados não se colocava como porta-vozes de partidos, ainda que estes buscassem suas filiações, não se mostravam competentes à luta política institucional. O que não significava que todos se posicionavam da mesma forma, haja vista a participação

⁴⁹ Renato Janine Ribeiro foi professor associado de filosofia política na USP, autor de “A etiqueta no Antigo Regime e “Ao leitor sem Medo” e organizador dos livros “Recordar Foucault” e “A sedução e Suas Máscaras” (*Folha de S. Paulo*, 16/08/1992, p.3).

do próprio presidente da UNE que, de estudante instituído em um órgão estudantil histórico, foi eleito deputado federal pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB) em 1994, sendo o mais votado da esquerda naquela eleição.

A comparação não era feita sempre por indivíduos que haviam apoiado e participado do movimento de 1968. Em nota à *OESP*, intitulada “Erasmus Dias aplaude protesto estudantil”, o coronel Erasmo Dias, que fora Secretário da Segurança de São Paulo nos anos 1970, encarregado de conter as mobilizações estudantis e responsável pela ordem de prisão dada aos estudantes na ocasião da invasão da PUC-SP durante a realização do 3º Encontro Nacional dos Estudantes, afirma que “A sociedade precisa unir-se para dar um basta à atividade criminosa no governo federal, o povo indignado deveria fazer uma tomada do Planalto, como foi a tomada da Bastilha”. Ao ser questionado sobre a participação de grupos de esquerda, diz: “Esses grupos, de cuja probidade duvido, já não têm força para organizar o que quer que seja”. Ao comparar os movimentos, afirma: “O ato estudantil de 77 constituía-se em desobediência civil manifesta, desafio ao poder constituído e desrespeito às normas legais. A UNE era ilegal e poscrita, mas bandidos e comunistas queriam publicidade para o encontro da entidade”, mas considera que o novo movimento estudantil é uma expressão sabia da indignação do povo brasileiro contra a corrupção, afirmando que “em 69 anos de vida, nunca vi tamanha podridão nesse País, à mercê de Collor e Brizola”⁵⁰.

Que o movimento Caras Pintadas recebesse apoio tanto dos grupos de esquerda quanto dos grupos de direita, e indivíduos de extrema direita, como era o caso de Erasmo Dias, é indicativo do quanto o governo Collor havia conseguido minar qualquer possibilidade de governo, não contando com nenhum apoio político para manter o mandato. E de como a plataforma política no país pode fazer esse tipo de mudança de sustentação de governos de acordo com as conveniências políticas de cada momento.

Em relação ao apoio social que os estudantes receberiam, ainda segundo Janine Ribeiro, em 1968 o projeto político que estava em implementação era “de um Brasil capitalista e dependente das potências ocidentais” e, por isso, a classe burguesa não representaria um apoio sólido às mobilizações. Já em 1992, as propostas políticas e econômicas do governo Collor impactavam de forma bastante direta a classe média, que, portanto, estaria mais disposta do que nas décadas anteriores a fornecer resguardo aos estudantes que se organizavam.

⁵⁰ O Estado de S. Paulo, 24/08/1992, p.9

Em 19/09 a *FSP* publica outro paralelo do movimento de 1992 com os que o precederam; de autoria de Marcelo Rubens Paiva, escritor e apresentador, o texto intitulado “O vaivém das décadas de 60, 70 e 90” critica o movimento dos Caras-Pintadas. Comparando-o com os movimentos da década de 1960 e 1970, que foram duramente reprimidos e pouco apoiados tanto pelas prefeituras quanto pela população, os CP contavam com apoio praticamente irrestrito, não só dos governos estaduais e municipais, mas da grande mídia e de outros grupos sociais e não sofreram qualquer tipo de repressão da polícia, que estava presente nas mobilizações para proteger os manifestantes e não agredi-los. Paiva afirma em sua crítica que a liberal Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) está presente nas manifestações e supondo que caso o presidente ou a diretoria das grandes marcas imperialistas 7-Eleven e Nike visitassem o Brasil, seriam convidadas a subir no palanque (*Folha de S. Paulo*, 19/09/1992, p.10).

Tendo em vista a crítica de Paiva, é importante considerar que o movimento CP foi, como já mencionado, constituído e apoiado por grandes e importantes setores da sociedade, como a classe média, os grandes empresários, as grandes mídias, as indústrias, os bancos etc. Considerando que tais setores são responsáveis pela movimentação de grandes quantias de dinheiro e, portanto, tem poder social para alteração do quadro político, seu apoio ou, no caso, rejeição a um presidente é fator indispensável para que um processo de impeachment seja efetivado. A partir desta análise, o movimento estudantil CP teve o importante papel de fomentar o apoio ao impeachment na população, divulgar e reagir aos desdobramentos do processo e, de forma essencial, fazer pressão social para que o processo de investigação fosse acelerado e concluído e serviu como motivação nacional para a reestruturação do movimento estudantil. No entanto, ainda que os movimentos sociais e estudantis tenham a sua parcela no mérito sobre o impeachment, não se pode negar que as documentações sinalizam que a decisão para o afastamento do presidente já havia sido tomada pelos setores sociais que gerenciam o dinheiro.

A constante comparação com movimentos estudantis que precederam os CP afetava, de uma forma ou outra, os jovens de 1992; ““a euforia sai pelos poros dos “cara pintadas” e também dos militantes que já imaginava engavetado o sonho do renascimento do movimento estudantil. “Acabamos com o mito da “Passeata dos 100 mil” de 68””, decreta Miguel Ferrone, 19, presidente do grêmio do Colégio Caetano de Campos; “parece que 68, finalmente, terminou”⁵¹.

⁵¹ *Folha de S. Paulo*, 31/08/1992, Folhateen, p.1.

A comparação com o movimento das décadas anteriores, foi potencializado, tendo em vista que a TV Globo exibiu, no período que antecedeu o início das mobilizações de 1992, uma minissérie intitulada “Anos Rebeldes”, que retratava a história de jovens estudantes que, em 1968, constituíram o movimento que auxiliou o processo de redemocratização.

Esta minissérie foi tida como o estopim que fez a juventude se reorganizar e sair às ruas para expor suas demandas. A esse respeito, a *Folha de S. Paulo* publicou uma reportagem com título “‘Anos Rebeldes’ inspira protestos contra Collor – efeito da minissérie fugiu ao controle da Rede Globo”, em que sugeria que a reação teoricamente provocada pela minissérie não era intencional e que não era, em algum nível, aprovada, pela emissora que a transmitia (*Folha de S. Paulo*, 16/08/1992, p.9).

No *Estado de S. Paulo* este tema também aparece; em reportagem intitulada “País relembra rebeldia na TV e nas ruas”, várias pessoas que participaram do movimento de 1968 dão sua opinião a respeito da minissérie e da relação entre os dois movimentos estudantis,

Em meio a discordâncias sobre a condução da adaptação de um período tão rico da história nacional, houve unanimidade em relação ao momento oportuno para a apresentação da minissérie: “Collor é produto da ditadura, produto daquilo que combatemos, promotor de um verdadeiro strip-tease de falcatruas. Temos, de um lado, um presidente arrogante e ambicioso em ganhar dinheiro e, de outro, pessoas que tinham ética, idealismo”, diz Sirkis⁵² (*O Estado de S. Paulo* 16/08/1992, p. 16).

Ainda na mesma reportagem, Sérgio Marques⁵³ fala sobre a repercussão da minissérie com os jovens de 1992,

É muito emocionante ver uma passeata que tenha uma ligação com esse programa. Mas, claro que a juventude não precisa de um programa de televisão nem de uma ou outra obra para estimular sua reação. Eu não acho a juventude de hoje menos combativa ou generosa que a da nossa época. Acho que pode ser mais fácil você reagir a uma ditadura, que é um inimigo frontal, ameaçador, do que a essa coisa sibilina, subterrânea, que se infiltrou na vida do País durante os anos da ditadura. As pessoas estão começando a reagir. A indignação, no entanto, existe há muito tempo (*O Estado de S. Paulo*, 16/08/1992, p.16).

Já para Álvaro Caldas⁵⁴, há diferença entre as duas gerações juvenis,

⁵² Autor do livro “Os Carbonários”, que teve partes adaptadas para a série.

⁵³ Escritor e co-autor de *Anos Rebeldes*, foi Vice-presidente do Caco (Centro Acadêmico Cândido de Oliveira) do final de 1963 até março de 1964.

⁵⁴ Jornalista, ex-militante do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, ex-presos político, autor do livro *Tirando o Capuz*.

A exibição da série neste momento foi muito positiva. A curiosidade que ela suscitou é grande. [...] Nós fomos das últimas gerações que tiveram utopia. A geração de hoje está preocupada com emprego; lhes falta oportunidade de embarcar numa ideia coletiva, generosa. [...] Hoje não há interesse social e político para os jovens se manifestarem. Eles têm carência disso (*O Estado de S. Paulo*, 16/08/1992, p.16)

Arnaldo Jabor, em coluna na *FSP* afirma não saber se a história se repete ou não, mas que “a TV faz milagres”. Segundo o diretor de filmes, os anos rebeldes haviam voltado e a mobilização dos jovens, que estavam sendo educados “para o egotismo sem grandeza”, se mobilizou em decorrência da atuação de Claudia Abreu, que causou tanto impacto e serviu de inspiração em um nível, que os fez entender o que é indignação política. No entendimento dele, a juventude se viu representada na figura da atriz, que interpretava o papel de revolucionária e foi daí que surgiu o ímpeto que mobilizou os jovens (*Folha de S. Paulo*, 26/08/1992, p.11).

Em 27/08 o jornal *O Globo* publicou uma reportagem intitulada “E os alienados descobriram sua arma – ‘Anos Rebeldes’ incentivou a ida à rua, mas não serviu de guia para as manifestações”. Na reportagem, quatro estudantes caras-pintadas afirmam que a minissérie serviu como influência para os jovens, mas não foi determinante para a organização das mobilizações. Segundo os jovens, assistir ao movimento estudantil que os precedeu ajudou a “abrir os olhos” dos jovens para formas de mobilização social que não eram tão conhecidas por eles, mas que não se tratava de mera cópia, a juventude de 1992 tinha personalidade própria e objetivos específicos. Como influência, os ditos “Anos Rebeldes” eram frequentemente utilizados em faixas produzidas para as manifestações, em dizeres como “Anos Rebeldes, próximo capítulo: FORA COLLOR!” (*O Globo*, 27/08/1992, p.4).

A respeito das figuras que animam os jovens a se mobilizarem, Braghini (2015) menciona que as grandes inspirações dos jovens estudantes que entravam na luta armada em 1968 eram, em sua maioria, os guerrilheiros que apareciam nos jornais e revistas sendo acusados, denunciados e xingados. Naquele período, ao entrarem em contato com as informações veiculadas pelos principais periódicos, por exemplo, ao invés de se afastarem da militância, ver outros jovens protagonizando reportagens inspirava à luta e até mesmo a procura pela guerrilha,

(...) a ideia de revolução como tática transformadora de estruturas pairava sobre as cabeças dos jovens, não porque fosse uma ilusão, mas porque havia a prova material, impressa, com fotos e depoimentos, demonstrando um mundo revolucionado por jovens. O que nos faz pensar: mais do que a ideia de ser revolucionário, o que havia era uma vontade de sê-lo: ser estudante, ser uma

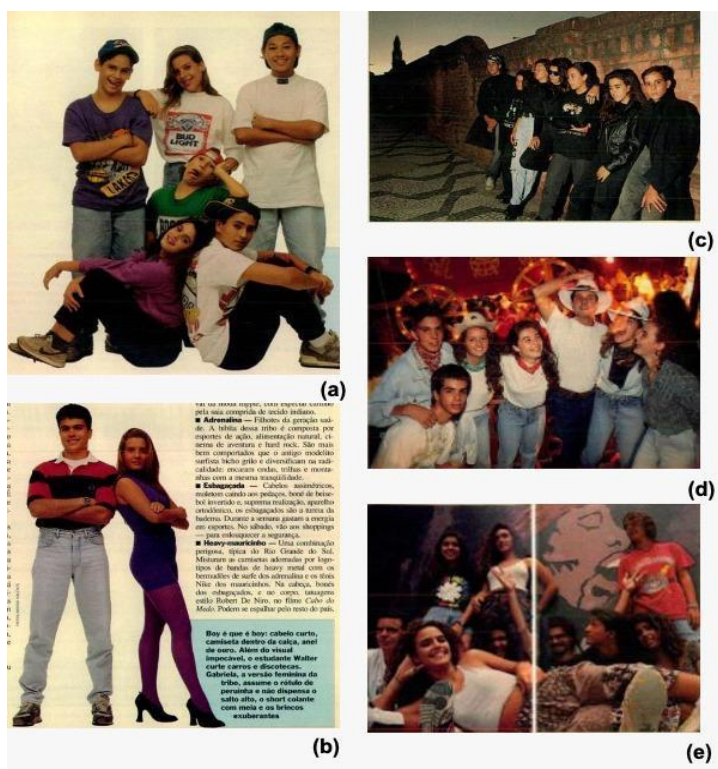
vanguarda estudantil, ser revolucionário, tudo era representações que conectam os jovens no período e, para desespero dos autores publicados, foi tornada uma alternativa possível de vida (Braghini, 2015, p.135).

Ao estabelecer um paralelo com a geração estudantil de 1992, é possível perceber um deslocamento a respeito das fontes de inspiração utilizadas como propulsoras do movimento. No caso dos Caras Pintadas, como Arnaldo Jabor analisa para a *FSP*, uma personagem ficcional, de uma minissérie da *TV Globo*, que interpreta uma guerrilheira, foi inspiração para a mobilização de jovens que foram “à luta” nas ruas por um impeachment. A partir do momento que os jovens inauguraram o movimento CP, entretanto, foi aberta margem para que a fonte de inspiração se deslocasse da guerrilheira fictícia e passasse para os jovens contemporâneos que já saíam às ruas e apareciam nos periódicos, revistas e telejornais, dando entrevistas. Ou seja, não se pode descartar a ideia de que os jovens em ação são um chamariz políticos para outros jovens da mesma idade, somado aos sonhos de utopia, às controvérsias políticas e a luta pelo “choque de gerações”.

Como mencionado, a geração jovem dos anos 90 era tida como sendo alienada, desinteressada no que tangia a política, individualista. No *O Globo* de 12/08/92, por exemplo, era discutida a apatia política que, segundo a reportagem, era tangível e mais forte nos jovens e que esta era causada, em sua maioria, pelo “alheamento determinado por desinformação”. Este estigma, entretanto, precedia o período das mobilizações.

Relacionamentos, música e as tribos juvenis eram os temas mais frequentemente associados ao público jovem naquele período, segundo a imprensa. Na revista *Veja*, uma reportagem intitulada “Cada um na sua – Dos playboys aos esbagaçados, uma nova safra de tribos urbanas traça o mapa da adolescência” classifica a juventude em 7 tribos, sendo elas: gótica, caipira, revoltada, papo-cabeça, adrenalina, esbagaçada e heavy-mauricinho (Figura 20).

Figura 20 - Mosaico tribos juvenis



Fonte: *Veja*, 08/04/1992, p. 66-69.

A primeira tribo, dos góticos, é descrita por usar “figurinos tão negros quanto o de Mortícia Addams e entendem que a depressão é uma sensação gloriosa”, o grupo dos playboys, segundo a reportagem, idolatra carros e roupas de grife, “não se encontrará um playboy desalinhado, nem sua versão feminina, a patricinha [...] a versão menos abonada, sem fluxo de caixa para consumir as marcas mais desejáveis, é chamada de “falsos descolados””. Os *cowboys e cowgirls* são a “classe média alta paulistana que aderiu ao country nativo. Falam caipirês (às vezes ligeiramente italianado), usam chapéus, cintões e bandanas típicos [...] transformistas, podem assumir o visual playboy se a ocasião pedir”, a tribo “Revoltada” é descrita apenas como renegando conversas sobre roupas, carros e festas, preferindo conversar sobre música e falar mal dos playboys. Já a “Adrenalina”, é composta por aqueles que gostam de “esportes de ação, alimentação natural, cinema de aventura e hard rock, gostando de surfar, fazer trilhas e subir montanhas. Os esbagaçados são aqueles que possuem cabelos assimétricos, moleton caindo aos pedaços, boné de beisebol invertido e aparelhos ortodônticos. São definidos como “a turma da baderna”, durante a semana gastam a energia em esportes e durante o final de semana vão aos shoppings. Por fim, a tribo dos “heavy-mauricinhos”, que misturam algumas características, como as camisetas de bandas de heavy-metal com bermudas de surfe, típica dos adrenalina, e os tênis Nike dos playboys, além dos bonés

invertidos, assim como os esbagaçados. Dentre estas tribos, a única descrita como minimamente interessada pelas questões políticas e sociais é a “papo-cabeça”, descrita como “viciada em informação, devoram revistas, jornais e não perdem uma sessão de cineclube. Ignoram a existência de danceterias e são militantes ecológicos” (VEJA, 08/04/1992, p. 66-69).

Segundo a reportagem, o pertencimento a uma tribo não é estático, os jovens de 1992 gostam da liberdade de mudar de tribo conforme forem se interessando por coisas novas. Além disso, a reportagem destaca os grandes centros, e menciona que esta juventude é a “meninada da classe média” frequentadora dos “bairros das grandes cidades do país” (Veja, 08/04/1992, p. 66); as juventudes periféricas não estão aqui representadas, apesar de existirem e se expressarem de formas específicas.

Ainda a respeito da forma como a juventude integrava a pauta das mídias, a *Folha de S. Paulo* publicava um caderno especial, voltado para este grupo, toda segunda-feira. Tal caderno voltado aos jovens queria um público cativo, os jovens de classe média. Não era precisamente o ambiente do jornal para conformar a política ativa como prática juvenil. Neste trabalho ele está sendo analisado para que se possa fazer ponderações sobre as diferentes representações traçadas pelo mundo adulto em relação aos jovens e tipologias juvenis. O fato da juventude da periferia não estar presente nos conta muito pelo silêncio, e pelas profundas formas de apresentar o fosso divisório entre a juventude que se apresentava nas ruas em manifestos políticos em nome da política, ou por diferentes interesses: pessoais, por sociabilização, por diversão etc.

Na maioria das edições da *Folha* há pelo menos uma reportagem falando sobre a indústria musical; anúncios de shows nacionais e internacionais, divulgação do lançamento de novas músicas faziam parte das pautas. Além deste tema, ao menos uma reportagem falando sobre relacionamento sociais também está presente em praticamente todas as edições, os tópicos variam, podendo abordar sexo, romance, ficadas, relações de toda sorte. Mas não faltam reportagens que abordem o lazer dos jovens e a forma como estes passam o tempo livre. Entretanto, reportagens sobre viagens, recomendações de locais e dicas práticas são minoria. O mais comumente noticiado, são as chamadas “praias dos paulistas”, os shoppings center.

Ainda neste caderno, duas reportagens intituladas “Shopping fica lotado até de madrugada” e “Lojas 24 horas viram festa nos fins-de-semana” retratam uma juventude que, não encontrando outras formas de lazer, frequentam de forma praticamente exclusiva os shoppings e áreas comerciais da cidade. Nesta mesma edição, as principais pautas

também estavam relacionadas às diferentes tribos juvenis, aos atritos existentes entre elas quando discutiam estilos musicais ou quais os melhores lugares a serem frequentados na cidade (*Folha de S. Paulo*, Folhateen, 04/05/1992, p.3).

Um fenômeno ocorre quando, após ter a si designada alguma característica de modo incisivo e constante, a pessoa ou grupo a quem tal estigma foi atribuído passa a aceitar para si tal definição, validando o estereótipo conferido. Tendo isso em vista, não é surpreendente que haja relatos nas mídias de estudantes afirmando que à sua geração cabia o título de alienada. Até porque, a depender de Folhateen, parece não haver muita saída.

Já em outras seções do jornal, é possível perceber, pelas falas concedidas à *FSP* de 15/08, que aqueles jovens consideravam que sua geração estava superando a suposta apatia que lhes dominava; “Alguma coisa está mudando. Há dois anos, a moçada era alienada [...] Agora acho que os estudantes estão se organizando mais”, “Acho que a juventude está começando a se unir novamente. Quando eu estava no 2º grau, a gente via muita geração galeria. O máximo de rebeldia era comprar camiseta de rock na rua 24 de Maio”.⁵⁵

Em 17/08, na Folhateen, uma estudante de 19 anos que já participava do movimento estudantil antes das mobilizações anti-Collor, afirmava que se ressentia de sua própria geração por conta da despolitização, e diz que “o mais grave não é quando as pessoas não sabem o que está acontecendo, é quando elas não querem saber. É legal que as pessoas estejam mais conscientes, e muito disso é fruto do trabalho da gente”, se referindo à UBES.⁵⁶

Na edição de 26/08 da *Veja* o mesmo padrão é notado; em artigo de ponto de vista intitulado “É possível mudar”, Elaine Barreto Santos, de 15 anos, afirma que até um mês atrás detestava sua geração pois “o pessoal era alienado”⁵⁷. Na edição da Folhateen do dia 24/08, uma reportagem intitulada “As ruas ganharam dos shoppings – depois das manifestações das últimas semanas, os estudantes continuam se mobilizando”, apresenta o relato de uma estudante que diz “não sei se é uma coisa da minha classe social, mas eu sempre achei minha geração muito alienada, as pessoas querem mais é ir em shopping. De repente, todo mundo se vestiu de preto e foi para rua, isso é genial”.⁵⁸

⁵⁵ *Folha de S. Paulo*, 15/08/1992, Cotidiano, p. 1.

⁵⁶ *Folha de S. Paulo*, 17/08/1992, Folhateen, p.3.

⁵⁷ *Veja*, 26/08/1992, p.110.

⁵⁸ *Folha de S. Paulo*, 24/08/1992, Folhateen, p.1.

Na edição seguinte, a manchete “A gente não somos mais inútil – É essa a sensação que os garotos e garotas que estão nas ruas levam para suas casas e escolas” precedia a reportagem que afirmava que os estudantes que se mobilizavam não sabiam dizer quem eles gostariam que assumisse no lugar de Collor, não tinham definição partidária e muitos declaravam que não gostavam de política, mas que nas manifestações estavam aprendendo a gostar e a pensar no assunto⁵⁹.

Levando em consideração o estereótipo atribuído aos jovens pelos meios de comunicação e circulado entre eles mesmos, a mídia em geral mostrou surpresa ao perceber a grande manifestação estudantil. As reportagens que a princípio frisavam o descompromisso da juventude estudantil com a política, passam a ter aderência ao discurso de esperança nos jovens que se mobilizam, passando a divulgar as mobilizações e principalmente os posicionamentos dos estudantes como sendo não apenas momentâneas e impulsivas, mas sim, fruto de discussões e reflexões acerca do tema, que geram um engajamento real.

A esse respeito, uma reportagem da Folhateen dizia,

Será que era injusto dizer que quem tem agora 15 ou 20 anos não se preocupa com absolutamente nada? Parece que sim, um pouco. De uma hora para outra, eles apareceram na rua e deram um susto em todo mundo, até neles mesmos. Não foi nada planejado, o discurso não ia muito além do “Fora Collor”, mas ficou muito claro que, enquanto o senso comum dizia que eles não sabiam de nada de política, muita coisa passava pela cabeça desses “individualistas” – a palavra mais usada para definir essa geração (*Folha de S. Paulo*, caderno Folhateen, 24/08/1992, p. 1).

A reportagem indica que a visão acerca dos estudantes por parte “dos adultos” estava começando a se alterar; a possibilidade de que a constante definição que precedia as mobilizações de os jovens “não se preocupavam com absolutamente nada” era injusta começa a surgir, em um imaginário que não concebia outra definição para aquele grupo. Há ainda indícios de dúvida na “nova realidade” dos estudantes, como indica a frase “não foi nada planejado, o discurso não ia muito além de “Fora Collor””, mas discurso de reconhecimento de que “muita coisa passa pela cabeça” dos jovens começa a se fazer presente.

Na mesma data, outra reportagem relata que o Colégio Bandeirantes aplicou um questionário para compreender o que os estudantes pensavam sobre a crise política brasileira. Segundo a nota, após a entrega do questionário

⁵⁹ *Folha de S. Paulo*, 31/08/1992, Folhateen, p.1.

Começou um falatório que não deveria nada às reuniões dos centros acadêmicos dos anos 60. Todo mundo falava ao mesmo tempo, defendendo ideias - ou expondo dúvidas - como se fossem caso de vida ou morte. Não escapou nada: eles falaram de eleições municipais, formas de governo, CPI, a importância de fazer manifestações. Mas a coisa esquentou mesmo quando o assunto foi a consciência política dos estudantes (*Folha de S. Paulo*, caderno Folhateen, 24/08/1992, p.1)

Em *O Globo*, uma reportagem intitulada “Geração Espontânea” abre com o seguinte parágrafo

Renato Russo tachou a sua de “coca-cola”. Houve a rebelde. Esta que saiu às ruas na última sexta-feira bradando por impeachment é o que? Que geração é essa? Desinformada? Consumista? Diet rebelde? Mauricinho? Patricinha? Headbanger? Alienada? Sem que ninguém precisasse chamar, os estudantes saíram da frente do vídeo, shoppings centers, praias, shows de rock e salas de aula para mostrar suas caras pintadas com o preto da indignação. Assim: puff! Geração espontânea (*O Globo*, 27/08/1992, Segundo Caderno, p.1).

É importante frisar, no entanto, que a mobilização não era precisamente uma ação espontânea. Os jovens eram mobilizados por diversos fatores e grupos, que incluíam desde organizações estudantis às mídias. A este respeito é notória, a partir da análise da documentação, a grande presença da juventude das classes média e média alta no movimento CP. Este grupo estava presente por uma gama de motivos; tratava-se de uma mobilização que ia contra um governo que havia atingido a classe média com suas políticas, e, portanto, é possível que os pais desses jovens apoiassem o impeachment e, por consequência, esse movimento. Um indicativo da presença da classe média no movimento estudantil é a divisão de poder interna na UNE, naquele momento, em comparação com 1968 (Figura 21). É possível notar uma maior diversidade de tendências ideológicas coexistindo dentro da UNE, assim como é possível notar também nos Caras Pintadas.

Figura 21 - Fatias de poder na UNE



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, 24/08/1992, p.9

Estava em questão também, naquele momento, as oportunidades futuras de emprego que seriam oferecidas a estes grupos, tendo em vista que, caso Collor não fosse afastado, a economia do País seguiria instável e poderia abalar fortemente a classe burguesa. Para além disso, os Caras Pintadas ganharam reconhecimento das mídias e da sociedade de forma geral, o que elevou o status dos jovens que participavam das manifestações, e, pertencendo a determinados grupos sociais, usando os uniformes escolares mais visados, as chances de conseguirem conceder entrevistas, por exemplo, eram altas. Somado a isso, a possibilidade de perder aula, por vezes com o aval da família e da própria escola, para irem “passeatar”⁶⁰ com os amigos, ao som das músicas populares do momento, agregava interesse nos jovens. Por fim, a ausência de preocupação em relação à repressão policial fazia com que a decisão de participar do movimento Caras Pintadas fosse extremamente facilitada.

A grande participação da classe média nas manifestações foi tema de uma nota na *OESP* intitulada “Atos revelam revolta e crítica da classe média”, no qual João Roberto Martins Filho⁶¹ afirma que “as passeatas estudantis que agitam o País refletem, no fundo, a indignação e a radicalização da classe média em relação à falta de ética na política”. Na mesma nota, Luiz Amadeo Bragante, psicólogo especialista no trabalho com adolescentes, reforça que a força dos protestos se deu, também, pois os pais dos jovens que se mobilizaram haviam participado das mobilizações de 1968 e 1978.

A tentativa por parte das mídias de enquadrar a geração dos CP em uma nova definição que represente tanto a nova participação política quanto a característica diversa da juventude é latente; ainda na mesma reportagem, alguns adolescentes respondem à pergunta “Que geração é esta?”, as respostas são muito diferentes entre si (assim como os próprios jovens): “Geração conformada. Anos pseudo-rebeldes, nossa geração não pensa em pegar dinheiro dos outros, mas em ter um futuro diferente. Somos mais unidos e conscientes”, “É a da ação individual e que está com força para trabalhar”, “É uma geração que está se unindo para lutar”, “Só pensávamos em praia e agora estamos nos preocupando com política. A consciência está chegando”, “Não quer saber de mudar. Tem gente que vai a passeatas para tirar onda de anos rebeldes”, são algumas das respostas dadas à reportagem.

⁶⁰ Termo utilizado na nota “A Revolta das Mochilas”, *O Globo*, 22/08/1992, p.8

⁶¹ Cientista Político, professor da Universidade Federal de São Carlos e autor do livro “Movimento Estudantil e Ditadura Militar (1964-1968)

É relevante ressaltar que a juventude abordada para responder a estas questões era a juventude de classe média que frequentava as mobilizações com seus grupos, vindos dos colégios particulares e, pela apresentação da imprensa, não representava toda a juventude do movimento. Como já mencionado, o silenciamento a um determinado grupo juvenil que participava das manifestações é notório na documentação. Os pobres e estudantes de escolas públicas raramente eram retratados nas reportagens publicadas e, portanto, sua voz não é representada nestes veículos.

A Folhateen abordou a relação e as diferenças de classe entre a juventude em uma entrevista intitulada “Menor x Teens”⁶², com dois adolescentes de 16 anos, um representante do Movimento dos Meninos de Rua, Sérgio e uma aluna do Colégio Bandeirante, Viviane, que conversaram a respeito da polícia, da AIDS, de música, entre outros assuntos. Quando perguntado se havia ido às manifestações dos Caras Pintadas, Sérgio respondeu: “Eu fui em todas. Foram dois ônibus lá da favela, mas um não lotou porque tinha morrido uma criança naquele dia. De fome. Mas assim mesmo foi um monte de gente. Eu adorei ter ido”.

Outra menção que indica a variedade de classes sociais que compunham as manifestações foi publicada pelo *O Globo* que, ao falar sobre as manifestações cariocas afirma “Foram três barcas lotadas - trazendo a garotada das Zonas Norte e Sul de Niterói, colégios públicos e particulares - incontáveis viagens de metrô passando por baixo das roletas, e até centenas de pedaladas rumo à passeata” (*O Globo*, 22/08/1992, p.8).

A participação de estudantes da escola pública nas manifestações foi mencionada pelo *OESP*, em uma nota sobre o esvaziamento das escolas em dias de ato. Iniciando a reportagem com “as salas de aula dos alunos do segundo grau de São Paulo, estaduais e particulares, ficaram vazias ontem”, a nota segue ao mencionar os colégios Rio Branco, Sion, Dante Alighieri, Pueri Domus, Bandeirantes e São Luís, descrevendo as práticas aplicadas pelas escolas para apoiar a ausência dos alunos. A Escola Estadual Ermano Marchetti, em Pirituba, foi mencionada na nota pois os estudantes, segundo a *OESP*, “quase deixaram de ir à passeata por falta de ônibus. A UMES ficou de mandar ônibus buscar os estudantes. Até as 8h30, o ônibus ainda não tinha chegado e 200 estudantes da escola resolveram apelar para os ônibus urbanos”⁶³.

Mesmo ao entrevistar estudantes da escola pública, o *OESP* prioriza dar voz aos jovens que foram matriculados no ensino público a pouco tempo, como é o caso de duas

⁶² *Folha de São Paulo*, Folhateen, 07/12/1992, p.4

⁶³ *O Estado de S. Paulo*, 26/08/1992, p.14

das quatro meninas entrevistadas em uma nota que tinha como objetivo ressaltar as diferentes ideologias e formas de ser entre os jovens que participaram do movimento CP. Ao dar voz às garotas, o OESP frisa, “Carolina, que estreou este ano na escola pública, levada pela crise econômica que empobreceu a classe média, tem uma justificativa para a chamada alienação dos jovens” e “A colega de classe Patrícia Ferreira, de 15 anos, também chegou à escola pública pelas mãos da crise, três anos atrás. Como as colegas, se diz indignada com a corrupção e promete participar da passeata de amanhã”⁶⁴.

Segundo o IBGE (1992), a população brasileira entrava no mercado de trabalho cada vez mais cedo; em 1989 o País possuía 7,3 milhões de jovens entre 10 a 17 anos de idade que já estavam inseridos no mercado de trabalho, a grande maioria destes, entre os que habitavam a zona urbana, trabalhando no setor de prestação de serviços. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), também de 1989, existiam 25,5 milhões de jovens no Brasil, sendo que 16,4% deles apenas trabalhava, 13% trabalhava e estudava e 7% que era encarregado dos trabalhos domésticos, totalizando 36,4% da população total que ou estava fora da escola, ou conciliava os estudos com o trabalho.

Tendo em vista estes dados, a ausência da juventude pobre nas documentações reforça o caráter parcial e seletivo das documentações retiradas das grandes mídias, que estabelecem um perfil de indivíduos a serem entrevistados ou retratados em suas reportagens.

Considerando a juventude que era de fato retratada nas mídias, a forma como eram descritos e estereotipados os jovens também é relevante. Retomando a mudança de abordagem dos periódicos no que diz respeito à consciência política dos jovens, na *FSP*, Lindbergh Farias é descrito como a pessoa que, tendo sido escolhido como representante da juventude nas mobilizações, “encarna as contradições de uma geração que tem que carregar a alcunha de “geração dos shoppings centers”, mas que quer, agora, ser agente da história e vai para as ruas se manifestar com bom humor e criatividade”. Segundo o então estudante, a juventude é politizada e, resultado desta politização foi a tomada das ruas pelos estudantes, antes de qualquer outro grupo social; Lindbergh afirma ainda que a politização daquela geração se dá no processo, nas ruas, tendo em vista que é lá que se aprende a resgatar os valores democráticos. Está claro que o líder que gerar coalizão estudantil pelo discurso de que a “juventude é politizada”, já que é presidente da UNE

⁶⁴ *O Estado de S. Paulo*, 24/08/1992, p.9

que é um dos órgãos que lidera a pauta anti-Collor e faz do estudante a sua própria plataforma política, pois, como se vê, a juventude em geral, e mesmo a juventude que podia se dizer “estudantil” era muito variada e tinha pautas muito específicas que vai desde a alienação política, uma vida de privilégios e a juventude de periferia, apagada das discussões pelos jornais. Essa condição de política com bom humor e criatividade, ela será uma das pautas do próximo capítulo, já que se trata de uma invenção juvenil e estudantil⁶⁵.

Em nota escrita por Marcelo Leite à *FSP*, é descrita a esperança surgida a partir da mobilização dos jovens; este é outro fenômeno característico das mobilizações estudantis. De início, há uma descrença atribuída àquele grupo, em decorrência de sua alienação, baixa idade e verdadeiras intenções, entre outros. Após decorrido um tempo das mobilizações, passa-se a enxergar e atribuir ao grupo uma responsabilidade de transformar o futuro, resolver todas as mazelas, enfim, delegam-lhe responsabilidade e concedem a esperança de um mundo melhor aos jovens,

[...] Daí que brotaram todos os males, como do objeto mitológico que a enviada dos deuses (Pandora) carregou consigo para o mundo dos homens libertados por Prometeu. A beleza do mito está, porém, em que, depois de aberta a caixa e dela saindo todos os tipos de desgraça, resta em seu fundo – nada mais, nada menos – a esperança. Essa é a principal mensagem que esta nova geração de “teens” tem para dar ao resto do país, em geral acabrunhado pelo teor das revelações do Collorgate e descrente de que, desta vez, tudo pode não acabar em pizza. Caem assim por terra as muitas interpretações que viam apenas apatia e desinteresse político nessa juventude que, para todos os efeitos, parecia mais interessada apenas em cultivar os valores das muitas tribos em que se dividiam. O que se viu ontem, em São Paulo, e em muitas outras partes do Brasil, foi uma espécie de ecumenismo alegre a reunir toda sorte de gêneros – dos punks aos mauricinhos, dos darks aos metaleiros. Este é o mérito do Collorgate – ter revelado que, mais uma vez, é dos jovens que pode partir, em grande medida, a força renovadora capaz de reconduzir a política brasileira a caminhos menos tortuosos. Claro, apenas o idealismo e a ingenuidade não poderão resolver todos os problemas do país. Mas, depois das manifestações de ontem, parece já um bom começo (*Folha de S. Paulo*, 26/08/1992, p.2).

O movimento CP tinha mais uma característica que o diferenciava de qualquer outro movimento estudantil até então: a sua composição. Era um movimento estudantil, majoritariamente expressado em manifestação de rua, composto por estudantes secundaristas e universitários, com pautas separadas, mas de atuação conjunta e imediata, e, por conta disso, carregava em si características que a juventude expressava; as múltiplas personalidades se agrupavam em diversas tribos, como já mencionado anteriormente e as tribos coexistiam em harmonia entre os CP, segundo *O Globo*,

⁶⁵ *Folha de S. Paulo*, 31/08/1992, p.9.

São tribos para todos os gostos e idades, unidas pelos protestos contra o Governo Collor. Os “caras-pintadas” formam a facção mais forte da nação estudantil, uma tribo eclética em que cabem também, além dos guerreiros, “mauricinhos e patricinhas”. Os “bichos-grilo”, filhos do desbunde dos “anos rebeldes”, ainda fazem a cabeça de muita gente, embora não sejam um grupo tão grande quanto o dos “passeateiros de carteirinha”, que não perdem um protesto” (*O Globo*, 26/08/1992, p. 9).

Segundo a *Folhateen*⁶⁶, a manifestação do dia anterior foi composta por toda sorte de jovens, “além dos “freaks”, tiveram vez na passeata surfistas, “comunistas sem partido” [...], metaleiros, punks e até anarquistas”. Na edição seguinte⁶⁷, a reportagem cuja manchete era “Rebeldia anti-Collor une todas as tribos” afirma que “as diferenças se sublimam no renascimento dos anos rebeldes. Mauricinhos, surfistas, “ripongas”, militantes, roqueiros e “cabeças” convivem sem tensões nas ruas”.

Em sua variada composição, a irreverência, alegria e espontaneidade dos jovens era sempre presente; expressão destas características era o constante flerte presente nas manifestações e muito intensamente retratado nas mídias. Tanto que a *FSP* publicou um texto cuja manchete era “‘Lindo-bergh’, da UNE, encanta as *teens* – Paraibano de 22 anos, o líder estudantil recebe bilhetinhos e beijos nas ruas⁶⁸”, que tinha como intenção única e exclusiva, noticiar que Lindbergh Farias era procurado pelas meninas que participavam da manifestação, pois o consideravam atraente.

Levando em consideração tudo que foi apresentado o movimento CP, percebe-se que há um movimento estudantil e uma exposição juvenil, já que nem todos os jovens devem ser considerados estudantes, e quando se apresentam como estudantes, se mostram juvenis e membros de diferentes tribos urbanas. As formas de representação atribuída aos jovens, começou a ser anunciada, após as mobilizações; a forma como os estudantes eram retratados e a forma como a mídia falava sobre a participação política da juventude sofreu alterações.

Essas alterações são mostradas também em relação ao interesse sobre política e movimentos sociais. Na edição da *Folhateen* uma reportagem intitulada “Estudantes redescobrem os grêmios⁶⁹” afirmava que, pelas estimativas da UMES, o número de grêmios estudantis nas escolas triplicou desde o início das passeatas. Ainda segundo a reportagem, mais de cem pessoas por dia, passavam na sede conjunta das entidades

⁶⁶ *Folha de S. Paulo*, *Folhateen*, 26/08/1992, p.1.

⁶⁷ *Folha de S. Paulo*, *Folhateen*, 31/08/1992, p.1.

⁶⁸ *Folha de S. Paulo*, 19/09/1992, p.11

⁶⁹ *Folha de S. Paulo*, *Folhateen*, 07/09/1992, p.1.

estudantis para buscar informações a este respeito. Na reportagem seguinte, na mesma edição, afirma-se que as mobilizações deixaram como herança “a vontade de participar - dentro e fora da escola – da vida política” (*Folha de S. Paulo*, Folhateen, 09/09/1992, p.1).

Na edição seguinte, os impactos da recente participação ativa dos jovens na política continuavam a repercutir. Segundo reportagem, os jovens que não haviam tirado o título de eleitor antes do início das mobilizações agora se arrependiam, pois desenvolveram o interesse pelo tema e gostariam da oportunidade de votar nas eleições municipais que se aproximavam. O voto facultativo a partir dos 16 anos havia sido aprovado poucos anos antes, em 1988, mas, para exercer este direito garantido por lei era necessário ter feito o título de eleitor até um período determinado, e muitos estudantes não o fizeram em tempo. Mesmo não podendo participar ativamente das eleições, a discussão sobre os candidatos e a propaganda política na TV era recorrente nos corredores das escolas, segundo a reportagem⁷⁰.

Em 18/12/92, Roberto Leal Lobo e Silva Filho, então reitor da Universidade de São Paulo (USP), publica na *FSP* um artigo de opinião intitulado “Caras-pintadas, terno & gravata” em que relata ter presenciado uma cena de um estudante vestido de terno e gravata, e conjecturou que aquele seria um “típico estudante dos novos tempos”. Segue fazendo uma crítica aos que consideram os estudantes sempre pelos extremos nos quais foi encaixado, ora como absolutamente “omisso do debate nacional, voltado exclusivamente para ambições materiais”, ora “cara-pintada em tempo integral, dono da verdade pelo fato passageiro de ser jovem”. O reitor defende que os estudantes dos novos tempos “sabem dosar adequadamente os prazeres da idade, lá fora, com as obrigações dentro de uma universidade”. Finaliza o artigo sugerindo que apostem na juventude, pois é ali que se encontrarão as novas lideranças.

Em 24/12/1992, no programa “Xuxa Especial de Natal - casa de idosos”, que foi ao ar na Rede Globo, a apresentadora entrevistou representantes da União Nacional dos Estudantes (UNE), União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES), Associação Municipal de Estudantes Secundaristas (AMES-RJ) e União Municipal de Estudantes Secundaristas (UMES-SP) (Imagem 22). Fantasiada de idosa, Xuxa se aproxima de um senhor que lê o jornal, e ao aparecer uma foto dos Caras Pintadas, o ator diz “Essa juventude de hoje vai mudar a história do Brasil. Eles são os Caras Pintadas”. A cena é

⁷⁰ Folha de S. Paulo, Folhateen, 14/09/1992, p.1.

interrompida e começa a transmissão da gravação de uma entrevista com os jovens, que estão sentados em semicírculo ao redor da apresentadora. Xuxa começa dizendo estar muito feliz por poder receber “alguns dos brasileiros que mudaram a cara do nosso Brasil”. As perguntas feitas pela apresentadora são: “por que os estudantes foram às ruas?”, “como surgiram os caras pintadas?”, “houve algum incidente [nas manifestações]?”, “os estudantes foram às ruas por consciência política ou festivamente?”, “quem mantém financeiramente a UBES?” e “em 1993, qual será a grande meta?”.

Figura 22 - Caras Pintadas na Xuxa



Fonte: Xuxa Especial de Natal – Lar dos Idosos, 1992⁷¹

O representante da AMES-RJ respondeu à primeira pergunta, afirmando que os estudantes foram às ruas porque não aguentavam mais a situação que o País vivia, o desemprego, a recessão e a falta de ética, “fomos à rua porque queríamos justiça. Justiça penal, justiça social, da gente querer um país melhor no futuro e um país melhor para gente agora”. Ao responder como surgiram os caras pintadas, a representante da UMES-SP afirmou que foi após alunos secundaristas terem saído para passeata no dia 11/08, em São Paulo, com o rosto pintado de batom vermelho, formando a palavra “chega”, ato que foi reproduzido por outros estudantes que gostaram da forma de manifestação e se tornou

⁷¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9tkLiz6_wlM. Acesso em: jul/2021

símbolo. Quanto aos incidentes nas mobilizações, o representante da UBES afirmou que eles não existiram,

nós costumávamos comentar que nós tínhamos derrubado um presidente sem quebrar uma única antena de carro. Todo mundo ia, fazia festa, brincava, fazia muita política, participava, exigia mudanças no país, exigia que houvesse honestidade na direção do nosso país e exigia que houvesse mudanças estruturais na realidade que nós vivemos (Xuxa Especial de Natal – Lar de Idosos, 1992).

Ao ser perguntado se os estudantes se mobilizaram por consciência ou por festividade, a resposta foi,

Sempre procuraram taxar essa juventude como a juventude alienada, da geração shopping center, da geração individualista, e eu acho que ficou muito claro para toda sociedade que essa juventude que foi para as ruas tinha muita consciência do que estava fazendo. É claro que ainda nós estamos evoluindo nessa consciência, a juventude ainda tem muita consciência para ganhar, mas existia uma disposição de todo mundo que foi às ruas que nós não sairíamos enquanto o Collor não caísse, que a gente não saíria e, inclusive eu acredito que ainda terão várias outras manifestações da juventude enquanto a gente não conseguir mudar o país, enquanto a gente não fizer com que o Brasil seja um lugar melhor para se viver, enquanto a gente não conseguir fazer com que todos os dias sejam como o dia de natal, em que todo mundo é feliz e contente (Xuxa Especial de Natal – Lar de Idosos, 1992).

Após a resposta acerca da situação financeira da UBES, mantida pelas carteirinhas estudantis que a organização produzia, Lindberg Farias respondeu a última pergunta, que dizia respeito aos próximos passos do movimento estudantil,

Primeiro, eu acho que essa oportunidade tá sendo muito grande pra gente, essa juventude cara pintada deu aula de democracia, de cidadania para todo país. Na verdade, quando a gente ia para as ruas, pedia a saída do Collor, a gente também estava pensando em um futuro diferente para os estudantes, um futuro diferente para o nosso povo, por isso é muito importante falar em 93. Eu acho que em 93, essa juventude que tá aqui cara pintada, deve voltar às ruas pedindo nova educação para o país, lutando também contra os aumentos das mensalidades, a evasão escolar está atingindo 50% nas universidades. Mas a juventude cara pintada está preocupada também com os arrastões, com a juventude que tá nas favelas que precisa de escola. Na verdade, hoje a gente tem dois “Brasis”. O Brasil da casa da Dinda, dos jardins, e o Brasil de 60 milhões de miseráveis, o Brasil de 32 milhões de analfabetos, então é esse Brasil que essa juventude quer para 93. E essa cara pintada nossa, dessa turma aqui, com certeza vai encher também as ruas para exigir um Brasil com mais justiça social e um Brasil com mais igualdade (Xuxa Especial de Natal – Lar de Idosos, 1992).

Antes de encerrar a entrevista, um dos jovens finalizou falando que,

Eu acho que 93 vai ser o ano da juventude. Quem é que não tá afim de ser feliz, quem é que não está afim de ter um emprego legal, uma escola legal, um namorado ou namorada legal? E 93 vai ser o ano em que nós vamos conquistar tudo isso, derrubamos o presidente e agora tudo é pequeno para nós. Essa felicidade, essa imensidão toda, nós vamos ocupar cada canto, cada esquininha

do país, para conquistar um mundo melhor (Xuxa Especial de Natal – Lar de Idosos, 1992).

Pelas falas dos estudantes é possível perceber que existia, de fato, uma leveza característica daquele período, tendo em vista que os jovens, mesmo em uma entrevista a respeito do movimento, falam sobre namoro, sobre brincadeiras nas manifestações e ao demonstrar uma certa ingenuidade ao falar sobre, por exemplo, todos serem felizes no dia de Natal. Apesar disso, existe uma mostra constante de preocupação com a juventude pobre, com a evasão escolar, o analfabetismo.

A juventude retratada nas reportagens era, de forma geral, branca, de classe média, que, apesar de se interessar por política, não necessariamente estava vinculada a partidos ou ideologias de esquerda, mantinha-se interessada por grandes marcas estadunidenses, era retratada como sendo individualista, ao mesmo tempo em que se preocupava com o meio ambiente e com questões de saúde pública. Considerando todos os dados analisados, as mídias, de forma geral, construíram uma contradição sob a imagem da juventude, ora retratando-a como alienada, individualista e consumista, ora a idealizando como a responsável pela solução de todos os problemas da sociedade, engajada, mobilizada e preocupada com o planeta. O tom a ser escolhido para cada reportagem variava, de acordo com a intenção do periódico naquele momento e do público que desejava alcançar. A única constante, a esse respeito, era o apagamento da juventude pobre, que era raramente mencionada e nunca protagonista.

Uma nota do *OESP* resume a forma como os jovens se posicionam e como são representados na mídia,

Os novos rebeldes não hesitaram em seguir o exemplo dos heróis da série Anos Rebeldes, da Rede Globo. Contudo, advertem que não abriram mão dos prazeres da juventude. “Somos diferentes porque gostamos de ir aos shoppings e não vemos mal algum em comer no McDonald’s”, explica Carolina. Segundo Rita, os ideais de hoje são muitas vezes os mesmos de 1968, mas são aplicados a outra realidade.

Os jovens indignados de 1992, têm outras coisas com as quais se preocupar. Incomodam-se com os aumentos das mensalidades escolares, com a falta de empregos, com o buraco na camada de ozônio e com o perigo da Aids (*O Estado de S. Paulo*, 24/08/1992, p.9)

CAPÍTULO 3 - OS SÍMBOLOS INERENTES AO MOVIMENTO: IRREVERÊNCIA A BATALHA DE REFERÊNCIAS

Grande parte dos movimentos agregam para si símbolos que os caracterizam, pelos quais são representados na mídia e por meios dos quais ficam reconhecidos na história. O movimento “Caras-Pintadas” leva este nome, como já mencionado, pois os estudantes adquiriram o hábito de pintar o rosto, o que os atribuía reconhecimento não somente perante a sociedade, mas também reconhecimento do grupo.

Os símbolos construídos pelos movimentos podem ser de múltiplos tipos; objetos do cotidiano ressignificados como, por exemplo, os tijolos nas manifestações de Maio de 68, em Paris e as cadeiras escolares na “Revolta dos Pinguins” no Chile e nas mobilizações secundaristas brasileiras em 2015; a criação de faixas, cartazes, panfletos, o uso de um determinado tipo de vestimenta, a criação de cantigas e palavras de ordem e até o comportamento em momentos específicos, como durante as mobilizações. Neste capítulo busca-se analisar alguns dos principais símbolos utilizados e ressignificados pelo movimento Caras-Pintadas, visando compreender seus significados atribuídos e a forma como foram retratados pelas mídias.

Para além dos rostos pintados, que nomearam o movimento, outros símbolos foram utilizados pelos estudantes, ou a eles atribuídos como, por exemplo, as trilhas sonoras das mobilizações, o comportamento adotado pelos manifestantes, a vestimenta, entre outros.

O hábito de pintar o rosto durante as manifestações surgiu desde o início das mobilizações e acompanhou o decorrer do processo de impeachment; ora pintados de preto, ora de verde e amarelo, os estudantes encontravam na tinta uma forma de extravasar sua indignação; os estudantes por vezes escreviam palavras de ordem no rosto, como “fora”, pintavam símbolos da paz e o símbolo da anarquia (Figura 23), em outros momentos se pintavam de preto, possivelmente em símbolo ao luto pela ética na política e em rechaço ao presidente (Figura 24) e, ainda, com as cores da bandeira nacional (Figura 25).

Figura 23 - “Fora”, Paz e Anarquia



Fonte: *Veja*, 8/03/2015⁷²

Figura 24 - O preto no rosto



Fonte: *Veja*, 19/12/2015⁷³

⁷² Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/8216-que-ano-e-hoje-8217-uma-cronica-sobre-o-brasil/>. Acessado em: jul/2021.

⁷³ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/dilma-nao-vai-cair/>. Acessado em: jul/21.

Figura 25 - Rostos em verde e amarelo

Fonte: *O Globo*, 15/09/1992⁷⁴

Para além do hábito de pintar os rostos, o uso das cores em geral, nas manifestações, também se tornou símbolo do movimento. Houve dois momentos principais, a esse respeito; o primeiro foi caracterizado pela renúncia das cores nacionais pelos estudantes, em decorrência do pedido de apoio feito por Collor, que ficou conhecido como “operação verde-amarelo” e o segundo momento foi a retomada das cores nacionais, pelos estudantes.

Em 13/08, como já mencionado anteriormente, Collor discursa pela primeira vez sobre as crescentes mobilizações e, em sua fala, pede que no domingo seguinte, dia 16/08, todos que o apoiam e dão suporte a seu governo, saiam de casa vestidos com as cores da bandeira nacional, e que pendurem bandeiras e tecidos nas janelas, carros e vitrines, para mostrar que a grande maioria do povo brasileiro estava a seu lado. Em resposta ao discurso do então Presidente, uma onda de manifestações que tomou o país inteiro foi noticiada. Os manifestantes vestiram-se de preto, em rechaço ao verde-amarelo solicitado por Collor (Figura 26) e performaram enterros simbólicos do presidente (Figura 27).

Figura 26 - Guerra das cores

⁷⁴ Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/jovens-de-caras-pintadas-9666114>. Acessado em: jul/2021

Fonte: *Memória Rede Globo, Jornal Nacional*, 16/08/1992.⁷⁵

Figura 27 - Enterro simbólico de Collor



Fonte: *Memória Rede Globo, Jornal Nacional*, 16/08/1992⁷⁶.

A escolha do preto por parte dos manifestantes foi tomada, segundo a *Veja*, por um “inconsciente coletivo” da população; de acordo com a reportagem, a mobilização espontânea do povo foi organizada de forma individual, baseada no chamado “boca a boca”. Segundo a revista,

o povo assumiu todos os riscos e foi às ruas por vontade própria. O negro das roupas, bandeiras, cintos de segurança e até capas de bíblias exibidas pelas janelas dos automóveis é uma obra coletiva e anônima. A ideia brotou como um reflexo automático, espalhou-se com a velocidade de boato na bolsa e a alegria de uma anedota irresistível (*Veja*, 26/08/1992 p. 34-35).

O tom fúnebre, entretanto, não durou muito. O segundo momento foi a retomada das cores nacionais, pelos estudantes; na mesma reportagem na *Veja*, é dito que “nas manifestações seguintes as cores da bandeira reapareceram com mais vigor, numa prova de que, quando se torna necessário, as ruas se encarregam de resgatar o orgulho e o símbolo da nação”⁷⁷. Segundo a *Folha de S. Paulo* de 22/08, a cor predominante nas manifestações naquela data ainda era o preto, entretanto estudantes haviam passado a amarrar pequenas faixas de tecido verde e amarelo em seus braços.

⁷⁵ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/impeachment-de-collor/os-caras-pintadas/>. Acessado em: jul/2021

⁷⁶ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/impeachment-de-collor/os-caras-pintadas/>. Acessado em: jul/2021

⁷⁷ *Veja*, 26/08/1992, p.31-32.

Os estudantes passaram também a reintegrar as cores nacionais pintando seus rostos de verde e amarelo, como na cena televisionada pela TV Globo em 21/08/92, no *Jornal Nacional* (Figura 28), em que uma menina de rosto e ombros pintados passa tinta no rosto do repórter da emissora que estava cobrindo a manifestação e, em seguida, mergulha os dedos indicador e médio em potes de tinta amarela e verde e os passa na câmera que filmava o momento. Ao redor da cena, todas as pessoas, que também têm seus rostos pintados, aplaudem e, ao fundo, as bandeiras da UNE e da CUT são carregadas. Ao fundo, é possível ouvir um homem falando em um microfone, provavelmente do carro de som, comentando que havia um grupo levantando a bandeira de Cuba, e que eles estavam lá para levantar a bandeira do movimento. Esta cena, gravada de forma a parecer com que fosse espontânea, fazia parte de uma reportagem sobre as mobilizações e havia sido previamente combinada com o repórter e sua equipe.

Figura 28 - Colorindo a mídia



Fonte: *Memória Rede Globo*, 21/08/1992⁷⁸.

Na edição da *Folhateen* a intencionalidade para a retomada das cores nacionais é retratada. Segundo a reportagem foi pedido aos estudantes, pela UBES, que após o domingo negro, não fossem às manifestações caracterizados de preto, mas sim de verde-amarelo; “não interessa que o Collor tenha pedido essas cores. São as cores do Brasil”, afirma o tesoureiro da UBES à reportagem. Ainda a este respeito, a *FSP* menciona uma estudante secundarista de 12 anos que, sozinha na manifestação, carregada uma cartolina em que se lia “Gostamos de verde-amarelo, por isso fora Collor de Mello”⁷⁹.

As Figuras 29 e 30 também exemplificam a forma como esse momento foi retratado na mídia; na primeira imagem, estudantes vestidos de preto com tinta verde, amarela e preta no rosto; já na imagem 8, uma mulher toda vestida de preto, apenas com um lenço vermelho amarrado ao pescoço brada uma bandeira em que é possível ler

⁷⁸ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/impeachment-de-collor/os-caras-pintadas/>. Acessado em: jul/2021

⁷⁹ *Folha de S. Paulo*, 26/08/1992, p.15

“BRASIL SIM/COLLOR NÃO”, a imagem tem a seguinte legenda: “o protesto explicado: apoio ao Brasil, ao verde e amarelo, mas não ao presidente”.

É possível perceber pelas imagens que os estudantes iam às manifestações em grupo, com os amigos do colégio ou da universidade, o que reforça a ideia de que comparecer às manifestações, para além de uma questão de articulação política, havia se tornado um atrativo para a socialização e um momento de lazer, em que conviviam entre jovens, flertavam e ouviam música, ao ponto que se tornou frequente, como já citado, o uso do termo “passeatar”, pela mídia, ao se referirem à ida da juventude às ruas.

Figura 29 - Jovens retomam as cores nacionais



Fonte: *IstoÉ Especial 40 anos*, 25/11/2016⁸⁰

⁸⁰ Disponível em: <https://istoe.com.br/primeiro-impeachment/>. Acessado em: jul/2021.

Figura 30 - “Brasil Sim/Collor Não”

Fonte: *Veja*, 26/08/1992, p.33

Ainda sobre a retomada das cores nacionais, a *Veja* utilizou como imagem de abertura da reportagem de nome “A voz das ruas” uma multidão de jovens fotografada pelo alto toma a página inteira; a reportagem tem como frase de apresentação “Sem esperar pelo chamado dos políticos, o povo ocupa as ruas com o negro do luto e agora começa a resgatar o verde-e-amarelo da Nação” (*Veja*, 26/08/1992, p.30).

Na *FSP*, reportagem intitulada “O alerta das ruas”, também aborda a retomada, por parte dos estudantes, das cores nacionais,

Uma explosão de cor tomou ontem o coração de São Paulo e de dezenas de cidades em todo o território brasileiro. A imponente vaga humana na qual sobressaía a alegria dos jovens e o caráter autenticamente pluralista, retomou os símbolos nacionais momentaneamente usurpados e exibiu-os, em clamor ouvido por toda nação, como troféu da maior e mais vibrante manifestação em protesto contra o Collorgate e a favor do impeachment (*Folha de S. Paulo*, 26/08/1992, p.2).

Outro dos símbolos utilizados pelos estudantes com maior frequência era o uso dos dois “L” nas palavras escritas para fazer referência ao presidente, cujos nomes “Collor” e “Mello” tem grafia com “ll”. Muito frequentemente, para além desta forma de grafia, os estudantes coloriam de verde e amarelo cada um dos L, em referência às cores nacionais ou das entidades (Figura 31). Em uma reportagem na *FSP*⁸¹, é descrita uma faixa que, carregada por mulheres, dizia “Ele não subiu com meu voto, mas vai descer

⁸¹ Folha de S. Paulo, 26/08/1992, p.15.

com minha luta”; na imagem que acompanha a reportagem, é possível identificar faixas com os dizeres “Pé na bunda delle” e “cadeia nelle”.

Figura 31 - CoLLor



Fontes: *IstoÉ*, 26/08/1992 p.34; *Veja*, 19/08/1996; *Veja*, 30/09/1992, p. 41; *Gazeta do Povo*, 11/12/2015⁸²

Músicas também foram símbolos do movimento, como dito anteriormente. A música tema da minissérie “Anos Rebeldes”, intitulada “Alegria Alegria”, música composta e interpretada por Caetano Veloso e que foi lançada em 1967, um ano antes do auge das mobilizações estudantis no período ditatorial, foi a principal trilha sonora das manifestações CP. Na época de seu lançamento a música foi adotada pelos estudantes como símbolo de resistência e tida como hino das manifestações. Especula-se que por conta da alta audiência obtida pela minissérie, que a tocava em sua abertura, “Alegria Alegria” foi novamente escolhida como marcha para as manifestações dos CP. Segundo ranking realizado pela *FSP*, Anos Rebeldes foi 14º minissérie de maior audiência da televisão aberta na Grande São Paulo; o ranking contou com 37 produções que foram ao ar entre os anos de 1982 e 1994⁸³.

Na edição da *Veja* do dia 19/08, a reportagem sobre as mobilizações estudantis leva o nome de “Alegria, alegria”; a reportagem faz referência diversas vezes à canção e à minissérie Anos Rebeldes. Na *FSP* do dia 12/08, a reportagem sobre a manifestação dos estudantes afirma que a atmosfera dos “anos rebeldes” foi revivida pela juventude de 92, que chegou ao Largo São Francisco ao som da canção de Caetano Veloso. No dia 16/08, o periódico retoma este tema afirmando que

os jovens estão usando, nas passeatas pelo impeachment, músicas de época da trilha de “Anos Rebeldes” e até gestos de rebeldia retratados em alguns capítulos.

⁸² Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/historia/quando-curitiba-vestiu-preto-para-destituir-fernando-collor-de-mello-6zgg60a9h0oh9s4dpalkj6mpre/>. Acessado em: jul/2021

⁸³ Folha de S. Paulo, 2/06/1992, Ilustrada.

“Alegria, Alegria”, de Caetano, é cantada nas ruas e são repetidos os slogans das velhas passeatas (*Folha de S. Paulo*, 16/08/1996, p.9)

A letra de “Alegria Alegria” (Anexo 3), mesmo tendo sido composta em um outro contexto histórico, tinha consonância com a mobilização de 1992. Vários são os versos que poderiam causar identificação dos jovens Caras Pintadas, que já conheciam a associação feita pela geração de 68 da música com os protestos e lutas da época e haviam sido expostos à reprodução desta canção dentro do contexto de mobilização política, pela minissérie global. A primeira estrofe da música fala sobre caminhar, praticamente não identificável, no sol de quase dezembro, seguido da menção a crimes e guerrilhas da segunda estrofe. No primeiro verso da terceira estrofe, a canção faz referência a um presidente, seguido de beijos de amor e bandeiras. A música ainda menciona bancas de revistas e o excesso de notícias, “entre fotos e nomes/ os olhos cheios de cores/o peito cheio de amores vãos”; a letra segue com “eu nunca mais fui à escola” e, durante toda canção, o “eu vou” é reforçado. A partir da perspectiva da juventude cara pintada, a letra se encaixa com a realidade colorida, irreverente, permeada de flerte e socialização que as passeatas tinham e passou a servir como espécie de hino que incentivava a ida às manifestações.

Como já discutido, a minissérie “Anos Rebeldes” esteve em alta durante o decorrer do processo de impeachment de Collor e durante as manifestações dos CP, e foram utilizadas pelos estudantes não só como forma de influência à mobilização e organização do movimento estudantil, mas também como referência musical; para além disso, a minissérie era citada nas faixas produzidas pelos estudantes, que, de certa forma, se sentiam próximos aos estudantes da geração de 68, unidos pelo movimento estudantil (Figura 32).

Figura 32 - Anos Rebeldes. Próximo capítulo:



Fonte: Memória Rede Globo, 1992.

A música de Caetano Veloso não foi a única, entretanto, a compor a trilha sonora das manifestações estudantis; outras músicas que eram frequentemente mencionadas nos periódicos como trilhas sonoras, que acompanhavam os estudantes eram “Para não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, “Comida”, do grupo Titãs⁸⁴ e “Apesar de Você”, de Chico Buarque⁸⁵.

Paródias de músicas e marchinhas carnavalescas também eram frequentes nas mobilizações. As adaptações tendiam a mencionar alguma evidência investigada pela CPI ou fazer pressão a algum político local, que ainda não havia se posicionado a respeito de Collor, como é o caso da marchinha de estudantes mineiros, que dizia “Dr. Hélio Garcia, qual é a posição? Apoiar o impeachment, ou está do lado do ladrão?”⁸⁶, cobrando o governador de Minas Gerais e a paródia que usava a melodia da marchinha “As Águas Vão Rolar”, “O Collor vai ganhar/ uma passagem pra sair desse lugar. Não é de carro nem de trem nem de avião/ é algemado/ num camburão/ êta Collor ladrão”⁸⁷.

O repertório musical dos estudantes era amplo e contava com diversos estilos, como indica a *FSP* de 26/08, ao publicar que as mobilizações em Vitória eram ao som de lambada e reggae⁸⁸. As manifestações não só contavam uma gama de músicas sendo reproduzidas pelos carros de som e cantadas pelas multidões, mas também com ocasionais shows de artistas como Margaret Menezes⁸⁹ e de Fafá de Belém⁹⁰, que frequentemente estava presente nas manifestações e cantava, entre outras músicas, o hino nacional. No *OESP*, uma nota afirma que 5 mil estudantes de Campinas participaram de uma manifestação no interior paulista que contou com a animação de uma banda de rock. Segundo *O Globo*⁹¹, um show precedeu a vigília que estudantes cariocas fizeram para aguardar o início da votação do relatório da CPI, marcada para o dia seguinte ao ato. Ainda na mesma reportagem, a manifestação em Curitiba é descrita da seguinte forma,

A passeata dos estudantes foi marcada pela descontração. Todas as palavras de ordem e músicas puxadas pelos três caminhões de som eram bem humoradas. Os estudantes, vestidos de preto e com o rosto pintado de preto verde e amarelo, encerraram a passeata cantando o hino nacional (*O Globo*, 26/08/1992, p.9).

⁸⁴ *O Estado de S. Paulo*, 26/08/1992, p.6

⁸⁵ *O Estado de S. Paulo*, 26/08/1992, p.6

⁸⁶ *O Estado de S. Paulo*, 26/08/1992, p.6

⁸⁷ *O Estado de S. Paulo*, 26/08/1992, p.13

⁸⁸ *Folha de S. Paulo*, 26/08/1992, p.15.

⁸⁹ *Folha de S. Paulo*, 17/08/1992, p.13

⁹⁰ *O Globo*, 26/08/1992, p.8

⁹¹ *O Globo*, 26/08/1992, p.9

O Estado de São Paulo, em nota, afirma que uma manifestação em Recife, composta por “estudantes, sindicalistas, donas de casa, grupos feministas, associações de moradores, partidos de oposição e alguns políticos”, havia sido animada por trios elétricos e orquestras de frevo⁹².

Para compor a trilha sonora dos CP, um rap intitulado “rap do Fernandinho” fez sucesso e acabou se tornando muito popular nas manifestações; a música havia sido composta em 1991 por um jovem de 23 anos. Em 31/08 a *Folhateen*⁹³ publicou na íntegra o Rap do Fernandinho (Figura 33), que continha versos como “Fernando, Fernandinho, Dinho/ Toma cuidado pra não dá bandeira/ Fernando, Fernandinho, Dinho/ Cê sabe que não é flor que se cheira/ Mas que cê cheira, cheira/ Eu tô ligado”.

Figura 33 - RAP do Fernandinho

RAP DO FERNANDINHO	
Refrão: Fernando, Fernandinho, dinho desde pequeno sempre rap dinho	Fernando, Fernandinho, dinho Lá vai Roberto com ele no lombo Fernando, Fernandinho, dinho Quanto mais alto maior o tombo
Seu pai lhe ensinava todo dia A fazer sempre tudo na carreira Gatilho mais ligeiro do Senado Problema é que não tinha pontaria Baixava todo mundo na cadeira Chovia bala para todo lado	Refrão Fernando, Fernandinho, dinho De patinete, bicicleta, a pé Fernando, Fernandinho, dinho . Vai contra o vento; vai contra a maré Fernando, Fernandinho, dinho De jet ski ou de submarino Fernando, Fernandinho, dinho Estufa o peito para cantar o hino
Refrão Seu pai lhe ensinava todo dia A fazer certo tudo que é errado Não adiante ter aquilo roxo Tem que ter aquilo duro pra dizer que é macho	Refrão Fernando, Fernandinho, dinho Toma cuidado pra não dá bandeira Fernando, Fernandinho, dinho Cê sabe bem que não é flor que se cheira Mas que cê cheira, cheira Eu tô ligado
Fernando, Fernandinho, dinho Desde pequeno sempre mimadinho	
Fernando, Fernandinho, dinho Ficou amigo do Bob Marinho Fernando, Fernandinho, dinho Sempre pensando na próxima posse Fernando, Fernandinho, dinho Toma cuidado com a ejaculação precoce	Refrão Fernando, Fernandinho, dinho Vai numa boa sem fugir da raia Fernando, fernandinho, dinho Nadando desse jeito vai morrer na praia

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 31/08/1992, *Folhateen*, p.2

A partir da documentação, é possível perceber que a presença de músicas era frequente em todo o país, não apenas em uma região. Atribui-se a isso, as mesmas características atribuídas aos próprios estudantes e à juventude mobilizada daquele período: irreverência, apelo cômico, descontração e, ainda assim, atitude mobilizadora.

⁹² *O Estado de S. Paulo*, 26/08/1992, p.6

⁹³ *Folha de S. Paulo*, 31/08/1992, *Folhateen*, p.2

A intensidade e importância das músicas nas manifestações faz retomar o caráter social das mobilizações dos CP, que se tornaram, além de ambientes políticos, em que a pressão para o impeachment era o objetivo, lugares de diversão, flerte, encontro de amigos, socialização e *point* para conhecer novos jovens. A esse respeito, uma nota na *OESP* diz que, conforme os jovens iam chegando ao Vale do Anhangabaú para a passeata do dia 25/08 e se reunindo na região, “era a hora de namorar e tocar violão. Um grupo de caras pintadas formou um grande círculo para brincar com uma bola de vôlei. Quando o sistema de alto-falantes atacou o rock “Comida”, dos Titãs, o Anhangabaú virou uma discoteca ao ar livre” (*O Estado de S. Paulo*, 26/08/1992, p.13).

Tamanha musicalização do movimento não é característico dos movimentos estudantis de forma geral, e sim, ao que parece, do próprio movimento dos Caras Pintadas, naquele momento específico, considerando sua constituição. Vale lembrar que o ambiente foi pacífico e inclusive contava com a quietude da Polícia Militar, que em nenhum momento reprimiu as manifestações, facilitando com que os manifestantes levassem até violões para as passeatas e mantivessem essa característica de musicalidade, já que não havia ambiente de ocorrência de repressão policial.

Apesar do fator musical não ser similar ao de outros movimentos estudantis, os slogans e palavras de ordem dos CP, tinham as mesmas características que as de outros períodos históricos, sendo alguns deles clássicos presentes em outras mobilizações anteriores, como as de 1968, mas vários autorais, como as paródias feitas com música como “Al Capone”, de Raul Seixas e a marchinha “As águas vão rolar”.

Slogan é, por definição, “uma frase ou sentença que define as qualidades do produto. Um slogan é uma frase de fácil memorização usada em contexto político, religioso ou comercial como uma expressão repetitiva de uma ideia ou de um propósito” (Queiroz; Manhanelli, 2009, p.235). Ainda de acordo com os autores,

O slogan funciona mais pelo seu significante do que pelo seu significado. Do ponto de vista das representações discursivas o slogan assenta mais no seu caráter mobilizador e instrumental e menos na sua capacidade de esclarecimento, do ponto de vista informacional. O slogan contém em si, geralmente a ideia do todo do produto político que procura promover, mas isso não significa que tenha, necessariamente, que remeter para o ideário político e ideológico da força política em causa (Queiroz; Manhanelli, 2009, p.246).

Eram escritos em faixas, proferidos oralmente durante as manifestações e divulgados nos periódicos que cobriam as passeatas e tinham o objetivo de sintetizar as intenções do grupo naquele momento, divulgando as pautas de maneira objetiva e direta. É possível agrupar os slogans dos Caras Pintadas em 5 grupos, sendo eles os que falam

sobre estudantes e movimento estudantil (Quadro 4), os que têm como tema outros personagens da CPI e da vida de Fernando Collor (Quadro 5), os que fazem referência a momentos e evidências específicas do processo de investigação (Quadro 6), os que abordam as reivindicações do movimento (Quadro 7) e, por fim, os que ataquem Collor, não necessariamente pelas denúncias em si (Quadro 8).

No primeiro grupo estão enquadrados os slogans que falam sobre o renascimento do movimento estudantil, sobre o poder que os estudantes têm ao se mobilizar, um apelo à possibilidade de estudar, tendo em vista a flexibilização das regras da cobrança das mensalidades, que levou a uma grande evasão das universidades e à crise da economia, que também teve impacto na educação, principalmente na rede privada de escolas, e até uma crítica às políticas do governo Collor que afetou a renda familiar dos estudantes.

Quadro 2. Palavras de Ordem: Movimento Estudantil

“Ô Collor, ô seu bundão, os estudantes vão erguer essa nação”

“Estudante unido derruba o Collorido”

“1, 2, 3, 4, 5 mil, está renascendo o movimento estudantil”

“Não vai dar, assim não vai dar, queremos estudar e o Collor não quer deixar”

“Ô Collor, almofadinha, os estudantes vão botar você na linha”

“Se o congresso não aprovar, os estudantes vão derrubar”

“1, 2, 3, 4, 5 mil, o bolso do meu pai não é o Banco do Brasil”

Fonte: O Estado de S. Paulo, 17/05/1992, p.5; Veja, 26/08/1992, p.35; O Globo, 12/08/1992, p.6

Os slogans e palavras de ordem do segundo quadro referenciam outros personagens que compunham a CPI que investigava as denúncias contra o então presidente e também pessoas da vida íntima de Collor, como sua esposa Rosane Collor.

No caso da cômpute de Fernando Collor, surgiram indícios, no decorrer da investigação, que a apontava como tendo sido favorecida pelos esquemas corruptos do marido, uma vez que PC Farias havia pago despesas pessoais da primeira-dama, além disso, Rosane foi acusada de fraude, peculato e corrupção passiva à frente da Legião Brasileira de Assistência (LBA).

Em relação a Paulo Maluf, citado em um dos slogans, a acusação era de que o político só havia deixado de apoiar Fernando Collor em decorrência da aproximação das eleições municipais de São Paulo, temendo que, se se mantivesse aliado ao presidente investigado, perderia votos, correndo o risco de perder a eleição. O então governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, foi um dos últimos governadores a se posicionar contra Collor e, por isso, também sofreu com a pressão popular. Marcílio Marques Moreira, também citado pelos estudantes, ocupou o cargo de Ministro da Fazenda do Brasil entre

maio de 1991 e outubro de 1992 e era cobrado pelas decisões no que tangia a crise econômica que assolava o país.

Por fim, os estudantes também mencionaram os eleitores de Collor, que enfrentavam os efeitos da crise, cobrando o voto dado ao então presidente.

Quadro 3. Palavras de ordem: Outros personagens

“Roseane, que coisa feia, vai com o Collor pra cadeia”
 “Maluf, vacilão largou o Collor só por causa da eleição”
 “Marcílio, ô seu careca, foi o PC que pagou sua cueca”
 “Dona Rosane, que coisa feia, 9 milhões em calcinha e meia”
 “Dona Roseane, que coisa feia, vai preparando o modelito da cadeia”
 “PC, PC, vai pra cadeia e leva o Collor com você”
 “Agora sim, vocês vão ver, é fora Collor, Marcílio e PC”
 “É ou não é, piada de salão, o governador do Rio, apoiando um ladrão”
 “Você descamisado, pé no chão, passando fome, bem feito! Quem mandou votar no homem?”

Fonte: Folha de S. Paulo, 15/08/1992, p.6; O Globo, 15/06/1992, p.3; IstoÉ, 26/08/1992, p.41

Os slogans nos quais os estudantes apontavam algum momento do processo de investigação mencionam os jardins da Casa da Dinda, residência oficial de Fernando Collor, que surgiu como possível indício de uso indevido do dinheiro, considerando a estimativa milionária de custo para sua construção, o esquema de lavagem de dinheiro de PC Farias, a investigação de Rosane Collor à frente da LBA, além da própria CPI.

Quadro 4. Palavras de ordem: Que mencionam o processo

“Minha gente, no jardim da corrupção, PC plantou dólares de montão, nasceram cinco cachoeiras, e carpas do Japão”
 “Porque roubou, roubou por quê? Porque o viado tinha o esquema do PC”
 “Eu não quero nem saber, a cabeça vai rolar, ele rouba em Brasília e ela na LBA, cadeia já!”
 “Vai acabar, vai acabar, essa mania de roubar”
 “É Fernandinho, vê se te orienta, já sabem do teu furo no imposto de renda”
 “Ai, ai, ai, ai, tá chegando hora, a CPI tá botando os podres pra fora e o Collor já vai embora”

Fonte: O Globo, 17/08/1992, p.8; IstoÉ, 26/08/1992, p.41; O Estado de S. Paulo, 17/05/1992, p.5

Em relação aos slogans de reivindicação e ameaça, estes consistem naqueles que faziam alguma exigência, pautavam os objetivos do movimento e também determinavam consequências para o caso de não serem contemplados, como no slogan “Se o Collor ficar lá, o povo vai parar”. As exigências, no geral, eram em relação à prisão de Collor, sua renúncia ao cargo de Presidente da República, a prisão de Paulo César Farias e Rosane e eleições gerais.

Quadro 5. Palavras de ordem: De reivindicação e ameaça

“A sua história, o Collor, não cola. Sabemos que você é ladrão. Já passou a hora, renuncia agora. O seu lugar é na prisão”

“Justiça dobrada. Collor na cadeia e Roseane sem mesada”

“Fora Collor, mas devolve o dinheiro antes”

“Ah-ah, uh-uh, queremos Collor no Carandiru”

“Ê, ê, ê, quero cadeia para Collor e PC”

“tá, tá, tá, tá na hora, de pôr o Collor pra fora, já roubou, arrochou demais, queremos eleições gerais”

“Se o Collor ficar lá, o povo vai parar”

“Ai, ai, ai, ai, se chacoalhar o Collor cai”

“Ai, ai, ai, ai, empurra que ele cai”

“Chora Fernandinho, Fernandinho chora que chegou a sua hora”

Fonte: IstoÉ, 26/08/1992, p.41; O Estado de S. Paulo, 17/05/1992, p.5; Veja, 26/08/1992

Por fim, o último grupo de slogans não fazia referência direta a nenhuma denúncia específica, nem declarava nenhum dos objetivos do movimento estudantil propriamente dito. Tratavam diretamente da pessoa do presidente, insinuando o polêmico e incerto vício em cocaína que o presidente havia tido na adolescência, que fora anunciado por Pedro Collor em entrevista à *Veja*⁹⁴ e desejando o afogamento do então presidente na cachoeira, em referência à queda d'água da piscina da Casa da Dinda.

Quadro 6. Palavras de ordem: Ataque a Collor

“Tira o Collor da cadeia e afoga na cachoeira”

“Cheira Fernandinho, Fernandinho cheira, cheira Fernandinho, por que acabou a sua carreira”

“Derruba Senhor, derruba Senhor, derruba o Fernandinho cheirador”

Fonte: O Globo, 15/06/1992, p.3; O Globo, 12/08/1992, p.6

A partir dos slogans é possível perceber, também, a irreverência dos estudantes. Segundo o dicionário Silveira Bueno (2000), publicado oito anos após as mobilizações, irreverente tem como significado “desatencioso; incivil; zombeteiro; gozador”. O Dicionário Online de Português⁹⁵ complementa com “Quem usa de sátira ou se comporta de maneira descontraída diante de uma situação séria; descontraído, descolado, informal, relaxado”. Tendo em vista estas definições e a documentação apresentada, conclui-se que irreverente foi um adjetivo atribuído aos estudantes pois escolherem, enquanto movimento estudantil organizado, expressar seu descontentamento com o presidente de forma cômica, fazendo uso de músicas, slogans, paródias, sátiras, fantasias, alegorias, intervenções artísticas, entre outros.

⁹⁴ *Veja*, 27/05/1992, p.25.

⁹⁵ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/irreverente/>. Acesso em jul/2021.

A irreverência já mencionada dos jovens transparecia, de forma visual, em sua forma de representar o que sentia e pensava, durante as passeatas. Adereços, fantasias, bonecos gigantes e performances eram extremamente frequentes nas mobilizações; na *FSP* do dia 22/08⁹⁶ uma lista de fantasias encontradas nas manifestações conta com cachorros vestidos de preto, fantasias de palhaços, gaiolas com bonecos de Collor e PC, entre outros. A *Veja* do dia 26/08⁹⁷ completa a listagem mencionando a presença de pirulitos gigantes com “Xô Collor” escrito, venda de “mãos de corruptos” (mãos de manequins) com os nomes Collor e PC inscritos, fantasias de fantasmas, mentirosos com narizes de espuma, lavadeiras da dinda, bonecos de arame de Collor e PC vestidos de presidiários que mexem as mãos como quem rouba, ratazanas de bigode e óculos (como os de PC), enterros simbólicos de Collor com caixão decorado com Rosanes⁹⁸, PCs, dólares e porquinhos (Figura 34). Na mesma data, no *O Globo*⁹⁹, a manifestação é comparada com o carnaval, segundo o jornal a “comissão de frente” do movimento era formada por jovens vestidas de presidiárias, houve presença de ala das baianas e de bumba meu boi, além de uma atriz encenando Roseane que distribuía dinheiro de brinquedo para “comprar o silêncio” daqueles à sua volta.

⁹⁶ *Folha de S. Paulo*, 22/08/1992, p.9

⁹⁷ *Veja*, 26/08/1992, p.36

⁹⁸ Roseane Collor, esposa de Fernando Collor e primeira-dama do Brasil.

⁹⁹ *O Globo*, 26/08/1992, p.8

Figura 34 - Irreverência nas manifestações



Fonte: *Veja*, 19/08/1992, p.20-21

Como forma de intervenção artística, Chico Chaves colocou olhos na estátua da Justiça no STF, como símbolo de que a justiça deveria olhar com mais atenção para Collor e seus desvios de conduta, que passasse a enxergar os crimes por ele cometidos. Por ser considerado depredação do patrimônio público, um menino que estava na manifestação teve que retirá-los, desmontando a intervenção (*Veja*, 19/08/1992, p.20). Além disso, manifestantes carregavam cofres de porco, tradicionais, fazendo alusão à melhor forma de guardar o dinheiro que recebiam, em decorrência do confisco de Collor, carregavam cheques gigantes que referenciavam as grandes quantias de dinheiro com as quais PC Farias pagou as contas pessoais de Rosane e as muitas cifras utilizadas para cobrir os custos da construção do jardim da Casa da Dinda, por exemplo.

Outra característica do movimento CP eram os símbolos que os caracterizavam como manifesto estudantil. Uma coluna intitulada “A revolta das mochilas” afirma que,

O segredo foi desvendado. Os estudantes dos anos 90 estão carregando nas mochilas o peso da responsabilidade de mudar o país. A velha companheira de pano ou nylon, por mais surrada que esteja, tem acompanhado seu dono a cada passeata, a cada manifestação. Ainda cheirando a sala de aula, a mochila invadiu as ruas, e deu um charme especial aos recentes movimentos. É a “revolta das mochilas”. No começo era um fardo, agora é mais útil do que nunca [...] Práticas, as mochilas podem carregar muito mais coisas que livros. Ultimamente elas têm carregado sonhos (*O Globo*, 22/08/1992, p.8).

Ainda na mesma coluna um manifestante secundarista relata: "Hoje não tive aula, mas trouxe minha mochila assim mesmo. Dentro dela tem uma camisa “Fora Collor””. Outro símbolo de característica estudantil, o uniforme escolar era frequente nas mobilizações. O uniforme aparece no *O Globo*, que descreve os manifestantes de acordo com os diversos símbolos aqui analisados, “De uniforme ou roupa preta, rostos pintados, cantando paródias de músicas populares com letras alteradas, eles começaram às 11h da manhã na Candelária [...]”¹⁰⁰. A *FSP* segue o mesmo padrão de descrever a mobilização a partir dos símbolos dos manifestantes,

Predominaram, mais uma vez, os “teens” da rebeldia. Estudantes de primeiro, segundo e terceiro graus, do Rio, de Niterói e das cidades da Baixada Fluminense, cantaram músicas e gritaram slogans contra o presidente. O preto foi a cor preferida nas faixas e roupas. Mas o verde-e-amarelo apareceu nos rostos pintados para “guerra” e em pequenas faixas amarradas nos braços. Muitos usavam uniformes de colégios” (*Folha de S. Paulo*, 22/08/1992, p.8).

Considerando que muitos estudantes saíam da escola direto para as manifestações, a presença de itens tão característicos do ensino básico não é surpreendente.

Um trecho de uma reportagem do *OESP*, sintetiza vários dos símbolos do movimento CP,

Estudantes do Rio pararam o centro da cidade ontem durante uma manifestação pró-impeachment do presidente Fernando Collor. Com bandeiras e faixas vermelhas, brancas, pretas e verde-amarelas, os novos rebeldes da geração dos shoppings, dos games e das mochilas nas costas se organizaram em alas, com as cores de seus colégios, e desde cedo ensaiaram palavras de ordem. No rosto de cada um, a expressão da rebeldia e caretas e pinturas a batom ou guache (*O Estado de S. Paulo*, 22/08/1992, p.15).

Mercantilização do movimento dos caras-pintadas

A eloquência dos jovens e a popularidade das mobilizações atingiu tal *status* que passou a ser utilizada, também, como campanha publicitária de algumas marcas e companhias. Na edição do dia 30/08 da *Veja*, a empresa Jhonson & Jhonson utilizou-se

¹⁰⁰ *O Globo*, 22/08/1992, p. 8

da imagem e do nome dos CP para promover sua nova linha de algodões “Face-up”, produto desenvolvido para limpar a maquiagem e a tinta do rosto dos estudantes.

Já a associação brasileira de shoppings, na mesma edição, prestou uma homenagem aos estudantes, com a mensagem “Geração shopping center – A geração que não aceita rótulos saiu dos shoppings, foi para as ruas e entrou para a história. O nome dela agora é Brasil” (Veja, 30/09/1992, p.53-54).

Já a agência de propaganda Colucci utilizou uma imagem das manifestações para expressar seu agradecimento na *IstoÉ*¹⁰¹, com uma mensagem que dizia “Obrigado, minha gente. Motoristas, secretárias, jornalistas, juristas, estudantes, empresários, donas de casa, trabalhadores. Este Brasil novo está nas nossas mãos. Bom trabalho” (imagem 34).

Figura 35 - Caras Pintadas nas propagandas



Fontes: *Veja*, 30/09/1992, p.47; *Veja* 30/09/1992, p.53-54; *IstoÉ*, 2/09/1992, p.30

Além disso, segundo reportagem da *Veja* do dia 26/08¹⁰², lojas passaram a anunciar o “impeachment nos preços”, casas noturnas passaram a nomear suas festas como “impeachment dance”, entre outros usos da imagem dos CP para fins de divulgação.

O uso do movimento nas propagandas, com fim de *marketing*, estabelecia uma relação de causa e consequência a ser analisada. A decisão de retratar o movimento partia do objetivo, assim como qualquer decisão de *marketing*, de atingir um determinado público que passasse a consumir o que estava sendo publicizado. No caso das campanhas da imagem 34, pautava-se em aumentar as vendas do algodão da Johnson & Johnson,

¹⁰¹ *IstoÉ*, 02/09/1992, p.30

¹⁰² *Veja*, 26/08/1992, p. 32

incentivar que jovens continuassem frequentando shoppings centers, e divulgar a própria agência de publicidade, respectivamente.

As campanhas se pautavam não só nos estudantes que constituíam o movimento, mas no fato de que os Caras Pintadas foram amplamente apoiados pela sociedade; ir contra os estudantes era o equivalente a apoiar Fernando Collor de Mello, e, portanto, os anúncios que utilizavam a juventude mobilizada abrangia praticamente toda população, constituindo, portanto, a causa para o uso da imagem dos CP.

As consequências deste uso são duas. Uma direta e objetiva, que cumpria as funções para as quais haviam sido criadas, de vender coisas, instituições e estilos de vida. A segunda, mais subjetiva, dizia respeito à forma com a qual a população jovem reagia às propagandas juvenis. Ao estampar em jornais, revistas e na televisão, os rostos de jovens Caras Pintadas, apoiando e incentivando o movimento, as propagandas acabavam por agir como disparadoras de vontades, despertando nos jovens que ainda não participavam do movimento o ímpeto de também frequentar às passeatas e fazer parte daquele momento. Além disso, auxiliavam por agendar o tema na população, fazendo com que as mobilizações ganhassem mais força e mais apoio social. Esta segunda consequência não é inédita. Segundo Braghini (2015), esta era uma questão que já estava em pauta na geração de 1968,

Por um lado, os estudantes eram “ingênuos” por dois motivos: aceitarem o fato de que a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão, o teatro, a “propaganda sensacionalista” terem adentrado no seu universo de referências; terem se transformado em “instrumento de propaganda”. Para Alfredo Gomes [apud Braghini, 2015], houve o reconhecimento de que os jovens tinham se transformado em difusores de mensagens advindas de diferentes formas de mídias e expressões artísticas (Braghini, 2015, p.176).

A construção das propagandas, no geral, apela para o lado emocional e passional do seu público alvo, e isso não era diferente das que tinham como tema ou inspiração os CP. Isso representa envolver, na estrutura da peça publicitária que seria divulgada, os sentimentos gerais que envolviam aquele período, como a sensação de esperança, de justiça, de renovação, de irreverência, derivados da revolta com aquilo que deveria ser combatido. Nos casos da propaganda da Associação Brasileira de Shoppings, por exemplo, o foco estava direcionado especificamente para os jovens e usava do estereótipo atribuído a eles, o da “Geração Shopping Center”, para criticar a vinculação de rótulos que, naquele momento, começavam a cair por terra. Ao utilizar a sentença “O nome dela [da geração Shopping Center] agora é Brasil”, a Associação reconhece os jovens como o futuro do país e, portanto, lhes atribui a responsabilidade e a esperança de mais melhorias.

Ao passo que a Agência Colucci tinha um objetivo mais generalista, incluindo outros grupos como sendo seu público alvo, mesmo usando uma foto que retratava uma mobilização estudantil. Com a frase “Este Brasil novo está em nossas mãos”, a agência se coloca como, além de apoiadora, participante do movimento e indica que deseja permanecer relevante, no futuro do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento dos Caras Pintadas foi um movimento estudantil, ocorrido principalmente entre os meses de agosto e outubro de 1992, que tinha como objetivo o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello. Neste mesmo período outros setores da sociedade se mobilizaram em prol do mesmo objetivo e, por muitas vezes, os movimentos se apoiavam e coexistiam. O ME era constituído por estudantes secundaristas e universitários, segundo a imprensa, majoritariamente de escolas particulares, mas também com a presença do ensino público. Tinha muita aderência com a classe média daquele período e não pretendeu estabelecer vínculo direto com partidos políticos durante seu desenvolvimento.

As mídias no geral exerceram um papel muito significativo em vários âmbitos do movimento. Antes mesmo do início da mobilização, a forma como a imprensa retratava a juventude daquele período fez surgir um estigma de que se tratava de jovens alienados, desinteressados politicamente, individualistas, a “Geração Shopping Mall”. A esse respeito, é importante frisar que as mídias não tinham como pauta representar toda juventude de 1992, considerando que os jovens pobres, negros, de periferia, que frequentavam o ensino público raramente eram mencionados nas reportagens veiculadas. Mesmo levando em consideração esta ressalva, os jovens que chegavam a estampar as notícias eram frequentemente alocados dentro do estereótipo mencionado.

A partir do início do movimento, a forma como os jovens estudantes eram pautados nas mídias começou a sofrer uma alteração, a princípio em tom de surpresa e dúvida, as reportagens passaram a cogitar, as vezes em forma de texto literal, que haviam representado mal a juventude até então. O foco das pautas foi deslocado, então, para também noticiar as manifestações estudantis, atribuindo aos jovens a responsabilidade e a esperança de um futuro melhor. Não devemos nos esquecer, no entanto, que esse processo caminha em paralelo com as próprias determinações dos aparelhos de poder que também determinavam o fim do governo Collor.

Ao pautar as mobilizações dos CP, as mídias passaram a apresentar o movimento como sendo alegre, desenvolto, irreverente, atribuindo ao ME as mesmas características utilizadas para descrever a juventude, acentuando, por vezes, o aspecto social que foi atribuído às passeatas, inclusive no que diz respeito ao flerte entre jovens, ao mesmo tempo em que reconheciam o interesse e a consciência política que os estudantes apresentavam e sua força de mobilização, por vezes passando a sensação de que uma

contradição fora criada: em um primeiro momento foram desmoralizados e, depois, exaltados.

A forma cômica com a qual os jovens escolhiam se portar foi um dos símbolos que ficaram marcados como sendo característicos daquele movimento, considerando que era comum que houvesse fantasias, alegorias, adereços, entre outros, compondo as manifestações. Outro desses símbolos foi o uso das cores pelos jovens, tanto no uso das tintas para pintar o rosto, quanto para expressar sua sensação de luto e posterior resgate, ou procura, das cores nacionais que haviam sido reclamadas por Collor. A musicalidade daquela geração também ficou marcada; para além de algumas composições símbolo, a presença de música nas manifestações era constante, inclusive contando com shows nas passeatas. De tempos em tempos, os jovens e seus movimentos estudantis inventam ações, como vimos no texto da investigação. Talvez, o movimento musical tenha sido a marca desse movimento. Trazer música, em diferentes sentidos, foi uma marca deste movimento em questão.

Por fim, é possível concluir que a relação entre mídia e as manifestações dos CP durante o processo de deposição de Fernando Collor de Mello é indissociável. Os telejornais e periódicos constituíram parte da pauta do movimento. De forma direta ou indireta, intencional ou não. Ao incentivar o início da organização do movimento, a partir da minissérie Anos Rebeldes, ao divulgar as datas e percursos das mobilizações, ao pautar de forma intensa o desenrolar do processo investigativo da CPI, agendando o tema na população, ao entrevistar estudantes que participavam das passeatas e publicar suas fotos, slogans, fantasias e paródias, mencionando seus nomes e escolas, e, talvez principalmente por isso, ao mudar a forma como a juventude era retratada na mídia, passando a produzir informação de tipo mais variado voltada a este público e, desta forma, permitindo que seus horizontes de legitimidade social fossem ampliados. A forma como a mídia lidou com os Caras Pintadas fez com que fosse interessante participar do movimento, fomentando a participação.

A juventude estudantil Cara Pintada, incluindo os jovens que não chegavam a ser estampados em jornais, por não pertencerem à classe média, ostensivamente apresentada, foram uma força para que o próprio processo político se consolidasse. A pressão social feita não só pelo CP mas também por outros movimentos organizados, como o sindical, por exemplo, fez com que o desenrolar do processo de investigação fosse acelerado e mantido até o final, resultando na renúncia e posterior impeachment de Fernando Collor de Mello, além de ter alcançado uma mudança na percepção social que a população tinha

a respeito dos interesses e da consciência dos jovens, que se mobilizaram, sem perder uma leveza e a graça, mostrando que, em determinados contextos, luta e diversão podem andar lado a lado.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. Padrões de manipulação na grande imprensa. São Paulo: **Editora Fundação Perseu Abramo**, 2003.

ALEGRIA, Alegria. [Compositor e intérprete]: Caetano Veloso. Cidade: Universal Music, 1968. Lado A, LP (34:54).

APEOESP: Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo: APEOESP. História da APEOESP. Disponível em: www.apoesp.org.br/o-sindicato/historia/#. Acesso em: 22 nov 2020.

ARAÚJO, Maria Paula. **Memórias Estudantis: da fundação da UNE até os nossos dias**. Ediouro Publicações, p. 256-264, 2007.

AZEVEDO, Fernando Antônio. PT, eleições e editoriais da grande imprensa (1989-2014). **Opin. Pública**, Campinas, v.24, n.2, p.270-290, Ago. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762018000200270&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 set. 2020. <https://doi.org/10.1590/1807-01912018242270>

BARBOSA, A. A (des)articulação do Movimento estudantil (década de 80 e 90). **Educação: teoria e prática**, vol 10, n.18/19, p 5-14, 2002.

BELTRAME, Vanessa. Cidadania e noticiabilidade: o protesto como conflito e infração nos jornais impressos brasileiros (1983-2013). 2017. 426 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BRAGHINI, Katya. **Juventude e Pensamento Conservador no Brasil**. São Paulo: Educ: Fapesp, 2015.

BRINGEL, B. Ciclos de protesto e lutas estudantis no Brasil. **Revista Perspectiva Histórica**, v. 2, p. 29-43, 2012.

BRINGEL, B. O futuro anterior: continuidades e rupturas nos movimentos estudantis do Brasil. **Eccos. Revista Científica**, v. 11, p. 97-121, 2009

BUENO, Silveira. Minidicionário da Língua Portuguesa – Ed. Ver. E atual. São Paulo: FTD. 2000

CAMPOS, Raquel Discini de. Mulheres e Crianças na Imprensa Paulista (1920-1940): representação e história. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, 2007.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

GOHN, Maria da Glória. Lutas e Movimentos pela Educação no Brasil a partir de 1970. **Eccos Revista Científica**, n. 1, v.II, p.23-38. Jan./jun., 2009.

HOHLFELDT, Antonio. Os estudos sobre a hipótese de agendamento. Porto Alegre: **Revista Famecos**, n. 7, p. 42-51, nov. 1997.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro *Fontes Históricas* como fonte *IN*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 9-21

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. (Orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008

MANNHEIM, Karl. 1982. O problema sociológico das gerações, In: FORACCHI, Marialice M. (org.). **Mannheim**, Col. Grandes Cientistas Sociais – 25, São Paulo: Editora Ática, pp. 67-95.

MARTUSCELLI, Danilo Enrico. As lutas contra a corrupção nas crises políticas brasileiras recentes. **Crítica e Sociedade**: revista de cultura política, Uberlândia, v.6, n.2, p.4-35, 2016.

MEMÓRIA do Movimento Estudantil. Direção de Silvio Tandler. Rio de Janeiro: Petrobras, 2007. Documentário (53 min.). Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/131308?show=full>>

MIRA, Celeste. O leitor e a banca de revistas. São Paulo: **Olho D'água/FAPESP**, 2003.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos, redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, n.5, p.134-150. mai/jun./jul./ago.,1997. Disponível em: <http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_13_ANN_MISCHE.pdf>. Acesso em: 20 abr 2019

MISCHE, Ann. *Partisan publics: communication and contention across Brazilian youth activist networks*. **Princeton**, Princeton Univ. Press, 2007.

MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena Rolim. **História da Folha de S. Paulo (1921-1981)**. São Paulo: Impres, 1981.

MULLER, Angélica. O Movimento Estudantil na resistência à Ditadura Militar (1969-1979). Rio de Janeiro: Garamond; Faperj, 2016.

NAPOLITANO, M. A História depois do papel *IN*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 235-289.

PARIS, Mary Lou. **A educação no Império**: o jornal *A Província de São Paulo* 1875-1889. Dissertação de Mestrado da FEUSP, 1980.

PEREIRA, Lauro Ávila. As revistas Istoé e Veja na transição política brasileira (1976-1984). 2017. 322 f, Tese (Doutorado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

PUJOL, Marcus Vinicius Comenale. O impeachment de Fernando Collor: aspectos econômicos, políticos e jurídicos que levaram à queda do presidente. 2017. 292 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

QUEIROZ, Adolpho; MANHANELLI, Carlos. Breve História dos Slogans Políticos nas Eleições do Brasil Republicano. **Signos do Consumo**, v.1; n.2, p.235-253, 2009.

SOULAGES, François. **Estética de la fotografia**. Buenos Aires: La Marca, 2005.

SOUZA SANTOS, Jordana de. O movimento estudantil na “democratização”: crise na era Collor e neoliberalismo. 2018. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018.

TASCHNER, Gisela. **Folhas ao vento**: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 12.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Volume 1, 2. Ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VEYNE, Paul. Como se escreve a história. Brasília: UNB, 1998.

VILLA, Marco Antônio. **Collor Presidente**: trinta meses de turbulência, reformas, intrigas e corrupção. Rio de Janeiro: Record, 2016.

XUXA Especial de Natal – Lar dos Idosos. Central Globo de Produção, 1992.
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9tkLiz6_wlM. Acesso em: jul, 2021.

ANEXO 2 – MÚSICA “ALEGRIA, ALEGRIA”

Alegria, Alegria

Composição e Intérprete: Caetano Veloso
Universal Music, 1968

Caminhando contra o vento

Sem lenço e sem documento

No Sol de quase dezembro

Eu vou

Eu tomo uma Coca-Cola

Ela pensa em casamento

E uma canção me consola

Eu vou

O Sol se reparte em crimes

Espaçonaves, guerrilhas

Em cardinales bonitas

Eu vou

Por entre fotos e nomes

Sem livros e sem fuzil

Sem fome, sem telefone

No coração do Brasil

Em caras de presidentes

Em grandes beijos de amor

Em dentes, pernas, bandeiras

Bomba e Brigitte Bardot

Ela nem sabe, até pensei

Em cantar na televisão

O Sol é tão bonito

Eu vou

O Sol nas bancas de revista

Me enche de alegria e preguiça

Quem lê tanta notícia?

Eu vou

Sem lenço, sem documento

Nada no bolso ou nas mãos

Eu quero seguir vivendo, amor

Eu vou

Por entre fotos e nomes

Os olhos cheios de cores

O peito cheio de amores vãos

Eu vou

Por que não? Por que não?

Por que não? Por que não?

Por que não? Por que não?

Por que não? Por que não?

Ela pensa em casamento

E eu nunca mais fui à escola

Sem lenço e sem documento

Eu vou